

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DA EDUCAÇÃO



**“Grão de Mostarda: Gerar, Desenvolver e Colher em Comunidade”
Uma Proposta de Formação para Catequistas**

Ana Inês de Oliveira Colares

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Formação de Adultos

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DA EDUCAÇÃO



“Grão de Mostarda: Gerar, Desenvolver e Colher em Comunidade”
Uma Proposta de Formação para Catequistas

Ana Inês de Oliveira Colares

Trabalho de projecto orientado pela
Professora Doutora Paula Guimarães

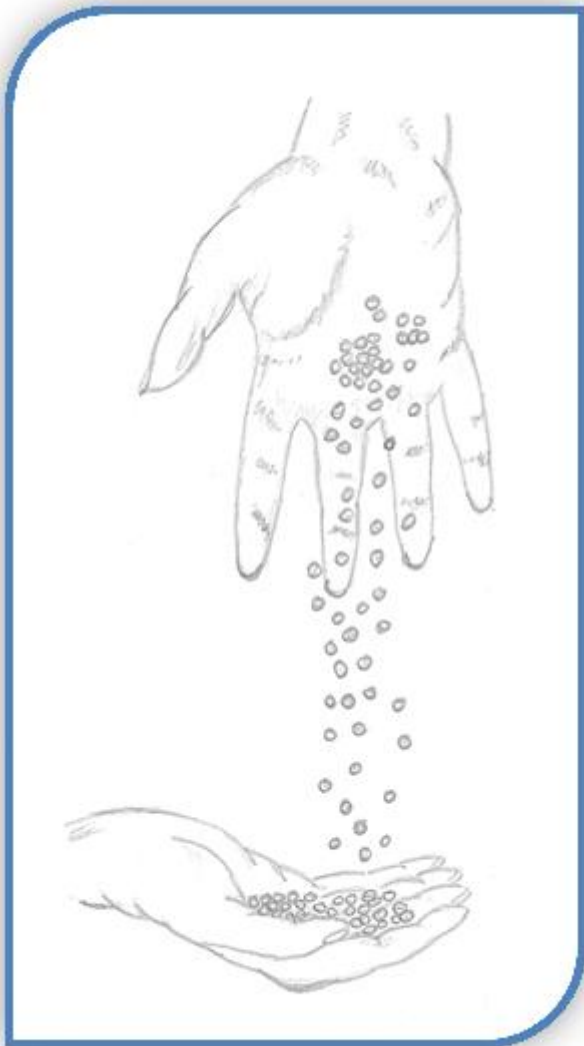
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Formação de Adultos

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DA EDUCAÇÃO



*Grão de Mostarda: Gerar,
Desenvolver e Colher em
Comunidade*

Uma Proposta de Formação para Catequistas



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Ana Inês de Oliveira Colares

Trabalho de projeto orientado pela
Professora Doutora Paula Guimarães

**MESTRADO EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Área de Especialização em
Formação de Adultos

2013



Resumo

O objectivo do presente trabalho é desenvolver um projeto de formação dirigido aos catequistas da paróquia de São João Baptista das Lampas.

Para a identificação das problemáticas a abordar foi realizado um diagnóstico de problemas e necessidades de formação. Com base nos resultados obtidos foram identificados três problemas: condicionantes para a participação dos catequistas na formação; necessidades de formação dos catequistas; fraco envolvimento das famílias na formação cristã das crianças.

Com o intuito de suprimir os problemas assinalados considerou-se pertinente que o projeto de intervenção “Grão de Mostarda: Gerar, Desenvolver e Colher em Comunidade” fosse composto por dois eixos de intervenção.

Um primeiro eixo de intervenção “Gerar em Comunidade” destina-se aos catequistas, tendo por finalidade o desenvolvimento de competências e o aprofundamento de conhecimentos em diversas áreas, tais como, a pedagogia, psicologia, catequética e doutrina. Para este eixo propõe-se a constituição de uma comunidade de partilha na qual se tenciona promover a reflexão e a partilha de experiências entre pares. Esta comunidade de partilha estará baseada em sessões presenciais e em atividades desenvolvidas num espaço *online*.

O segundo eixo de intervenção “Desenvolver e Colher em Comunidade”, dirigido às famílias e à comunidade em geral, tem por finalidade o envolvimento destes na educação cristã de todos os indivíduos. Reconhecendo-se a importância das famílias no processo formativo das crianças, optou-se por propor dois tipos de atividades: atividades que incluem a comunidade, e atividades que têm em vista a participação dos pais e outros familiares nas sessões de catequese. As atividades deste eixo serão organizadas e planeadas pelos catequistas e enquadram-se nas dinâmicas da animação social.

É de sublinhar que neste projeto se aplica a metodologia participativa e as lógicas da educação não formal, a fim de permitir a adequação do plano de atividades aquando da sua implementação.

Palavras-chave: Catequistas; Catequese; Educação formal; Educação informal; Formação de educadores de adultos; Experiência; Partilha; Tradições.



Uma Proposta de Formação para Catequistas

Abstract

The following work has as objective the construction and development of a training project for the catechists of São João das Lampas.

To identify the main problematics and training needs, we chose to perform a simple diagnostics that included interviews, surveys and observation of everyone involved. These yielded three main problems: constraints on the catechists' participation in the project; different interests and need of each individual; almost non-existent involvement of the family on the training of the Christian faith on children.

To help eliminate these problems, it was decided that it was relevant for “Grão de Mostarda: Gerar, Desenvolver e Colher em Comunidade” to have two intervention axes.

The first axis “Gerar em Comunidade” is for the catechists, and its main objectives are skill development and the better understanding of several different areas of knowledge, such as pedagogy, psychology, catechetical, among others. For this axis we propose a sharing community intended to promote reflection and experience sharing among participants. This community will feature social meetings and an online website where many activities will take place.

The second axis “Desenvolver e Colher em Comunidade” is for the families and the general community, and its main objectives are the involvement and participation of everyone in Christianity. Because families are so important and influence so much the training process of their children, two different sets of activities were defined for them. The first set is aimed at the general community while the second is aimed at the participation of parents and relatives in the catechism. The activities of this second axis are organized and planned by the catechists. These fall into the dynamics of social animation.

It is emphasized that this intervention project applies the participatory methodology and non-formal training, to allow for an adjustment and adaptation of its activities during its implementation.

Keywords for this page: Catechists; Catechesis; Non-formal education; Training of adult educators; Experience; Sharing; Traditions.



Uma Proposta de Formação para Catequistas



Agradecimentos

À professora doutora Paula Guimarães por me ter orientado nesta etapa importante do meu percurso académico, por ter acreditado em mim e no meu projecto, e ter incentivado sempre a continuar e a fazer melhor.

Aos catequistas e ao pároco da paróquia de São João Baptista das Lampas pela sua disponibilidade e colaboração para participar no desenvolvimento deste projeto.

Aos dois formadores de catequistas que contribuíram neste projeto através da partilha da sua experiência formativa, o que me ajudou a compreender as lógicas e dinâmicas da formação de catequistas.

Aos meus pais e irmãos por me terem dado esta oportunidade e, como sempre, me terem apoiado ao longo deste percurso.

Aos meus colegas e amigos que me acompanharam e incentivaram nesta fase da minha vida.

Muito obrigada!



Uma Proposta de Formação para Catequistas



Acrónimos

CA – Catequese de Adultos

CP – Catequese Paroquial

DACB – Departamento Arquidiocesano da Catequese de Braga

DGC – Diretório Geral de Catequese

DNPF – Diagnóstico de Problemas e Necessidades de Formação





Índice geral

Resumo	vii
Abstract	ix
Agradecimentos	xi
Acrónimos	xiii
Considerações iniciais	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	3
1. Os adultos e a educação	3
1.1 Alternativas à educação formal: educação não formal e informal	9
2. Os educadores de adultos e a sua formação	12
2.1 Modelos de educação de adultos e o perfil dos educadores	14
3. A Catequese	20
3.1 Catequese de adultos	23
3.2 O catequista como educador	24
3.3 A formação dos catequistas	26
Capítulo II - Diagnóstico de problemas e necessidades de formação	31
1. Objectivos do diagnóstico de problemas e necessidades de formação	31
2. Abordagem e técnicas de recolha de dados	32
2.1 Entrevista semiestruturada	32
2.2 Inquérito por questionário	34
2.3 Notas de campo	34
3. Apresentação e análise dos dados recolhidos	35
3.1 Apresentação e análise das entrevistas aos catequistas	36
3.2 Apresentação e análise da entrevista ao pároco	48
3.3 Apresentação e análise das entrevistas aos formadores	51
3.4 Apresentação e análise dos inquéritos por questionários	58
3.5 Apresentação e análise das notas de campo	66
4. Conclusões gerais	71



Capítulo III – Projeto de intervenção	77
1. Metodologia	78
2. Contextualização.....	79
2.1 Caracterização da freguesia.....	79
2.2 Caracterização da paróquia de São João Baptista das Lampas	80
3. Participantes	82
4. Problemáticas a abordar	83
5. Finalidades, objetivos e estratégias de formação	85
5.1 Finalidades.....	85
5.2 Objetivos	86
5.3 Estratégias	88
6. Plano de Atividades.....	89
6.1 Calendarização das actividades	89
6.2 Planificação do projeto de formação	90
7. Avaliar a intervenção: Plano de avaliação	109
8. Orçamento	113
Considerações finais.....	115
Bibliografia.....	117
Anexo A – Instrumentos de recolha de dados.....	121
1. Guião da entrevista ao catequista	122
2. Guião da entrevista ao pároco	123
3. Guião da entrevista a um formador de catequistas.....	124
4. Inquérito por questionário aos catequistas	125
Anexo B – Documentos e dados recolhidos.....	129
1. Entrevista ao catequista C1.....	130
2. Entrevista ao catequista C2.....	142
3. Entrevista ao catequista C3.....	148
4. Entrevista ao catequista C4.....	153
5. Entrevista ao catequista C5.....	159



6. Entrevista ao pároco	162
7. Entrevista ao formador F1	164
8. Entrevista ao formador F2	167
9. Folheto informativo sobre a formação geral	172
10. Notas de campo I.....	173
11. Notas de campo II.....	178
12. Notas de campo III.....	180
Anexo C – Análise dos dados recolhidos	183
1. Análise das entrevistas aos catequistas	184
1.1 Bloco temático: Prática educativa dos catequistas	184
1.2 Bloco temático: Experiência formativa e interesses de formação	190
2. Análise da entrevista ao pároco	194
2.1 Bloco temático: Organização da catequese paroquial	194
2.2 Bloco temático: Visão sobre a formação de catequistas.....	195
3. Análise das entrevistas aos formadores	196
3.1 Bloco temático: Prática educativa.....	196
3.2 Bloco temático: Experiência formativa.....	198
4. Análise das notas de campo	200
4.1 Bloco temático: Organização e gestão da formação.....	200
4.2 Bloco temático: Metodologias utilizadas	203
Anexo D – Informação dos inquiridos	207
1. Dados pessoais.....	208
2. Formação.....	211
3. Interesses e necessidades de formação	214
4. Gestão e organização da formação.....	216





Índice de tabelas

Tabela 1 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos.....	37
Tabela 2 Apresentação das estratégias utilizadas nas sessões de catequese.....	40
Tabela 3 Relação com os outros catequistas.....	42
Tabela 4 Relação com os pais.....	43
Tabela 5 Visões sobre a formação.....	45
Tabela 6 Conteúdos, metodologias, tempos e locais da formação.....	47
Tabela 7 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos.....	48
Tabela 8 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos.....	52
Tabela 9 Números de Inquéritos entregues e devolvidos.....	59
Tabela 10 Categorias e subcategorias do Inquérito	60
Tabela 11 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos.....	67
Tabela 12 Organização do tempo	69
Tabela 13 Gestão do tempo.....	69
Tabela 14 Distribuição de catequistas por centros catequéticos	83
Tabela 15 Calendarização do projeto de formação	90
Tabela 16 Orçamento de projecto.....	113
Tabela 17 Guião da Entrevista ao Catequista	122
Tabela 18 Guião da entrevista ao pároco	123
Tabela 19 Guião da Entrevista a um formador de catequistas	124
Tabela 20 Prática educativa dos catequistas – Ser catequista: Motivos para ser catequista	184
Tabela 21 Prática educativa dos catequistas – Ser catequista: Momento em que se tornaram catequistas	185
Tabela 22 Prática educativa dos catequistas – Sessões da catequese: Conteúdos..	185
Tabela 23 Prática educativa dos catequistas – Sessões da catequese: Métodos pedagógicos	186
Tabela 24 Prática educativa dos catequistas – Sessões da catequese: Tempos e locais das sessões de catequese.....	187
Tabela 25 Prática educativa dos catequistas – Relação com os outros: Relação com os outros catequistas	188
Tabela 26 Prática educativa dos catequistas – Relação com os outros: Relação com os pais	189
Tabela 27 Experiência formativa e interesses de formação – Experiência formativa: Participação em ações de formação	190



Tabela 28 Experiência formativa e interesses de formação – Experiência formativa: Pontos de vista sobre a formação.....	191
Tabela 29 Experiência formativa e interesses de formação – Interesses e necessidades de formação: Conteúdos/Temáticas.....	192
Tabela 30 Experiência formativa e interesses de formação – Interesses e necessidades de formação: Métodos pedagógicos.....	193
Tabela 31 Experiência formativa e interesses de formação – Interesses e necessidades de formação: Tempos e locais para a formação.....	193
Tabela 32 Organização da catequese paroquial – Actual organização da catequese paroquial.....	194
Tabela 33 Organização da catequese paroquial – Expectativas em relação à catequese paroquial.....	194
Tabela 34 Visão sobre a formação de catequistas – Oferta formativa	195
Tabela 35 Visão sobre a formação de catequistas – Avaliação sobre a oferta formativa	195
Tabela 36 Visão sobre a formação de catequistas – Áreas de formação importantes na formação de catequistas.....	195
Tabela 37 Visão sobre a formação de catequistas – Organização da formação para os catequistas da paróquia.....	195
Tabela 38 Prática educativa – Motivos para ser formador.....	196
Tabela 39 Prática educativa – Preparação das sessões de formação	197
Tabela 40 Prática educativa – Avaliação da prática formativa	197
Tabela 41 Experiência formativa – Frequência em formações para formadores	198
Tabela 42 Experiência formativa – Organização da formação	198
Tabela 43 Experiência formativa – Avaliação acerca da formação frequentada.....	199
Tabela 44 Experiência formativa – Melhor forma de organizar formações de catequistas	199
Tabela 45 Organização e gestão da formação – Material utilizado na formação.....	200
Tabela 46 Organização e gestão da formação – Espaços utilizados	200
Tabela 47 Organização e gestão da formação – Tempo.....	201
Tabela 48 Organização e gestão da formação – Participantes	202
Tabela 49 Metodologias utilizadas – Conteúdos programáticos.....	203
Tabela 50 Metodologias utilizadas – Métodos pedagógicos.....	205
Tabela 51 Metodologias utilizadas – Metodologia de avaliação	206



Índice de gráficos

Gráfico 1 Nível de escolaridade dos participantes	61
Gráfico 2 Participação na formação	62
Gráfico 3 Conteúdos abordados	63
Gráfico 4 Conteúdos de interesse	64
Gráfico 5 Métodos/Dinâmicas	65
Gráfico 6 Horários favoritos	66
Gráfico 7 Dados Pessoais: Distribuição por idade.....	208
Gráfico 8 Dados Pessoais: Distribuição por género	208
Gráfico 9 Dados Pessoais: Habilitações literárias	209
Gráfico 10 Dados Pessoais: Ocupação.....	209
Gráfico 11 Formação: Participação em formações.....	211
Gráfico 12 Formação: Tempo desde a última formação.....	211
Gráfico 13 Formação: Conteúdos abordados.....	212
Gráfico 14 Formação: Métodos utilizados	212
Gráfico 15 Formação: Avaliação efectuada	213
Gráfico 16 Interesses e necessidades de formação: Participação em formações futuras	214
Gráfico 17 Interesses e necessidades de formação: Conteúdos de interesse.....	214
Gráfico 18 Interesses e necessidades de formação: Métodos/Dinâmicas	215
Gráfico 19 Interesses e necessidades de formação: Métodos de avaliação	215
Gráfico 20 Gestão e organização da formação: Horários favoritos	216
Gráfico 21 Gestão e organização da formação: Local favorito	216





Considerações iniciais

O projeto “Grão de Mostarda: Gerar, Desenvolver e Colher em Comunidade” é uma proposta de formação para catequistas, que se insere no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na vertente de Educação de adultos. Assim sendo, o presente relatório enquadra-se na construção e no desenvolvimento de um projeto de intervenção. Esta opção justifica-se pela metodologia de participação social a que este está subjacente.

Na sociedade actual, é de extrema importância que se desenvolvam projetos de intervenção, cujos objectivos visem a solução ou melhoria dos problemas do meio onde se inserem, e que fomentem a participação das comunidades locais.

Ao longo do processo de reflexão e análise da importância da formação dos catequistas considerou-se fundamental sensibilizar os mesmos para uma formação sólida e contínua, nomeadamente em áreas como a psicologia, sociologia, pedagogia, assim como para o aprofundamento de áreas mais direccionadas para o catolicismo. O despertar para esta necessidade deve-se à experiência da candidata como catequista, aspeto que lhe permite compreender o quão essencial é a formação destes agentes educativos.

A intenção deste projecto é a construção de espaços educativos nos quais seja possível promover e desenvolver atividades que facilitem a aquisição de valores e saberes. Reconhecemos que os catequistas são atores fundamentais na formação cristã da comunidade, pelo que se considerou pertinente a definição de dois eixos de intervenção para o projecto. O 1º eixo, “Gerar em Comunidade”, tem em vista a formação dos catequistas numa comunidade de partilha; e o 2º eixo, “Desenvolver e Colher em Comunidade”, está direccionado para melhorar a participação das famílias e comunidade paroquial na sua educação cristã. Optou-se por utilizar práticas educativas não-formais e informais por serem estas as utilizadas na catequese.

O trabalho que se apresenta está organizado em três capítulos. No capítulo 1 concretiza-se uma abordagem teórica às temáticas relacionadas com o objeto de estudo, estando este dividido nas seguintes três temáticas:

- A primeira refere-se à educação de adultos;
- A segunda está relacionada com a formação de educadores de adultos e com as questões inerentes a esta;



- Por último um breve enquadramento das questões relacionadas com a catequese.

O segundo capítulo destina-se ao diagnóstico de problemas e necessidades de formação, havendo a preocupação de, num primeiro momento, fazer a descrição dos procedimentos metodológicos e posteriormente elaborar uma apresentação e análise dos dados recolhidos, concluindo este capítulo com algumas notas sobre resultados obtidos através do diagnóstico.

No último capítulo apresentamos o projeto de intervenção, incluindo a metodologia, a caracterização da paróquia e dos participantes, as problemáticas a serem abordadas, as finalidades, objetivos e estratégias definidas para o projeto, a planificação das sessões de formação e das atividades, o plano de avaliação e ainda o orçamento.

Termina-se este trabalho com as considerações finais.



Capítulo 1 - Enquadramento teórico

Neste capítulo serão desenvolvidas as principais temáticas que orientam este trabalho. Tratando-se de uma proposta de formação para catequistas, em primeiro lugar será efetuada uma breve abordagem à educação de adultos. Este é um campo vasto e abrangente de modalidades educativas, no qual se inserem a educação não formal e a educação informal, práticas educativas utilizadas no ato catequético. Por tal, torna-se pertinente compreender as suas dinâmicas. Sendo objetivo deste trabalho o desenvolvimento de um projeto formativo dirigido a catequistas, é igualmente necessário refletir sobre a formação de educadores tal como as questões inerentes a esta problemática. Por fim, é fundamental efetuar uma abordagem às temáticas da catequese com o intuito de compreender o seu papel educativo na sociedade.

1. Os adultos e a educação

De seguida será apresentada uma abordagem da educação de adultos em traços gerais, não sendo intenção deste trabalho concretizar uma análise profunda das problemáticas subjacentes a este campo. Pretende-se efetuar um enquadramento geral do tema a fim de integrar as lógicas da educação de adultos no projeto formativo que se apresenta neste trabalho.

A educação é um processo abrangente que se desenvolve ao longo da vida de um indivíduo, visto se concretizarem aprendizagens em muitas das situações da vida (Canário, 1999, p. 12). Os processos educativos mais sistemáticos são ações e estratégias previamente planeadas (educação formal), modalidade com maior credibilidade e ênfase nas nossas sociedades (Lima, 2007). Mas a educação de adultos, na sua essência, reconhece e valoriza as experiências e vivências dos indivíduos, como contribuições para o desenvolvimento dos processos formativos. Está subjacente a ideia de que não se pode ensinar às pessoas aquilo que elas já adquiriram pela via da experiência, sendo esta um recurso importante na construção e desenvolvimento de novos saberes (Canário, 2006, pp. 161 e 162).

Pode-se afirmar que a educação de adultos sempre existiu ao longo dos séculos, contudo só recentemente foi reconhecida como área científica (Finger, 2005;Barros, 2013). A necessidade de integrar o homem no mundo laboral em evolução e numa sociedade cada vez mais globalizada originou a expansão desta modalidade educativa (Canário, 1999;Barros 2013). Esta problemática teve origem nos movimentos sociais, operários, sindicais e políticos que reconheciam a importância dos adultos serem



formados. Deste modo afere-se que a educação de adultos, ao contrário de outras disciplinas científicas, emerge no seio dos movimentos sociais e do movimento da escola (Canário, 1999).

“Educação de adultos aparece, a partir do século XIX, associada a dois grandes processos sociais: por um lado o desenvolvimento de movimentos sociais de massas (movimento operário) que estão na raiz da vitalidade da educação popular; por outro lado, o processo de formação e consolidação dos sistemas escolares nacionais que conduziu, segundo uma lógica de extensão ao mundo dos adultos, à emergência de modalidades de ensino de segunda oportunidade.”

(Canário, 1999, p. 13)

A expansão do sistema educativo deu-se com a criação da rede escolar nacional que permitiu o acesso à escola por todos. A obrigatoriedade de frequentar o ensino escolar contribuiu para realçar a importância de formar os adultos, a fim também de terem uma participação cívica mais ativa. Estes aspetos deram origem a diversos problemas de adequação das metodologias e estratégias de aprendizagem, e ainda surgiram problemas referentes à inclusão de todos na escola. Em consequência dessa expansão da forma escolar, com a finalidade de formar os adultos, surge a modalidade de ensino de segunda oportunidade (Canário, 1999). Esta modalidade de ensino tinha por finalidade a instrução dos adultos não escolarizados, com o intuito de os preparar para os novos desafios do mundo laboral, e para terem uma maior e melhor intervenção nas questões sociais.

Todos estes progressos e transformações contribuíram para o aparecimento de múltiplas práticas educativas dirigidas aos adultos (Finger, 2005; Barros, 2013). Canário (2006) reforça esta tese ao mencionar que o crescimento económico, após a segunda guerra mundial, contribuiu para o surgimento de diversas modalidades de educação de adultos.

Prosseguindo na mesma linha de pensamento, verifica-se que a educação de adultos é mais do que uma mera prática de educação, podendo ser considerada um conjunto de diversas práticas educativas. Estas têm-se desenvolvido ao longo do tempo, de acordo com as exigências e mudanças da sociedade e procurando dar respostas adequadas a todo o tipo de necessidades da população. Finger (2005, p. 17) sublinha a ideia de que antes de se apresentar como uma teoria ela é uma prática na qual a aquisição de conhecimentos promove a mudança, e a mudança dá origem a novas aprendizagens; (Finger, 2005; Barros, 2013).



“...a educação de adultos, antes de ser uma disciplina, uma teoria, é uma prática, ou melhor, uma multiplicidade de práticas onde a aprendizagem nunca está separada da mudança, onde a aprendizagem segue a mudança. Não se aprende por se ter aprendido, aprende-se por ter mudado uma situação, por ter, por exemplo, melhorado o nível de vida, aprende-se para ter mais justiça, para ser mais competente, para participar democraticamente na sociedade.”

(Finger, 2005, p. 17)

Este autor identifica ainda três correntes teóricas que contribuíram para o desenvolvimento deste campo científico: o pragmatismo, o humanismo e o marxismo. Adicionalmente, até à década de 1960, assistiu-se ao aparecimento de múltiplas práticas e movimentos sociais que promovem a educação de adultos (Barros, 2013).

Na segunda metade do século XX, após a segunda guerra mundial, urge reconstruir as sociedades, nomeadamente as europeias. Simultaneamente dá-se o desenvolvimento tecnológico do mundo do trabalho. É nesta fase da história que a educação de adultos se expande através de duas vias formativas: a alfabetização e a formação profissional, (Canário, 1999). A via da alfabetização surge porque é necessário que os indivíduos adquiram competências literárias para participarem democraticamente em sociedade; por outro lado os operários precisavam de serem formados na sua área profissional.

A importância dada à educação de adultos reflete-se com as diversas conferências internacionais promovidas pela UNESCO ao longo das décadas (Canário, 1999, p. 12; Barros, 2013, pp. 73 a 82, entre outros autores). Para além dessas conferências, um pouco por todo o mundo, foram emergindo congressos e eventos relacionados com as temáticas da educação de adultos, constituindo-se espaços de partilha e reflexão para os investigadores e educadores de adultos.

Na década de 1970, numa tentativa de uniformizar e integrar todas as correntes da educação de adultos, a UNESCO publicou um documento: *Recomendações sobre o desenvolvimento da Educação de Adultos - Educação de Adultos* (UNESCO, 1977). Neste foi formalizada a educação permanente, que parte do princípio de que a educação do indivíduo não é restrita a um determinado momento da vida, mas que esta se prolonga ao longo da vida. É reconhecido que se realizam aprendizagens em todos os contextos da vida, e que ocorrem aprendizagens de diversos tipos (formais, informais e não formais) (Canário, 2006). A UNESCO quis com isto promover uma educação centrada na pessoa e no seu meio envolvente, numa tentativa de contornar as questões provocadas pelas transformações sociais. Segundo Finger (2005), para a



UNESCO a educação de adultos deve ser permanente, a fim de promover o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, fazendo face ao desenvolvimento tecnológico.

“Para a UNESCO, a educação dos adultos é considerada como um movimento social: deve fazer-se uma educação permanente para o desenvolvimento da sociedade, de modo a que o progresso técnico e a cultura beneficiem todos os seres humanos. Uma espécie de reparação dos efeitos da atividade técnica. E uma posição de compromisso, de envolvimento, que não é neutra, que não pode ser dissecada em laboratório. Trata-se de um movimento para o bem da humanidade que se quer com uma energia social própria e dinâmica.”

(Finger, 2005, p. 18)

Com a publicação destas recomendações sobre o desenvolvimento da educação de adultos, esta começou a ter espaço no campo científico, e teve oportunidade de ver abordadas as temáticas referentes a este campo. Embora se considere este momento como um marco na história desta modalidade de educação, que contribui para o seu crescimento como área científica, percebe-se que a sua evolução é também consequência do progresso da sociedade aos diferentes níveis. Na sequência desta evolução social surge a formação contínua, e intensificam-se as práticas de formação profissional que pretendem dar continuidade à formação inicial dos trabalhadores. Estes aspetos contribuem em grande medida para a fixação destas práticas educativas no mundo do trabalho. Finger (2005) diz-nos ainda que a educação de adultos não se ficou apenas pelos operários, mas expandiu-se a todas as áreas profissionais e a todos os cargos.

O progresso desta disciplina fez com que se desviasse dos movimentos e mudanças sociais, centrando-se sobretudo nas questões relacionadas com a formação profissional e contínua, ou seja, colocou-se ao serviço das necessidades das instituições de trabalho. Por volta dos anos de 1990, a educação de adultos começou a institucionalizar-se, emergindo entidades, departamentos e centros de educação e educação de adultos com o intuito de responder às necessidades do mercado de trabalho, e contribuindo para a progressão na carreira dos indivíduos. Nota-se de um modo acentuado a ideia de que é fundamental aprender ao longo da vida, pois só a formação de base não é suficiente. É com base nestas ideias que a educação de adultos deixa de ser uma mera prática que emerge de forma espontânea e dentro de grupos sociais, e passa a ser vista como uma área rentável, pois o Estado não parece ter capacidade para responder à acentuada procura de formação por parte dos



adultos, dando a origem a instituições e empresas de formação privadas. Finger (2005) chama a atenção para esta vertente lucrativa. Esta visão da educação de adultos como instrumento ao serviço dos princípios económicos é igualmente referida por Barros (2013).

Em 1990 começam a surgir em diferentes países departamentos de educação de adultos, os quais contribuem para uma intensificação da prática investigativa neste campo, observando-se ainda hoje a existência de serviços cuja finalidade é a promoção de práticas educativas de adultos.

Canário (1999) menciona quatro vertentes da educação de adultos que nos ajudam a compreender a área de intervenção desta modalidade.

“Relativamente ao primeiro plano, o das práticas educativas, é possível discernir, desde os anos 60, a estruturação de quatro subconjuntos que, do nosso ponto de vista, permitem ainda hoje descrever e balizar o "território" das práticas sociais da educação de adultos. Eles correspondem à Alfabetização, à Formação Profissional, à Animação Sociocultural e ao Desenvolvimento Local.”

(Canário, 1999, pp. 14 e 15)

Em primeiro lugar, o autor identifica a alfabetização como uma prática educativa que inicialmente tinha como finalidade ensinar os adultos a aprender a ler e a escrever. No entanto, presentemente existem outras competências básicas essenciais, como a aquisição de competências tecnológicas.

A segunda vertente referida pelo autor é a formação profissional contínua, que é originada pela evolução industrial e tecnológica. Contudo é uma área que continua em expansão, sendo atualmente considerada crucial no meio empresarial.

A outra vertente da educação de adultos é o desenvolvimento local, na qual se pretende desenvolver as dimensões pessoais e sociais dos indivíduos, podendo esta incluir as restantes vertentes da educação de adultos. É assim objetivo do desenvolvimento local promover um progresso de determinada comunidade, tendo em vista os interesses, recursos e cultura do local.

Por fim, a animação sociocultural é a quarta vertente que Canário (1999) indica. Esta refere-se a uma prática educativa de cariz não formal que integra projetos de intervenção em diversos contextos.



Considerando estas quatro vertentes educativas, compreende-se que a educação de adultos integra quatro dimensões, a formação básica, a formação profissional, a formação pessoal e a formação cívica, as quais se podem identificar nas diversas vertentes que a integram, (Barros, 2013, p. 75). A finalidade última desta prática educativa é a capacitação do indivíduo para uma participação consciente na sociedade, a fim de contribuir para o desenvolvimento local no qual atua tendo em vista as transformações e evoluções do processo de globalização.

Atualmente a educação de adultos é constituída por duas grandes vias, uma mais relacionada com a educação não formal/informal e outra de cariz mais formal (Lima, 2007). Considerando que a ideia de transformar a sociedade nasce junto dos movimentos sociais, tais como associações de moradores, grupos cénicos, grupos de danças entre outros, nos quais as aprendizagens são realizadas de forma não intencional, afere-se que em simultâneo com a educação de adultos surgem outras duas modalidades, a educação não formal e a informal (Canário, 2006). Estas modalidades serão abordadas no ponto seguinte, visto a prática catequética conter características destas modalidades educativas e ser objetivo deste trabalho elaborar uma proposta formativa de cariz não formal.

Importa ainda fazer uma breve síntese do percurso da educação de adultos em Portugal, com o intuito de identificar as especificidades e características deste campo. A educação de adultos apresenta um processo moroso de reconhecimento no nosso país, verificando-se uma descontinuidade nas políticas educativas encaradas como experimentais e pontuais (Lima, 2007;Guimarães, 2010; entre outros autores).

Durante o Estado Novo houve um fraco desenvolvimento das práticas educativas de adultos devido ao forte controlo ideológico. Com a implantação da democracia começaram a surgir com maior impacto social as práticas de educação de adultos, quer por parte do Estado quer através dos movimentos sociais até então oprimidos (Canário, 2006;Barros, 2013).

“Na sequência da Revolução dos Cravos, o golpe militar do 25 de Abril de 1974 que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, o novo regime democrático confrontou-se com uma situação socioeducativa grave (cerca de V4 da população portuguesa era analfabeta), tendo que reinventar políticas educativas de adultos, com uma oferta pública mais visível.”

(Barros, 2013, p. 101)



É desde essa altura que surgem de um modo mais acentuado diversas iniciativas, a fim de promover uma educação de adultos para fazer face às lacunas existentes no nosso país, nomeadamente a fraca participação social e democrática da população e o baixo nível de formação profissional dos trabalhadores. Para a promoção e desenvolvimento de iniciativas e projectos, foram sendo constituídos serviços e institutos de formação e educação de adultos ao longo das décadas. Reflexo desta evolução são os planos de alfabetização, os cursos profissionais, o ensino recorrente, o sistema nacional de RVCC, os cursos modulares certificados entre outras iniciativas, que têm contribuído para a educação dos adultos (Canário, 2006;Barros, 2013). O desenvolvimento destas iniciativas e destes planos formativos têm-se regido por ideais e princípios da educação não formal, reconhecendo e valorizando as experiências individuais e coletivas dos indivíduos. A implementação de propostas formativas alternativas ao sistema de ensino nacional, e a aplicação de metodologias inovadoras contribuíram para uma maior adesão por parte dos adultos não escolarizados. No entanto, ainda existe um longo caminho a ser concretizado em Portugal.

Em suma pode-se afirmar que apesar da educação de adultos ter surgido nos movimentos sociais, e com o propósito de munir os adultos de saberes essenciais para o desenvolvimento industrial e económico, o crescimento e progresso desta como campo científico deu origem a múltiplas modalidades.

1.1 Alternativas à educação formal: educação não formal e informal

Quer a educação não formal como a educação informal estão presentes em muitas situações de socialização de um indivíduo e, por tal, são transversais a todo o ciclo vital. Estas modalidades educativas estão presentes em diversas práticas educativas, direccionadas a diferentes públicos e que em muitas situações são utilizadas como complemento de atividades formais. Como no caso das atividades extracurriculares ou as atividades de tempos livres, que tem a finalidade de complementar a formação dos indivíduo, sendo mencionado por Cavaco (2002).

“...surgindo assim a valorização das modalidades educativas não formal e informal, como complementares da educação formal.”

(Cavaco, 2002, p. 29)

Atendendo a que a prática catequética enquadra-se nestas modalidades educativas, visto esta atividade ocorrer fora do âmbito escolar, torna-se oportuno focar algumas temáticas relacionadas.



Embora se possa considerar que a educação não formal e educação informal estiveram sempre presentes nas sociedades através dos processos de socialização e dos movimentos sociais, o reconhecimento destas práticas como tendo um potencial educativo dá-se após a segunda guerra mundial dentro das dinâmicas e lógicas da educação de adultos. Os processos educativos destes dois tipos de educação reconhecem as experiências e as vivências como uma possibilidade de aquisição de conhecimentos e saberes (Cavaco, 2002; Canário, 2006).

Estas duas modalidades educativas apresentam características distintas apesar de coexistirem em múltiplas atividades educativas. De seguida apresentam-se as características específicas de ambas.

Toda atividade educativa organizada por um determinado grupo que seja executada fora do contexto escolar pode ser denominada por educação não formal. Esta modalidade de educação caracteriza-se por ser uma atividade sistemática que inclui espaços, tempos e programas flexíveis, não existindo uma obrigatoriedade no que se refere a participação dos indivíduos. Nas práticas de educação não formal, as aprendizagens efetuam-se mesmo quando esse não é objetivo principal (Canário, 1999), pois neste tipo de práticas é possível a aquisição de conhecimentos de forma não intencional.

“Um nível não formal caracterizado pela flexibilidade de horários, programas e locais, baseado geralmente no voluntariado, em que está presente a preocupação de construir situações educativas “à medida” de contextos e públicos singulares.”

(Canário, 1999, p. 80)

Por seu turno, a educação informal caracteriza-se por ser uma modalidade educativa não organizada que não é sistemática, podendo ser intencional ou não intencional (Cavaco, 2002, p. 27). É-lhe reconhecido um carácter educativo, devido a aquisição de conhecimentos e a transformações de comportamentos e atitudes desencadeadas por ela. Os processos formativos decorrem na sua maioria fora das estruturas formalizadas, não contém um programa, nem conteúdos pré-definidos. Os indivíduos têm um papel fundamental em todo o processo, desempenhando simultaneamente o papel de educador e de educando (Cavaco, 2002). Nesta modalidade as aprendizagens são concretizadas a partir das interações e intervenções do indivíduo com o meio envolvente e com outros.



Tendo presente a catequese, pode-se considerá-la como uma prática de educação não formal, uma vez que contém uma estrutura orgânica organizada por departamentos de catequese diocesanos e pelo sector da catequese paroquial sendo este ultimo responsável pela formação cristã nas comunidades paroquiais. São disponibilizados aos catequistas instrumentos para a orientação e o desenvolvimento da sua prática educativa, tais como catecismos, e guia do catequista. No entanto, a catequese contém um programa flexível, incluindo atividades sistemáticas e funcionando numa lógica de voluntariado.

Por outro lado, podemos identificar na prática catequética a educação informal, quando esta ocorre em contextos familiar e social, nos quais são transmitidos valores e condutas que de outro modo seria difícil a sua apropriação. Exemplos destas aprendizagens são a interiorização de valores como a partilha, a interajuda, e a importância da família, que não podem ser transmitidos na íntegra nas sessões de catequese.

Na ação catequética, as experiências e as vivências do indivíduo são reconhecidas e valorizadas como essenciais para a interiorização dos saberes a ser transmitidos. As experiências dos indivíduos têm vindo a ser reconhecidas como aspetos relevantes nos processos de aprendizagens, segundo Canário (1999). A este reconhecimento está inerente um processo de aprendizagem que ocorre ao longo da vida do indivíduo. Observa-se que as aprendizagens através das experiências podem ocorrer numa lógica de tentativa erro. Contudo só lhe foi reconhecido potencial educativo recentemente na sequência da valorização da educação não formal e informal (Cavaco, 2002). A tardia valorização das experiências como uma mais-valia para a aquisição de saberes deve-se ao fato de se considerar a educação formal como a única possibilidade eficaz de transmissão de conhecimentos (Canário, 1999; Cavaco, 2002). À experiência, são lhe atribuídos dois sentidos: a lógica da experimentação, como forma de apreensão de conhecimentos, e a transmissão de saberes, partindo da experiência de vida do indivíduo. As experiências e vivências individuais ou coletivas estão inerentes às práticas educativas abordadas neste ponto (Cavaco, 2002).

É neste tipo de educação que se identificam com maior incidência as práticas de animação sociocultural, dando maior importância aos resultados educativos do processo (Canário, 1999, p. 71 a 75). A animação é uma prática social educativa que contém características específicas. Apesar disso é uma modalidade que se insere nos diversos níveis de educação e abrange diferentes públicos e contextos. Tal como é relatado por Canário (1999).



“A animação sociocultural constitui, hoje, um campo fundamental da acção educativa que abrange públicos muito diversos (em idade, estatuto social, nível de instrução), está presente em áreas de atividade social muito diversificadas (empresas, serviços sociais, vida escolar, administração pública, organizações de saúde, etc.). “

(Canário, 1999, p. 72)

Em diversos momentos, a formação catequética recorre as práticas da animação sócio cultural como estratégia educativa. Existem igualmente múltiplos projetos de educação não formal que têm obtido êxito no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, e ainda ao nível do desenvolvimento local. Na sua maioria, esses projetos recorrem a práticas de animação social.

Estas modalidades de educação são vistas como uma atividade de ocupação dos tempos livres ou extra-escolar. Como afirma Canário (2006), a educação não formal e informal são ocultas ou ignoradas em termos de potencial educativo pelas sociedades. Muitos dos projetos alternativos à educação escolar permanecem em atividade durante pouco tempo, por não lhes ser reconhecido valor educativo. Loureiro (2012) reforça essa tese quando refere que os modelos e princípios da educação não escolar são ainda pouco valorizados, embora exista uma tendência para a sua identificação nas práticas educativas escolares.

Conclui-se que estas modalidades de educação de cariz não formal, mais do que uma alternativa à educação formal, são uma continuidade das práticas educativas formais e que contribuem para uma melhor apropriação dos conteúdos formais por parte dos indivíduos. De resto a educação não formal e a educação informal reconhecem a experiência do indivíduo como uma mais-valia no processo de aprendizagem.

2. Os educadores de adultos e a sua formação

Sendo o foco deste trabalho os catequistas, é pertinente efetuar uma abordagem teórica às temáticas inerentes à formação, nomeadamente à formação de educadores de adultos, no que diz respeito aos modelos de educação de adultos e aos perfis dos seus educadores. Estas temáticas são importantes para a elaboração de um projeto de formação, sobretudo neste caso concreto, visto os catequistas serem agentes educativos que intervêm em diversos contextos e com diferentes destinatários.

As sociedades foram sofrendo ao longo dos anos múltiplas transformações e modificações em diversas dimensões sociais, políticas, culturais, económicas e tecnológicas, entre outras, sendo a formação encarada como recurso para fazer face



essas alterações (Canário,1999). Considerada como solução para todas as situações, a formação originou o aparecimento de múltiplas práticas formativas dirigidas a adultos como é afirmado por Amiguinho (1992).

“A formação é considerada a pedra de toque, a questão de base, o processo fundamental capaz de operar as transformações que se pretendem introduzir nos sistemas e nos lugares institucionais onde decorre a Ação dos indivíduos, visando otimizar os seus fins.”

(Amiguinho, 1992, p. 24)

Não sendo, objetivo da formação orientar as suas práticas pelos métodos e dinâmicas do sistema escolar, a verdade é que se tem tornado em certa medida um prolongamento da escola (Amiguinho, 1992). Esta visão da formação como um prolongamento do sistema escolar deve-se ao fato daquela orientar as suas práticas pela estrutura orgânica e métodos pedagógicos do sistema escolar. Observando-se uma oferta formativa, que tem em vista formar indivíduos nos valores e condutas sociais, não tendo em conta as reais necessidades destes agentes. Percebe-se que os processos formativos dentro destas lógicas formativas têm como finalidade instruir e munir os indivíduos, de instrumentos e de saberes técnicos para concretizar mudanças, sobretudo mudanças comportamentais (Canário, 1999).

A prática catequética é uma atividade de cariz não formal, no entanto a formação de catequistas assenta no modelo educativo escolar. Visto utilizar métodos expositivos e aferir a aquisição dos conhecimentos e competências através de uma avaliação formal.

Tal como vimos no ponto anterior, a evolução da educação de adultos como campo científico fez com que se reconhecesse que a formação inicial e a formação contínua não eram suficientes para dar resposta às necessidades e exigências do mundo laboral e social. Deste modo, foram surgindo ao longo do tempo modalidades de formação que se distanciaram do sistema escolar. Estas modalidades alternativas de formação reconhecem as experiências do individuo como uma possibilidade de aprendizagem (Canário, 1999, p. 109; Cavaco, 2002). Como afirma Canário,

“Contudo, numa perspetiva de educação permanente, os processos de aprendizagem aparecem, sobretudo, como a estruturação articulada de diferentes momentos experienciais do sujeito que permitem formalizar saberes implícitos e não sistematizados. É esta valorização da experiência que conduz, também, a valorizar a heterogeneidade e a adequação contextualizada dos processos e ofertas formativas.”

(Canário, 1999, p. 109)



Com o desenvolvimento deste campo científico emergem diversos modelos de educação de adultos, e a necessidade de formar indivíduos que desempenhem a função de formadores ou de educadores. Segue-se com uma reflexão acerca da formação de formadores, refletindo-se sobre os perfis destes educadores, tendo por base os modelos de educação de adultos. No entanto importa realçar o fato de que ainda existe uma reduzida investigação no que diz respeito às questões da educação de adultos, sendo mais evidente a prioridade de investigações relacionadas com a escola. Loureiro (2012), reconhece os contributos favoráveis que as modalidades de educação não formal têm dado a educação de adultos, apesar de ainda não se reconhecer de uma forma generalizada o potencial educativo destas práticas.

2.1 Modelos de educação de adultos e o perfil dos educadores

A formação de educadores emerge com o desenvolvimento das múltiplas tipologias formativas, dando origem ao surgimento de variadas propostas formativas para educadores. Observando-se uma polissemia no que se refere a definição do papel do formador, aspeto causado pela multiplicidade de funções atribuídas ao formador ou educador de adultos (Roths, 2004). Identificam-se assim dois pólos de atuação dos formadores, a formação de cariz formal e a de cariz não formal.

Estes aspetos condicionam, em certa medida, o reconhecimento do exercício desta prática como uma área profissional. Esta dicotomia está relacionada com o fato de em algumas situações a prática formativa se desenvolver em contexto não formal ou informal, contextos nos quais o formador é visto como um animador, o qual em diversas situações não tem qualquer formação específica para o desempenho da função. Um exemplo desta situação são os catequistas: é lhes reconhecida a tarefa de educar mas na maioria dos casos não possuem formação na área educativa. A questão de existirem indivíduos a exercerem funções de educadores sem terem formação específica dificulta o reconhecimento destes agentes educativos.

Na sequência desta tese é de sublinhar que no passado, em diversos contextos (sobretudo formais) a formação dos adultos era assegurada por professores que não tinham qualificações para formar adultos. Verificou-se que para formar os adultos não era adequado utilizar as mesmas metodologias e dinâmicas que se aplicavam na instrução das crianças. Reconheceu-se que os adultos têm características e especificidades que precisam de ser consideradas aquando da construção de planos educativos formativos. Deste modo, teve-se consciência de que era preciso formar educadores de adultos. Esta consciencialização contribui para a emergência de cursos



académicos direcionados para a formação de educadores (Rothés, 2004); Como afirma Rothés,

“O ensino superior esteve até há muito pouco tempo alheado da formação graduada dos educadores de adultos. O panorama vem-se alterando nos últimos anos e multiplicaram-se, no sistema educativo português, os bacharelatos, as licenciaturas e os mestrados que assumem a educação de adultos como um domínio de especialização...”

(Rothés, 2004)

Mais recentemente nesta perspetiva, foram criadas condições para a criação de um mercado de trabalho no qual surgiram ofertas formativas, foi estabelecida uma identidade profissional e valorizada a formação inicial dos educadores, passando-se a ter como requisito para o exercício da prática formativa uma formação académica (Guimarães, 2010). Nesse sentido, afere-se que a emergência de diversos cursos relacionados com a educação e educação de adultos tem contribuído para a fixação, reconhecimento e desenvolvimento desta como uma área profissional. Sendo o campo científico da educação de adultos vasto e abrangente que integra diversas disciplinas curriculares, identificam-se três vias formativas de educadores de adultos, a educação social, as ciências da educação e a animação sociocultural (Rothés, 2004). Identifica-se assim a emergência de uma oferta formativa variada de cursos cuja finalidade é a formação de educadores de adultos. Observa-se também a existência de cursos profissionais equivalentes ao 12º ano relacionados com a animação sociocultural ou com ação educativa. No que se refere aos cursos no ensino superior, registam-se licenciaturas, pós-graduações, mestrados e até doutoramentos em áreas como as ciências da educação, as ciências sociais, a educação social, a educação básica, entre outras, fato que se pode observar no *website* do ministério da educação ou no portal do acesso ao ensino superior. É igualmente dado relevo a educação de adultos e à formação de formadores pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional e ainda por centros formativos e empresas de formação certificadas para esse efeito.

Verifica-se que a educação de adultos e dos seus educadores foi sofrendo transformações e influências ao longo do tempo, que contribuíram para o desenvolvimento de diferentes modelos de educação, e por consequência surgiram diferentes perfis de educadores de adultos. Surgem assim modelos formativos que assentam nas lógicas de educação formal, semelhantes ao sistema de ensino e aos modelos formativos que reconhecem e valorizam as experiências e as aprendizagens concretizadas em contexto laboral (Sanz Fernández, 2012).



“Neste século XXI, no qual a procura de aprendizagem por parte de pessoas adultas está a alcançar um desenvolvimento tão significativo, existem, em nossa opinião, diferentes modelos educativos que a tentam satisfazer. Cada um destes modelos exige logicamente educadores de adultos com diferentes perfis.”

(Sanz Fernández, 2005, pp. 74 e 75)

Para uma melhor compreensão dos diferentes papéis do educador de adultos, de seguida será efetuada uma reflexão sobre estas questões, a fim de se identificar as características e competências que um educador deve desenvolver para exercer a função educativa. Esta análise dos modelos de educação de adultos será suportada pelos três modelos indicados por Sanz Fernández (2005, pp. 73 a 96) e a reflexão de Guimarães (2010) entre outros autores. Os três modelos educativos de adultos referidos por Sanz Fernández (2005) são: o modelo recetivo alfabetizador, o modelo dialógico social e o modelo económico.

Modelo recetivo alfabetizador

O modelo recetivo alfabetizador tem em vista, tal como próprio nome indica, a alfabetização dos indivíduos. Este modelo preocupa-se em munir os formandos de mecanismos e competências que lhes permitam a compreensão dos códigos da escrita, com o intuito de conseguirem interpretar as mensagens que lhe são transmitidas.

Importa sublinhar que este modelo educativo emerge após a segunda guerra mundial aquando da evolução industrial, para fazer face às exigências e necessidades impostas por esse desenvolvimento, aos trabalhadores. Observa-se que é um modelo que facilita o acesso aos conhecimentos construídos por outros, não dando oportunidade para a criação de novos conhecimentos (Sanz Fernández;2005). Atualmente este tipo de educação de adultos tem em vista uma educação básica, através da qual os indivíduos adquiram competências funcionais que possam contribuir para o desenvolvimento económico (Guimarães, 2010).

Os métodos tradicionais e o recurso à memorização são as metodologias aplicadas por este modelo educativo, na transmissão de saberes aos adultos. Observa-se que é um modelo centrado nas necessidades e deficiências de aprendizagem, e não tanto nas suas potencialidades (Sanz Fernández, 2005). Estas metodologias e estratégias advêm da institucionalização destas modalidades educativas na organização escolar ou em entidades formativas que se baseiam numa lógica escolar (Guimarães, 2010).



O educador ou formador neste caso é visto como o professor que ensina e transmite conteúdos. Este é reconhecido como um especialista que transmite conhecimentos, não existindo uma relação de proximidade com os formandos (Sanz Fernández, 2005). É-lhe atribuída autoridade sobre os adultos, promovendo a uniformização social através da construção de dispositivos educativos para esse efeito (Guimarães, 2010), pois

“Neste contexto, o educador de adultos assume-se com um professor e um agente da institucionalização da educação. É aquele que ensina, que detém a autoridade sobre os adultos. Consequentemente, ao se centrar na transmissão de conhecimentos socialmente reconhecidos e legitimados, fomenta a conformidade social...”

(Guimarães, 2010, p. 781)

Entende-se pelo exposto que estas práticas educativas tendencialmente fomentam controlo social e pretendem modelar os comportamentos dos adultos (Sanz Fernández, 2005; Guimarães, 2010). Neste âmbito inclui-se neste momento sobretudo práticas educativas de cariz formal que visam a instrução dos indivíduos, tais como o ensino de segunda oportunidade e de compensação. Acrescenta-se ainda ações de formação em contexto laboral que pretendem efetuar a adaptação e reconversão dos trabalhadores (Guimarães, 2010).

Na ação catequética pode-se identificar em muitos casos a utilização de metodologias idênticas a este modelo, tais como a transmissão de conhecimentos pelo método expositivo, no qual o catequista exerce a função de transmissor, e de controlador que cria dispositivos de formação. Afere-se que o catequista aplica estas técnicas metodológicas porque na maioria dos casos tem como modelo o sistema tradicional de ensino, o qual vivenciou e experimentou.

Modelo dialógico social

Na segunda metade do século XX, assistiu-se a um reconhecimento e a uma valorização dos processos de aprendizagem. Compreende-se que o formando deve ter um papel ativo no seu processo formativo. Este modelo educativo tem por finalidade a aquisição de competências e aptidões que promovam a integração dos indivíduos nos contextos sociais, tendo em consideração as suas vivências e experiências. Nesta lógica de educação de adultos verifica-se que o ato educativo não se restringe meramente ao espaço escolar, possibilitando novos espaços educativos (Sanz Fernández, 2005).



A metodologia utilizada por este tipo de modelo dá prioridade à consciência crítica, ao pensamento, à participação e gestão social, tendo por referente a aquisição de competências sociais que permitem uma melhor e eficaz ação dos indivíduos na vida social. Assenta numa lógica social procurando responder aos estímulos e interesses dos indivíduos, aproximando-se de uma oferta formativa que contempla as necessidades dos formandos (Sanz Fernández, 2005; Guimarães, 2010).

No modelo dialógico social, o educador assume o papel de animador ao dispor dos formandos, estabelecendo uma relação de proximidade. Não desempenha um papel de mero transmissor, mas, pelo contrário, em muitas situações, torna-se um elemento do grupo, sendo em determinados momentos formando. Neste contexto educativo, o educador não exerce nenhum tipo de autoridade ou poder, tendo apenas o saber e o saber fazer como instrumentos de distribuição equitativa de poder. Neste perfil, de educador existe um compromisso entre o formador e formando no processo educativo (Sanz Fernández, 2005, Guimarães, 2010).

“...transmitem os seus conhecimentos num contexto de diálogo igualitário com as pessoas que queiram aprender. As pessoas participantes não são recetoras que não refletem sobre as explicações dos professores, mas que adotam uma atitude crítica e contribuem com as suas experiências e com o que sabem. (...) O conhecimento do professor é uma referência muito válida, um quadro orientador, mas não é a única referência nem se impõe como a definitiva.”

(Sanz Fernández, 2005, p. 84)

Entende-se que este modelo social de educação se insere numa vertente de educação não formal e informal, contemplando a experiência, os saberes e os recursos que o local contém. São ações de cariz não formal, tendo por objetivo uma reflexão sobre a ação na qual foram aplicados métodos pedagógicos que incluíram atividades culturais e lúdicas que permitem deste modo uma maior interação e envolvimento dos formandos no seu processo formativo. Afere-se que projetos de desenvolvimento local ou de intervenção e animação comunitária são o enfoque deste modelo educativo, que procura estimular a participação individual e coletiva em sociedade.

A catequese pode enquadrar-se neste modelo educativo, visto se reger pelas lógicas da educação não formal e promover atividades com o intuito de fomentar e desenvolver os valores e saberes, tendo em consideração as especificidades do local e a sua cultura. Os catequistas tentam adequar e adaptar os catecismos e os conteúdos programáticos dos mesmos aos seus destinatários, apesar de, como acima



indicado, em alguns casos se verificar a utilização de métodos pedagógicos tradicionais. Aspeto este que difere da lógica do modelo dialógico, uma vez que este modelo pretende ser uma alternativa ao sistema escolar.

Modelo económico produtivo

Tal como o nome indica, este modelo tem em vista a aquisição de competências relacionadas com desempenho dos indivíduos em contexto laboral. Este modelo educativo está centrado numa formação contínua, através da qual pretende munir os trabalhadores de novas competências profissionais e sociais com o intuito de dar respostas ajustadas às exigências do mercado de trabalho que está em constante progresso. Importa realçar o fato de que se verifica um crescente aumento da participação em ações de formação por parte dos trabalhadores com elevados níveis de formação académica (Sanz Fernández, 2005).

Este modelo educativo visa o aumento da empregabilidade, da produtividade, da competitividade, da eficiência e da eficácia e da evolução económica, sendo a educação vista como um instrumento ao serviço do sistema económico (Guimarães, 2010).

Os formadores neste tipo de formação exercem funções de gestores de recursos humanos que têm por finalidade a seleção de aprendizagens que contribuam para a rentabilidade e produtividade (Sanz Fernández, 2005). São profissionais promotores da certificação das competências para competir e ainda fomentam os processos de aprendizagens em contexto laboral (Guimarães, 2010). Assim,

“Os educadores de adultos assumem-se como técnicos da aprendizagem ao longo da vida, promotores da certificação de “competências para competir”, gestores de recursos humanos, promotores de aprendizagens em função da sua rentabilidade económica e fomentadores de processos de “aprender a aprender” em contexto de trabalho.”

(Guimarães, 2010, p. 783)

Estas tendências também influenciam a formação de catequistas. Embora se considere uma prática educativa de cariz não formal e informal a verdade é que a oferta formativa destes educadores se rege por princípios e orientações mais formalizadas. Este tipo de formação está organizada na sua maioria por módulos, contém programas e manuais homogéneos, utiliza métodos expositivos, efetua uma avaliação formal da aquisição dos conhecimentos e ainda atribui certificados. Afere-se



igualmente a emergência de instituições que têm em vista a formação cristã de adultos dentro da lógica formal, tais como a Universidade Católica Portuguesa, o Instituto de Formação Cristã que integra diferentes setores formativos como a escola de leigos, centro de formação a distância e ainda o departamento da catequese do Patriarcado de Lisboa que se dedica à formação de catequistas.

3. A Catequese

Atendendo a que os destinatários do plano de formação que se pretende desenvolver são catequistas, torna-se necessário abordar alguns aspetos relacionados com a catequese. Será de seguida efetuada uma breve reflexão sobre esta temática, suportada teoricamente por um documento emitido pela Igreja Católica que nos dá algumas linhas orientadoras, para o desenvolvimento de uma reflexão profunda, Diretório Geral da Catequese (DGC, 1998), apesar de se fazer referência a outras publicações.

Em primeiro lugar, é essencial que se faça uma definição do conceito de catequese e se identifique quais as suas finalidades. Ao refletirmos acerca desta temática, identificamos traços semelhantes aos da catequese atual na época apostólica, visto que o próprio Jesus, como posteriormente os seus apóstolos utilizarem uma metodologia idêntica à que ainda hoje é utilizada. Nesta época os conhecimentos eram transmitidos oralmente e procurava-se relacionar as questões de religião com a vida diária, como nos é indicado pelo Departamento Arquidiocesano da catequese de Braga (DACB) (2006).

Com a expansão do cristianismo no século III, os pastores da Igreja tiveram a necessidade de instruir os indivíduos, especialmente aqueles que pretendiam iniciar uma vida cristã surgindo desta forma o catecúmeno, sendo este um percurso formativo no qual o indivíduo se prepara para iniciar a sua vida cristã com o sacramento do Batismo. Os critérios do catecúmeno não se apoiaram numa regra generalizada, podendo variar de comunidade para comunidade, tal como nos é apresentado pelo DACB (2006).

Já no século IV, o cristianismo deixou de ser uma religião perseguida para se tornar na religião oficial do Império Romano, fator que contribuiu para que houvesse uma maior adesão por parte do povo. No século X, observa-se uma evangelização de diversos povos, o que se traduz numa acentuada adesão à fé. Contudo, esta adesão em massa é feita de uma forma superficial, o rápido crescimento de cristãos despoletou muitos problemas para a Igreja; era necessário desenvolver estratégias que permitissem a



formação dos novos cristãos. Assim sendo, os sacerdotes passam a aplicar o método de pergunta-resposta que facilitava a memorização. Surgem igualmente os catecismos organizados também numa lógica de perguntas e respostas.

Importa realçar que estas metodologias e estratégias destinavam-se aos adultos. Estes eram responsabilizados pela educação cristã dos seus filhos. Pelo menos era esta a intenção dos sacerdotes, apesar de se conhecer dados concretos que indicam a realidade não era essa. Se em algumas regiões os adultos não tinham conhecimentos acerca da religião, como poderiam instruir os seus filhos? Observa-se em algumas situações que a formação cristã das crianças era ministrada pelo sacerdote ou por outra pessoa formada para esse fim. Compreende-se que na Idade Média a educação cristã fazia parte da sociedade e o cristianismo regia em certa medida as condutas sociais. Por isso toda a comunidade era responsável pela instrução dos seus indivíduos. É nesta altura que se começa a introduzir o uso de ilustrações e a dramatização como estratégias de evangelização como é indicado pelo DACB (2006).

No século XIX, a igreja sofre diversas transformações e dá-se a Reforma Protestante. A Igreja responde a essa Reforma com o Concílio de Trento que ocorre em três momentos distintos. É no final deste concílio que se conclui a necessidade de desenvolver um catecismo que auxilie e suporte as pregações dos sacerdotes. É dado assim um enfoque ao catecismo como um documento oficial, no qual são mencionadas linhas orientadoras do cristianismo. É no Concílio que se refere a importância de implementar uma catequese paroquial com o intuito de apoiar os pais na educação cristã dos seus filhos.

É de referir que começam a surgir nessa época algumas ciências como a pedagogia e a psicologia que contribuem para o progresso da catequese. Outra vertente na qual a Igreja se baseou para organizar a educação cristã foi na escola. O DACB (2006) refere nesta fase o aparecimento de uma vertente catequética mais abstrata e voltada para as questões morais e de valores. Este indicador dá lugar a duas modalidades de educação cristã que ainda se encontra em vigor, nos nossos dias a catequese e a educação religião e moral, sendo esta última considerada uma disciplina curricular optativa no sistema nacional de ensino.

Na sequência das recomendações emitidas aquando do Concílio de Trento começam a surgir diversos documentos, como o catecismo da Igreja católica e o Diretório Geral da Catequese que contribuíram para solidificar e fortalecer a ação catequética da Igreja até aos nossos dias.



Sendo o catecismo da igreja católica um documento onde se apresenta as orientações que regem a vida cristã é com base nesse documento e noutras reflexões que origina a conceção de um Diretório Geral da Catequese que tem por finalidade indicar caminhos e orientações para a ação educativa de todos os agentes de evangelização.

O Diretório Geral da Catequese (1998) apresenta-nos a catequese como uma ação missionária que tem a preocupação de promover uma adesão à fé quer dos catecúmenos, quer dos catequizandos. Acrescenta ainda a necessidade de uma formação integral numa sociedade que está a perder o sentido religioso uma vez que em muitos países o Estado se tornou laico e apesar de alguns valores cristãos prevalecerem, estes tendem a se dissociar da Igreja.

“O carácter missionário da catequese atual e a sua preocupação em assegurar a adesão à fé por parte dos catecúmenos e dos catequizandos, num mundo em que vai desaparecendo o sentido do religioso. Nesta dinâmica, tem-se uma clara consciência de que a catequese deve adquirir o estilo de formação integral e não deve reduzir-se a um simples ensino: de facto, deverá esforçar-se por suscitar uma verdadeira conversão. ”

(DGC, 1998, p. 35)

Como já mencionado, são considerados catecúmenos todos aqueles que pretendem aderir à fé cristã, mas que ainda não receberam o sacramento do batismo. Neste grupo podemos encontrar sobretudo jovens e adultos. Os catequizandos são todos aqueles que já iniciaram a sua vida cristã, aquando do sacramento do batismo, mas que necessitam de ser educados na fé, incluindo-se neste grupo na sua maioria crianças, adolescentes e jovens.

O desenvolvimento do pensamento catequético e de catecismos adequados às diferentes realidades locais demonstram a importância que a catequese tem na ação apostólica da Igreja. A catequese abrange um conjunto de indivíduos com uma heterogeneidade ampla. A sua finalidade é dar a conhecer a história, cultura, valores e ensinamentos da Igreja Católica. Estes aspetos são mencionados no Diretório Geral da Catequese (1998), toda a ação evangelizadora tem como objetivo favorecer a comunhão. Quer dizer com isto que a catequese neste caso específico é uma partilha de experiências, vivências, valores e cultura que converge numa unidade que é a Igreja.

Após uma apresentação em linhas gerais da catequese torna-se fundamental realizar uma abordagem à catequese de adultos sendo esta a base das restantes catequese.



Compreende-se através do referido sobre a evolução da catequese que num primeiro momento existiu uma preocupação com a educação cristã dos adultos apesar dessa preocupação se ter dissolvido no tempo. Atualmente o ato catequético está centrado na catequese da Infância e adolescência embora estejam a surgir projetos catequéticos com a finalidade de envolver os adultos.

3.1 Catequese de adultos

Sendo ainda um setor no qual se identifica algumas divergências e algum estigma, no que se refere à sua conceptualização, é de toda a pertinência fazer referência a esta modalidade de formação catequética, considerando que o projeto de formação que se apresenta neste trabalho se destina a adultos com responsabilidade na formação cristã de toda a comunidade.

A catequese de adultos (CA) é considerada a base modular de todas as outras modalidades catequéticas (Gonçalves, 2011). Como mencionado no ponto anterior a formação cristã no momento inicial foi dirigida aos adultos que, por sua vez, introduziam os seus filhos na vida cristã em família.

Atualmente a catequese de adultos encontra-se dissociada da catequese da infância e da adolescência tendo, estas um lugar central na igreja atual. Compreende-se que as modalidades de catequese que se desenvolveram e ocupam uma posição de destaque são as modalidades catequéticas que abrangem os indivíduos em idade escolar, verificando-se um ajustamento desta atividade ao modelo escolar.

Torna-se evidente quais os desafios atuais da catequese de adultos, O Diretório Geral da Catequese (1998) indica as exigências inerentes a esta modalidade formativa.

“O discurso de fé, com os adultos, deve ter seriamente em conta as experiências vividas e os condicionamentos e desafios que fazem parte da sua vida. As suas exigências e necessidades de fé são múltiplas e variadas.”

(DGC, 1998, p. 206)

Como em outras áreas de educação de adultos, também nesta em concreto se deve ter em consideração os percursos de vida, a experiências e vivências dos indivíduos.

Outra questão que imprime uma certa exigência é o fato da catequese de adultos se dirigir a todos os adultos tendo estes ou não formação cristã. Quer isto dizer que a catequese de adultos engloba indivíduos crentes com alguma formação, que



pretendem aprofundar os seus conhecimentos, tal como adultos sem qualquer tipo de formação catequética inicial. Esta problemática é mencionada no Diretório Geral da Catequese (1998) e a qual deve ser levada em consideração aquando do desenvolvimento de uma sessão de catequese para adultos.

O catequista que trabalhe com adultos deve estar ciente da sua responsabilidade e da necessidade constante de aprofundar os seus conhecimentos em todas as dimensões. O catequista de adultos têm um papel crucial na adesão à fé dos adultos, visto ser em algumas situações o companheiro que esclarece e ajuda os outros adultos a aprofundar os seus saberes. Contudo, noutras situações é aquele que introduz o indivíduo na vivência cristã, como nos é dito no Diretório Geral da Catequese (1998). Em ambas as circunstâncias o catequista forma para que o catequizando tenha uma ação pastoral missionária, no sentido de dar testemunho cristão em sociedade como nos é indicado pelo DGC (1998).

“Formar para o assumir de responsabilidades na missão da Igreja e para saber dar um testemunho cristão na sociedade. O adulto aprenderá a descobrir, a valorizar e a pôr em prática aquilo que recebeu da natureza e da graça, quer no seio da comunidade eclesial, quer no seio da comunidade humana.”

(DGC, 1998, pp. 209 e 210)

Neste projeto em concreto a catequese de adultos toma dois significados distintos, se por um lado o catequista necessita de se formar e aprofundar os seus conhecimentos catequéticos para fazer face as exigências atuais, por outro lado, o catequista é formador de adultos aquando interage com os pais dos seus catequizandos, quando é animador de um grupo de jovens ou ainda quando é catequista de adultos. Atendendo que esta modalidade de catequese inclui características semelhantes a outras modalidades de catequese e que o papel do catequista ocupa um lugar de destaque. No seguimento do que tem vindo a ser abordado torna-se relevante concretizar uma breve reflexão sobre o papel educativo do catequista.

3.2 O catequista como educador

Como tem vindo a ser analisado percebe-se que o catequista tem uma ação educativa de grande peso na Igreja, sendo este o responsável pela educação cristã. Tendo presente esta ideia é importante observar qual o seu papel, o seu perfil, as suas funções, entre outros aspetos.



Apesar de existirem catequistas religiosos e religiosas, o foco desta abordagem será o catequista leigo pois, no grupo de catequistas da paróquia, paróquia para a qual se destina este projecto, só existem estes catequistas. Este tipo de catequistas são uma mais-valia para o serviço catequético, visto terem experiências e vivências idênticas às dos catequizandos, tal como nos é dito no Diretório Geral da Catequese (1998),

“A Ação catequética dos leigos também se reveste de um carácter peculiar, devido à sua particular condição na Igreja: «o carácter secular é próprio dos leigos» Os leigos realizam a catequese a partir da sua inserção no mundo, partilhando com as outras pessoas todas as formas de empenhamento e revestindo a transmissão do Evangelho com sensibilidade e conotações específicas: «esta evangelização... Adquire características específicas e uma eficácia especial, pelo facto de se realizar nas condições comuns do mundo» De facto, ao partilhar a mesma forma de vida daqueles que catequizam, os catequistas leigos têm uma sensibilidade própria para encarnar o Evangelho na vida concreta das pessoas. Os catecúmenos e catequizandos podem encontrar neles um modelo cristão, no qual projetam o seu futuro de crentes.”

(DGC, 1998, pp. 261 e 262)

Compreende-se que o catequista desempenha múltiplas tarefas e funções que se podem agrupar em diferentes perfis do catequista. No Diretório Geral da Catequese (1998) é nos apresentada a tipologia de perfis do catequista, que importa ter em consideração.

O catequista como missionário e animador comunitário, nas localidades onde não existe um sacerdote permanente. Esta função apostólica e de animação comunitária exigem que o catequista tenha uma formação abrangente. Tendo em vista as exigências da sociedade atual e ainda a escassez de sacerdotes, torna-se fundamental que os leigos assumam esta função com o intuito de auxiliar e promover uma profunda vivência cristã. A igreja Católica não pode descuidar a catequese dos jovens e adultos com a finalidade de dar continuidade à catequese de infância. Torna-se importante esta vertente catequética no sentido em que por vezes este público-alvo não frequentou a catequese ou teve uma formação inicial deficiente.

Deste modo, a catequese da infância e da adolescência é essencial para a formação de cristãos (Diretório Geral da Catequese, 1998). O catequista da infância e da adolescência tem uma tarefa delicada sendo responsável pela preparação destes grupos para os sacramentos. Esta tarefa torna-se atualmente ainda mais complexa, uma vez que a educação cristã está a deixar de ser transmitida no seio familiar, sendo



delegada por parte das famílias essa tarefa na catequese paroquial. Atendendo às características da catequese de iniciação cristã, percebe-se a complexidade das tarefas que os catequistas necessitam de desempenhar para um trabalho coerente que responda as necessidades deste grupo.

O Diretório Geral da Catequese (1998) indica outros dois tipos de catequistas que considera necessários e essenciais para o anúncio da Boa Nova. São estes os catequistas para os pais das crianças e adolescentes e os catequistas para as pessoas idosas, deficientes ou com características específicas. Sendo a catequese direcionada para os pais crucial na Igreja, visto em muitos casos os pais não terem conhecimentos para educarem os seus filhos na vida cristã. Por vezes, é o catequista das crianças e adolescentes que incute nos pais algum conhecimento.

Em suma, cada comunidade deverá estar desperta e sensível às características das pessoas que constituem a comunidade a fim de responder o mais adequado possível às suas especificidades, como é mencionado no Diretório Geral da Catequese (1998).

“Podem ser aconselháveis outros tipos de catequistas. Cada Igreja particular, analisando a sua situação cultural e religiosa, deverá satisfazer as suas próprias necessidades e deverá delinear, com realismo, o perfil dos tipos de catequista de que necessita. A orientação e a organização da formação dos catequistas é uma tarefa fundamental.”

(DGC, 1998, p. 265)

Abordadas as diferentes dimensões e perfis que um catequista pode desempenhar verifica-se que para o desempenho destas funções é necessário a existência de uma formação. Este aspeto será de seguida desenvolvido a fim de compreender quais as linhas orientadoras da formação de um catequista.

3.3 A formação dos catequistas

Tal como nos é indicado no Diretório Geral da Catequese (1998), a formação de um catequista deve ser de qualidade, de resto uma exigência justificada pelo facto serem os catequistas que formam os cristãos da sua comunidade. Sendo uma tarefa extremamente complexa, a Igreja não deve descurar da formação destes agentes de evangelização. Assim, é finalidade da formação de catequistas a preparação adequada para que estes consigam desenvolver um itinerário catequético apropriado ao contexto e ao grupo com que trabalham. A formação deve munir os catequistas de competências para serem capazes de animar eficazmente um percurso catequético,



através do qual anuncie Jesus Cristo, enquadrando-o na História da salvação e levando o catequizando ou catecúmeno a identificar-se com Jesus Cristo (Diretório Geral da Catequese, 1998).

No Diretório Geral da Catequese (1998) são mencionados os objetivos que se devem ter em consideração na formação de um catequista. Um catequista deve ser formado tendo em vista as necessidades de evangelização atuais, tendo presente os seus valores, desafios e dificuldades inerentes à sua ação educativa. O catequista deverá conter uma formação profunda e ser sensível às problemáticas sociais.

Para formar um catequista deve se ter em consideração três grandes dimensões, o ser, o saber e o saber fazer (Gil M). Por tal, a formação deve contribuir para o amadurecimento do educador da fé como pessoa, como crente; depois é necessário ter em consideração o que o catequista deve saber para exercer a sua tarefa de formador. Como em qualquer ação formativa, para além de ser conhecedor dos conteúdos cristãos, deve conhecer os destinatários da sua ação educativa e o contexto no qual estes estão inseridos. A última dimensão da formação de catequistas está relacionada com o saber fazer, visto a ação catequética se basear nas experiências e no testemunho de vida.

“A formação dos catequistas compreende diversas dimensões. A mais profunda refere-se ao próprio ser do catequista, à sua dimensão humana e cristã. Em primeiro lugar, a formação deve ajudar o catequista no seu amadurecimento como pessoa, como crente e como apóstolo. Depois, é preciso ter em conta aquilo que o catequista deve saber, para bem realizar a sua tarefa. Esta dimensão, impregnada pela dupla fidelidade à mensagem e à pessoa, requer que o catequista conheça adequadamente a mensagem que transmite e, ao mesmo tempo, o destinatário que a recebe, para além do contexto social em que este vive. Por fim, é preciso ter em conta a dimensão do saber fazer já que a catequese é um acto de comunicação. A formação tende a fazer do catequista um «educador da pessoa humana e da vida da pessoa» ”

(DGC, 1998, pp. 272 e 273)

Numa tentativa de clarificar e simplificar o que acima foi exposto serão referidos quatro blocos temáticos que a formação para catequistas deverá conter. Estes blocos temáticos serão indicados de acordo com as orientações do Diretório Geral da Catequese (1998).



1º Bloco – A maturidade humana, cristã e apostólica dos catequistas

A finalidade deste bloco é a preparação do catequista para não ser mero transmissor passivo mas, vivenciar e partilhar a sua experiência de fé com as pessoas, com o intuito de dar testemunho e ser modelo de vida cristã (Gil M). Neste ponto, tal como nos é afirmado no Diretório Geral da Catequese (1998), o catequista deve estar consciente de que, ao dinamizar uma sessão de catequese, ele próprio também está a aprender ou a aprofundar os seus conhecimentos.

2º Bloco – A formação bíblico-teológica dos catequistas

Tal como o próprio nome indica, este segundo bloco centra-se na formação bíblica do catequista, elemento essencial para formar pessoas na fé cristã. Se o catequista não tiver um conhecimento aprofundado e coerente acerca da mensagem bíblica como poderá exercer funções de catequista? No Diretório Geral da Catequese (1998) são apresentados três fatores essenciais para este bloco temático; a concretização de uma síntese da fé, a partir da qual possa dar testemunho de fé; um segundo ponto fundamental neste bloco temático é a capacidade do catequista de relacionar os conteúdos bíblicos com a experiência humana; por último, o terceiro fator que se deve ter em conta nesta temática formativa do catequista é este ser capaz não apenas de expor os conteúdos mas, efetuar a sua transmissão de modo a suscitar nos outros interesses.

3º Bloco – As Ciências Humanas na formação dos catequistas

Como se percebe os catequistas estão em contacto com uma pluralidade de problemáticas e com diferentes grupos etários; por isso é pertinente que tenham algumas bases das Ciências Humanas, tais como a Sociologia e Psicologia. Este aspeto é justificado no Diretório Geral da Catequese (1998) quando se sublinha a importância de o catequista ter algumas noções da Psicologia. No documento é ainda referido a importância das Ciências Sociais, no sentido destes agentes educativos concretizarem uma análise acerca dos contextos sociais e culturais, visto estes aspetos serem relevantes para o êxito da prática catequética. Por fim o Diretório Geral da Catequese indica ainda as Ciências da Educação e da Comunicação como elementos relevantes neste tipo de formação. Estas referências a diversas ciências fazem todo o sentido, visto a catequese ser um ato educativo que envolve diversas dimensões, as quais se tornam necessárias para o sucesso do ato catequético.



4º Bloco – A formação pedagógica do catequista

A formação pedagógica é um elemento essencial para a formação do catequista. Se este desempenha o papel de educador terá de ter noções básicas de processos, tais como planear uma sessão de catequese, atendendo ao contexto e às características dos destinatários. Resultando na escolha da melhor dinâmica e estratégia para atingir determinado objetivo. No Diretório Geral da Catequese (1998), estes aspetos são bastante claros, realçando a importância de munir o catequista de instrumentos que lhe permita programar o melhor possível a sessão de catequese, planeando a ação educativa, com outros e concretizando uma avaliação sobre a sua prática. O Diretório Geral da Catequese (1998) sublinha, que este tipo de conhecimentos são mais aplicados pelos catequistas se transmitidos quando estes estão a elaborar a planificação da catequese, ou seja, numa lógica de saber fazer, visto ser mais fácil a integração de determinados conceitos.

Para concluir, é de realçar que é importante a relação prática-teoria, no sentido em que o formando reflete acerca das conceções inerentes à catequese. Tal como nos é dito no Diretório Geral da Catequese (1998), o objetivo primordial da formação dirigida a catequistas é que estes educadores se tornem agentes ativos na sua própria formação, ou seja, a formação deverá conter aspetos práticos e próximos da realidade catequética e não ser apenas uma formação teórica.

“O objectivo ou a meta ideal é que os catequistas se tornem os protagonistas da sua própria aprendizagem, isto é, que a formação seja criativa e não a mera assimilação de regras externas. Por isso, a formação deve ser muito próxima da prática: é preciso partir desta para chegar àquela.”

(DGC, 1998, p. 280)

Afere-se deste modo por tudo o que tem vindo a ser exposto que a catequese consiste numa atividade de educação não formal. Conclui-se que, assim como em outras áreas educativas, a educação cristã é um sector complexo, exigente e desafiador para os educadores envolvidos nestas práticas.





Capítulo II - Diagnóstico de problemas e necessidades de formação

De seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos utilizados na construção desta proposta. São apresentadas as técnicas e instrumentos selecionados para a recolha de dados no contexto em análise, a fim de conhecer com maior profundidade os destinatários do plano de formação. Para concluir o processo de diagnóstico de problemas e necessidades de formação (DPNF), será efetuada uma apresentação e análise dos dados recolhidos.

1. Objectivos do diagnóstico de problemas e necessidades de formação

Ao se efetuar um diagnóstico de necessidades tem-se como finalidade a obtenção de informações através das quais se possam adquirir um maior conhecimento do objeto em análise. Para Guerra (2000), o diagnóstico é mais do que uma mera identificação de problemas ou necessidades de formação. Para a autora, a concretização de um diagnóstico tem por finalidade um conhecimento detalhado sobre o contexto em estudo e visa uma interação ativa entre diversos atores, procurando-se identificar as problemáticas, os recursos e as potencialidades do meio envolvente.

Quando se fala de necessidades importa estar ciente de que a sua conceção sofre oscilações mediante as interpretações encontradas. É importante ter presente a perspetiva de que o diagnóstico de necessidades, é um método que pretende medir onde determinado objeto se encontra e o nível desejado para ser atingido por esse objeto. Isto é, para além de identificar as necessidades é necessário compreender os objetivos, as lacunas, os interesses e os desejos do contexto em estudo. Cientes desta dificuldade torna-se fundamental para o êxito do DPNF uma seleção rigorosa dos procedimentos a aplicar, como nos refere Estrela (1999), sendo necessário para além dos instrumentos e técnicas a aplicar, analisar e refletir acerca das condições do meio para a sua aplicação.

Conscientes do que tem vindo a ser referido, mobilizando esses fatores para o projeto de intervenção que se pretende conceber, é de todo pertinente delinear os objetivos a alcançar com o levantamento de necessidades. Assim sendo, ao realizar o diagnóstico de necessidades de formação tem-se por objetivos:

- Conhecer as práticas educativas dos catequistas;
- Averiguar que tipos de formação que frequentaram;
- Identificar os problemas e interesses de formação dos catequistas;



- Verificar quais as melhores estratégias, métodos e técnicas de formação para este grupo de catequistas.

Este diagnóstico tem como finalidade identificar e analisar lacunas, interesses e dificuldades do grupo de catequistas da Paróquia de São João Baptista das Lampas para o qual se tenciona desenhar e conceber um projeto de formação para catequistas.

No processo de identificação de necessidades de formação foram envolvidos diversos intervenientes, com o intuito de obter uma visão abrangente das temáticas em estudo. Deste modo foram incluídos nesta fase o pároco e todos os catequistas da paróquia. Para uma compreensão mais abrangente das questões relacionadas com a formação de catequistas foram igualmente envolvidos dois formadores de catequistas que não pertencem à paróquia em estudo.

2. Abordagem e técnicas de recolha de dados

Neste ponto apresenta-se uma descrição das técnicas e instrumentos que foram aplicados. Tendo em atenção os objetivos, a finalidade e os intervenientes. Neste processo as técnicas e instrumentos selecionados assentam:

- Entrevista Semiestruturada a cinco catequistas;
- Entrevista Semiestruturada ao pároco;
- Entrevista semiestruturada a dois formadores;
- Notas de campo referentes a um curso de formação;
- Inquérito por questionário a todos os catequistas.

Os instrumentos acima mencionados para a recolha de informações no contexto em análise são pertinentes visto permitirem conhecer o contexto e a existência de uma relação próxima por parte do investigador com os restantes intervenientes.

2.1 Entrevista semiestruturada

As entrevistas semiestruturadas são um instrumento de recolha de dados que possibilitam ao investigador uma maior flexibilidade, no que diz respeito à construção do guião da entrevista. Ao ser constituído por questões abertas e ao dar hipótese de suprimir ou acrescentar perguntas mediante o entrevistado (Afonso, 2001). Fatores que se tornam essenciais no contexto em análise, visto se tratar de uma recolha de experiências e visões acerca de uma temática específica. Para uma melhor



compreensão do que se pretende com a aplicação desta técnica aos vários intervenientes (catequistas, pároco e aos formadores) segue-se uma apresentação da finalidade e das temáticas que foram abordadas em cada caso.

Entrevista semiestruturada aos catequistas (Anexo A1)

Esta técnica foi aplicada a cinco catequistas da paróquia de São João das Lampas, com a finalidade de obter informação detalhada sobre a sua prática educativa e auscultar a sua opinião acerca das formações dirigidas a catequistas. Assim sendo, nesta entrevista foram abordados os seguintes temas:

- Prática educativa do catequista;
- Experiência formativa;
- Interesses e necessidades de formação.

Entrevista semiestruturada ao pároco (Anexo A2)

A entrevista ao pároco justificou-se pelo fato de este ser o responsável pelo que se passa na paróquia, ser conhecedor dos destinatários do projeto de intervenção e ainda pela sua experiência. Bem como pelos seus conhecimentos teóricos acerca das problemáticas que se pretenda desenvolver.

Nesta entrevista em concreto pretendeu-se abordar as seguintes problemáticas:

- Organização da catequese;
- Visão acerca da formação para catequistas (Anexo A1);

Entrevista semiestruturada ao formador (Anexo A3)

Considerou-se relevante a realização de uma entrevista a dois formadores de catequistas com o intuito de conhecer a prática educativa deste tipo de formadores e auscultar a sua visão sobre as temáticas relacionadas com a formação para catequistas. Na entrevista aos formadores abordou-se as seguintes temáticas:

- Prática educativa do formador;
- Experiência formativa;
- Interesses e necessidades de formação;



2.2 Inquérito por questionário

A recolha de dados através de inquérito por questionário é uma técnica que nos remete para uma abordagem quantitativa (Bogdan; Biklen, 1994).

É um instrumento que permite abranger um vasto número de pessoas e efetuar o levantamento de alguns indicadores essenciais, para um melhor conhecimento dos destinatários da formação. Afonso (2001) diz-nos que o inquérito por questionário distingue-se das entrevistas por consistir em questões escritas que são respondidas por escrito, não existindo uma interação entre o entrevistado e o entrevistador aspeto que ocorre aquando da concretização de entrevistas.

Atendendo a que o grupo de catequistas era constituído por 45 elementos pretendeu-se obter informações detalhadas sobre os participantes (ver Anexo A4). A construção do guião do questionário contempla as seguintes categorias:

- Dados pessoais (idade, sexo, habilitações, ocupação);
- Formação (participação, conteúdos, métodos e avaliação);
- Interesses e necessidades de formação (conteúdos, métodos e avaliação);
- Gestão e organização da formação (horário e local).

2.3 Notas de campo

A recolha de informação a partir de notas de campo é uma técnica utilizada quando o investigador se integra no contexto em análise. Esta técnica pode ser chamada de “observação não estruturada”, “observação de campo” ou ainda de “notas de campo”. Seja qual for a denominação que se atribua ao instrumento aplicado, este tem como finalidade a descrição detalhada do contexto em estudo, tendo em atenção os espaços, as interações entre pessoas e os hábitos entre outros indicadores (Afonso 2001). Esta visão é reforçada pela definição de Bogdan e Biklen (1994), na qual é atribuída duas funções às notas de campo: por um lado têm uma função descritiva e, por outro, permitem uma reflexão sobre os contextos descritos. Considerando o que se referiu sobre as notas de campo, selecionou-se este instrumento para ser aplicado pelo investigador na participação de um curso de formação de catequistas. Foi objetivo do investigador descrever uma ação de formação direcionada para catequistas. Para a construção das “notas de campo” tiveram maior relevância os seguintes aspetos:

- Conteúdos programáticos;
- Métodos pedagógicos;



- Materiais e espaços utilizados;
- Participantes;
- Metodologia de avaliação.

Todos estes instrumentos contribuíram para um conhecimento mais profundo dos participantes, das suas necessidades e interesses e ainda da opinião dos participantes em relação à formação. A averiguação de todos os elementos obtidos contribuiu para um melhor ajustamento e uma adequação do projeto de formação aos reais problemas e as necessidades formativas deste grupo de catequistas.

3. Apresentação e análise dos dados recolhidos

Após a descrição dos procedimentos metodológicos selecionados para a concretização do diagnóstico de necessidades de formação e recolha de dados, tornou-se necessário efetuar uma apresentação dos dados recolhidos e a sua análise. Para uma clarificação acerca da análise de conteúdo, visto ser aplicada à maioria dos dados obtidos, de seguida apresenta-se uma síntese sobre esta técnica.

A análise de conteúdo assenta num conjunto de técnicas que tem como finalidade a interpretação da informação obtida a partir dos instrumentos de recolha aplicados, quer sejam de carácter quantitativo, como de carácter qualitativo. Ao se utilizar esta técnica pretendeu-se efetuar uma descrição sistemática e objetiva de todos os elementos recolhidos aquando do diagnóstico (Bogdan & Biklen, 1994; Estrela, 2008).

Ao se efetuar a análise de conteúdo é importante ter em conta três fases. A fase da pré-análise, um primeiro momento após a obtenção das informações. Segue-se o momento da codificação e descrição dos dados recolhidos que, de um modo geral, se traduz na construção de grelhas, que permitem organizar as informações recolhidas por temáticas ou categorias e que são relevantes para o estudo em desenvolvimento. Por fim, a terceira etapa é a interpretação específica ou geral de todos os indicadores relevantes para a investigação.

Pode-se afirmar que esta técnica tem duas dimensões fundamentais para a aferição das informações adquiridas no diagnóstico: a dimensão descritiva e uma dimensão interpretativa dos elementos recolhidos (Guerra, 2006).

Considerando-se as fases acima referidas, é de referir que, num primeiro momento, procedeu-se à transcrição de todos os instrumentos aplicados. Para a fase da codificação, foram construídas grelhas analíticas de acordo com as temáticas e os

objetivos predispostos nos guiões. Guerra (2006) refere-se as estas grelhas como sinopses, ao afirmar que estas são sínteses dos discursos obtidos na recolha de dados. No caso em concreto, para cada instrumento de recolha, foram definidos por blocos temáticos, no caso das entrevistas, e por categorias, no caso do inquérito por questionário. É com base nessas temáticas que se identificaram as categorias de cada grupo de dados e, quando pertinente, foram criadas subcategorias com o intuito de tornar mais perceptível a análise. Assim sendo, pode-se afirmar que esta tipologia de análise de conteúdo é categorial, como nos é dito por Guerra (2006). Importa ainda mencionar que os elementos retirados dos documentos em análise são denominados de unidades de registo inerentes ao processo, de codificação como nos é referenciado por Bogdan e Biklen (1994).

Desta forma concretiza-se a segunda fase a codificação dos dados. Mas, para concluir a análise das informações, é necessário realizar uma interpretação das sínteses descritivas apresentadas na fase anterior a fim de se obter uma visão global das problemáticas que se pretende compreender. Guerra (2006) sublinha a exigência e rigor que o processo interpretativo requer.

3.1 Apresentação e análise das entrevistas aos catequistas

Para a concretização das entrevistas aos catequistas foi construído um guião (anexo A1) composto por seis questões. Estas foram realizadas presencialmente (face a face) entre os finais de Novembro e início de Dezembro. Importa referir que as transcrições das entrevistas através das quais se realizou a análise de conteúdo encontram-se em anexo (ver anexos B1, B2, B3, B4 E B5).

3.1.1 Caracterização da amostra

Tal como referido no ponto anterior, foram entrevistados cinco catequistas. Para a seleção dos entrevistados foram tidas em consideração as variáveis de género e de idade para que houvesse uma representação equilibrada da amostra. Procurou-se escolher catequistas de centros diferentes para obter informações generalizadas. Um outro indicador que se teve em conta foi a experiência dos entrevistados.

Assim sendo, esta amostra, foi composta por um elemento do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Os entrevistados tinham idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos. Importa salientar que quatro deles desempenhavam a função de responsável de centro de catequese ao qual pertencem.



3.1.2 Análise e interpretação dos dados

Foram identificados dois blocos temáticos: prática educativa dos catequistas e experiência formativa e interesses de formação, sendo que a Tabela 1 descreve as categorias e respetivas subcategorias de cada bloco temático:

	Categorias	Subcategorias
1º Bloco	Ser catequista	Motivos
		Quando
	Sessões de catequese	Conteúdos
		Métodos pedagógicos
		Tempos e locais
	Relações com os outros	Relação com outros catequistas
		Relação com os pais
2º Bloco	Experiência formativa	Participação na formação
		Pontos de vista
	Interesses de formação	Conteúdos
		Métodos pedagógicos
		Tempo local

Tabela 1 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos

Prossegue-se com uma interpretação dos dados tendo em atenção os blocos temáticos, categorias e subcategorias acima referidos. A interpretação será efetuada com base nas grelhas de análise (Anexos C1 e C2).

1º Bloco Temático: Prática Educativa

Neste bloco pretendeu-se compreender que motivações conduziram estes catequistas a exercer este papel educativo, analisar como organizam as sessões de catequese e ainda verificar como se relacionam com os outros.



1ª Categoria: Ser catequista

Esta categoria divide-se em duas subcategorias, motivos para ser catequista e quando se tornaram catequistas.

Motivos para ser catequista

Podemos aferir que as motivações dos inquiridos para serem catequistas foram na maioria dos casos o fato de haver “falta de catequistas”.

Em consequência, quatro dos inquiridos foram convidados pelos seus catequistas para começar a exercer essa função, como nos relata o Catequista C3: “por falta de catequistas, comecei a dar catequese com outra catequista...”. Ainda nos foi dito pelo catequista C4 que “foi porque a minha catequista me convidou a dar catequese. Porque na A. não havia muitas catequistas...” Apenas o entrevistado C1 é que mencionou como motivação a vontade de partilhar com os outros os conhecimentos que adquiriu no Seminário. Refere também o fato de ter sido catequizando.

Momento em que se tornaram catequistas

Percebe-se que quatro dos entrevistados tornaram-se catequistas quando ainda andavam na catequese, tendo idades compreendidas entre os 15 e 17 anos. Estes dados demonstram que tendencialmente os inquiridos tornaram-se catequistas quando concluíram a sua formação básica e, em muitos casos, foi o formador desses catequistas que os convidaram para essa função. Verifica-se ainda que esse convite surgiu na sequência de haver falta de catequistas. Estes aspetos demonstram que se aprende a ser catequista através da prática.

2ª Categoria: Sessões de catequese

A segunda categoria “Sessões de catequese” é constituída por três subcategorias que são interpretadas individualmente para uma melhor compreensão.

Conteúdos

Observou-se que os catequistas inquiridos seguiam o guia e o catecismo que eram indicados pelo patriarcado para cada ano de catequese. O inquirido C2 referiu que “tenho sempre como base, o guia e o catecismo...”, o catequista C4 mencionou que seguia frequentemente as propostas apresentadas pelo guia, “...sigo bastante as propostas que estão no guia.”

O entrevistado C1, apesar de afirmar que não seguia o itinerário proposto pelo guia, tinha em consideração os objetivos apresentados no catecismo e que deviam ser atingidos pelo seu grupo de catequese. Este catequista tinha em consideração os conteúdos bíblicos procurando transmitir aos seus catequizandos os conhecimentos que obteve ao longo da sua formação. Este entrevistado afirmou: “... através do saber adquirido e nunca me baseei muito nos livros...”; “É claro que me baseio na bíblia, é claro que me baseio na vida de Jesus, é claro que olho para o esquema que está no catecismo...”.

Ao olhar para as opiniões dos entrevistados C3 e C5 respetivamente: “...os guiões dizem muito mas, acabam na realidade por não dizer assim tanto.”; “eu sigo o guia do patriarcado (...) o guião nem sempre é bom para o tema.”; Compreende-se que as dinâmicas apresentadas pelos catecismos e os guias por vezes não se adequam à realidade destes catequistas. Esta visão foi ainda reforçada pelo inquirido C2: “...muitas vezes vou buscar uma lição mais a frente ou atrás (...) pego no catecismo, no guia, estudo as lições...”

Métodos pedagógicos

Para uma melhor apresentação dos métodos, dinâmicas e recursos utilizados por estes catequistas foi construída a Tabela 2, no qual se pode observar as respostas dos catequistas referentes a estas temáticas. Através das respostas compreende-se que os inquiridos não fazem uma separação explícita entre métodos pedagógicos, dinâmicas e recursos pedagógicos, apesar de se identificar diversas atividades.

		Nº de entrevistados	Unidades de Registo
Métodos	Relacionar os conteúdos com as vivências do quotidiano	4	C1: “ <i>ir buscar coisas do dia-a-dia...</i> ” C4: “ <i>...utilizamos o dia-a-dia para tentar identificar com as coisas da catequese...</i> ”
	Transmissão espontânea	1	C1: “ <i>...gosto de transmitir espontaneamente...</i> ”
	Partilha de conhecimentos entre grupos	1	C1: “ <i>...vamos visitar o ano a seguir ou anterior e partilhamos qualquer coisa.</i> ”

Dinâmicas	Jogos	4	C1: "...os jogos de grupo..." C2: "...jogos escritos, sopas de letras, palavras cruzadas e mensagens ocultas..." C3: "...jogos também..."
	Expressão musical	4	C1: "...músicas com as violas..." C4: "...músicas..."
	Expressão Dramática	2	C1: "...fazer teatros espontâneos..." C2: "...teatros, poemas..."
	Leitura e interpretação de textos	2	C2: "...textos em que tem de trabalhar..." C3: "...leitura..."
Recursos	Bíblia	2	C2: "...utilizo bastante a bíblia..."
	Internet	2	C4: "...buscar coisas à internet..." C5: "...eu tento por exemplo tirar do YouTube..."
	PowerPoint	2	C2: "...tem de se fazer pesquisa e construir PowerPoint..." C4: "...as apresentações em PowerPoint..."
	Material didático de apoio do catecismo	2	C5: "...com imagens, ou com o material didático multimédia..."

Tabela 2 Apresentação das estratégias utilizadas nas sessões de catequese

Entende-se, pelo que está apresentado na Tabela 2, que os inquiridos esforçaram-se para tornar as suas sessões de catequese dinâmicas e apelativas para os seus destinatários. Na sua maioria deram enfoque as experiências e vivências diárias dos seus catequizandos nos seus encontros. No entanto, não foi possível aferir a frequência com que estas dinâmicas eram desenvolvidas e se em todas as atividades existiu uma intencionalidade educativa ou se se tratava de uma mera ocupação do tempo.

Tempos e locais das sessões de catequese

No centro de catequese ao qual o inquirido C1 pertence as sessões de catequese tinham dois momentos. Um primeiro momento, o acolhimento de todas as crianças no salão paroquial e no seu exterior com uma duração de cerca de 20 minutos. Depois o segundo momento que decorria nas salas de catequese com duração de 45 minutos



como cita o entrevistado C1: “Embora estejam depois aqueles 45 minutos nas salas com o ano propriamente dito. Aqueles vinte minutos que estão antes dá para se conhecerem uns aos outros...”. Compreende-se que este catequista e nomeadamente o centro de catequese onde exercia a sua prática tinha uma dinâmica própria, pois existia uma gestão e organização dos tempos e locais.

O entrevistado C4 referiu que as questões relacionadas com o horário e local das sessões, quando se refere a uma proposta anual, origina a existência de uma sessão de catequese para todos os anos uma vez por mês, “uma vez por mês nós fazemos com o grupo uma catequese para todos e isso está dentro de uma proposta anual, normalmente essa catequese coincide com o dia da missa das crianças....”. Entende-se deste modo que o centro onde este catequista exercia funções tinha uma dinâmica e organização diferente de outros centros catequéticos da paróquia.

Se, por um lado, estes dois catequistas inquiridos referem-se ao tempo tendo em vista a gestão e organização dos centros de catequese, verificamos que os outros dois entrevistados apontam o tempo como um problema. O inquirido C2 menciona: “...temos pouco tempo em relação ao horário da catequese, ao sábado é muito mau. A catequese lá ao sábado é péssima, não funciona...”, Apesar de não estar explícito na entrevista a este catequista, é importante indicar que as sessões de catequese neste centro ocorriam ao domingo exceto uma vez por mês que se realizavam aos sábados.

Também o respondente C3, apontou que as sessões de catequese estavam limitadas no que dizia respeito ao tempo, “Nós começamos às três da tarde (...) acabamos por começar um quarto de hora vinte minutos depois (...) o tempo útil acaba por ser quase trinta minutos. Acaba por ser pouco tempo (...) Não temos outro horário para a catequese.”.

Observou-se pelas respostas dos catequistas entrevistados que as sessões de catequese eram organizadas e geridas mediante as condições e os recursos que cada centro de catequese possuía.

3ª Categoria: Relação com os outros (com catequistas e com os pais)

A última categoria deste bloco temático refere-se as relações com os outros. Verifica-se que os catequistas tinham consciência da importância do trabalho em grupo, embora só se tenha verificado a sua realização quando se programou atividades para todos os grupos de catequese. A relação com os pais é positiva na sua maioria, tendo



sido identificadas algumas iniciativas para envolver os pais ativamente nas dinâmicas catequéticas, como se apresenta na Tabela 3 e Tabela 4.

Relação com os outros catequistas	
Trabalho Individual	<p>C1: <i>“...nunca trabalhei sozinho...”</i></p> <p>C2: <i>“...preparo a catequese sozinha (...) cada grupo prepara o seu encontro...”</i></p> <p>C4: <i>“Nós temos um catequista para cada grupo...”</i> <i>“...aquilo que diz respeito à preparação de cada grupo é só da catequista.”</i></p>
Trabalho de grupo	<p>C1: <i>“...damos catequese em conjunto normalmente nos tempos fortes...”</i> <i>“...catequese todos juntos aqui no salão...”</i></p> <p>C2: <i>“...fazemos catequese em grupo.”</i> <i>“...nós como grupo organizamos a catequese para todos.”</i> <i>“...nós partilhamos umas com as outras...”</i> <i>“...sessões de catequese são preparadas individualmente.”</i></p> <p>C3: <i>“... às vezes ter ideias e partilhar com as colegas...”</i></p> <p>C4: <i>“...uma vez por mês nós fazemos com o grupo uma catequese para todos...”</i> <i>“...todos os grupos trabalham em conjunto (...) são as catequistas todas a preparar essa sessão.”</i></p>

Tabela 3 Relação com os outros catequistas

Embora no guião das entrevistas dos catequistas não tivesse nenhuma questão direta referente à relação com os outros catequistas, verificou-se que os inquiridos se referiam ao grupo “nós fazemos”, “nós damos” como é observável nas tabelas atrás apresentadas.

É claro pelo discurso dos catequistas, que as sessões de catequese dirigidas a um grupo em concreto eram da responsabilidade do catequista desse grupo. Contudo, a maioria mencionou que existia uma partilha e interajuda entre os catequistas do centro de catequese. Por outro lado, quando foi programada alguma atividade com todos os grupos de catequese, incluindo todos os centros de catequese ou apenas um centro, nessas situações os catequistas prepararam os encontros em conjunto.

Relação com os pais	
Indicadores positivos	<p>C1: "...os pais vão gostando, aprendendo e vão ficando..." <i>"E em vez de chegar aqui e deixarem os filhos tipo depósito não, os pais ficam."</i> <i>"...mas também os aproveitamos quando há as festas..."</i> <i>"...os pais gostam muito de ajudar desde que não estejam aqui fechados a responder a perguntas, eles participam muito."</i></p> <p>C2: "...quando é preciso alguma coisa eles aparecem (...) participam muito (...) acompanham os filhos." <i>"...os pais na sua maioria são muito participativos, eu tenho essa sorte."</i></p> <p>C3: "...há pais que são muito assíduos..."</p> <p>C4: "...tentamos através das crianças envolver os pais (...) quando as crianças convidam os pais, os membros da família aderem." <i>"...nos inícios dos anos fazemos uma reunião de pais..."</i> <i>"Mas o principal objetivo foi chegar aos pais (...) alguns pais que andam mais no Facebook (...) A forma como nos comunicamos com os pais é mesmo através de SMS."</i></p> <p>C5: "Fiz isso no ano da primeira comunhão (...) Claro que eles não preparavam mas, eles vinham e partilhavam a sua experiencia."</p>
Indicadores negativos	<p>C1: "...não temos reuniões de pais (...) há outros pais que vem tipo obrigação..." <i>"...não resulta estar só os pais..."</i></p> <p>C2: "Não tem havido muito envolvimento dos pais..." <i>"...os pais vão mesmo como se fosse um ATL..."</i> <i>"...exigem..."</i> <i>"Onde é que está a responsabilidade dos pais?"</i></p> <p>C3: "...mas os pais que precisavam de catequese são aqueles que não vão aparecer."</p> <p>C4: "seria ótimo que os pais participassem mais (...) nós, tentamos sempre que os pais participem, às vezes nas lições de catequese e sempre na catequese em grupo." <i>"...eu acho que os pais entregam muito os filhos a catequese..."</i> <i>"...nem sempre estão disponíveis para fazerem a mesma caminhada que os filhos."</i></p> <p>C5: "não tenho pedido a nenhum pai para vir dar catequese."</p>

Tabela 4 Relação com os pais



No que se refere ao envolvimento dos pais na educação cristã dos filhos constatou-se que foi uma temática que preocupou estes agentes educativos. Compreende-se que alguns pais colaboraram e participaram nas atividades propostas pelos catequistas mas, os entrevistados consideraram que os pais se desresponsabilizaram da formação cristã dos filhos e delegaram toda a responsabilidade na catequese. Tendo consciência desta situação, dois centros de catequese que tentaram suprimir essa lacuna, tendo como estratégia o desenvolvimento de atividades que envolviam as crianças e os pais, um acolhimento diferente ou uma atividade mensal dirigida a todos os grupos.

2º Bloco temático: Experiência formativa e interesses de formação

O Segundo bloco temático “Experiência Formativa e Interesses de formação” (ver Anexo C2), teve como finalidade analisar a visão dos catequistas em relação às propostas de formação dirigidas a catequistas e quais os seus interesses de formação.

1ª Categoria: Experiência formativa

Nesta categoria tornou-se pertinente efetuar duas interpretações distintas, uma referente à participação em formações e outra relacionada com os pontos de vista sobre a formação.

Participação em ações de formação

Observou-se que todos os entrevistados já frequentaram pelo menos a formação inicial de catequistas. De entre os cinco entrevistados, dois participaram na formação inicial para catequistas, como afirma o catequista C3: “fiz uma de iniciação...”, o catequista C5: “Só frequentei uma que foi logo ao início...”. Os restantes entrevistados mencionaram já terem participado em algumas ações de formação, dinamizadas pelo patriarcado (na sua maioria) ou promovidas pela paróquia, o catequista C1 afirmou: “Frequentei algumas que o patriarcado nos proporcionou”, o catequista C2 diz: “Eu fiz o curso de iniciação de catequese, depois fiz o nível 1, nível 2, nível 3...” e “Cheguei a ir a encontros a Fátima, a retiros na Quinta das Tílias, na Buraca...”, o catequista C4: “...eu já fiz aquela formação inicial de catequistas (...) Algumas formações que a paróquia propôs...”.

Importa ainda salientar um tipo de formação que nos é indicada pelo catequista C1: “...nós temos uma vertente de formação-oração (...) que o padre A. denominou: «os catequistas rezam com o prior»”. Foi igualmente interessante verificar que o inquirido

C4 procurou formar-se a um nível académico: “...inscrevi-me para fazer a licenciatura em Ciências Religiosas...”, um fator que poderá indicar uma consciência e necessidade de adquirir conhecimentos mais profundos.

Pontos de vista sobre a formação

Na subcategoria “Pontos de vista sobre a formação”, identificou-se diferentes visões em relação à formação, tal como é apresentado na Tabela 5. Na tabela abaixo apresenta-se as opiniões e visões dos catequistas entrevistados em relação a formação, tendo-se observado aspetos positivos e aspetos negativos das ações de formação frequentadas pelos inquiridos.

Ao analisar a Tabela 5, compreende-se que, de um modo geral, os entrevistados consideraram que a formação foi importante para o seu desenvolvimento como catequistas. No entanto, verificou-se que os catequistas nem sempre aderiram às propostas de formação apesar de existirem alguns momentos de formação promovidos pelo departamento de catequese. O respondente C4 fez uma crítica acentuada aos catequistas afirmando que muitas vezes são os próprios catequistas que não procuram formação.

Visão positiva	Visão negativa
<p>C1: “...muita formação eu trago já na minha bagagem...”</p> <p>“...gosto menos ou gosto mais se eu me identifico mais ou menos com aquele tipo de formação...”</p> <p>“...há métodos com os quais eu me identifico e outros que não me identifico de todo...”</p> <p>“...acho que sim que o patriarcado tem vindo a melhorar a formação (...) tem havido muita oferta e diversificada (...) acho que se formou ali uma boa dinâmica...”</p> <p>C2: “...em relação às outras que tive antes ajudaram me bastante...”</p> <p>C3: “...gostei muito (...) eu acho que eram pessoas muito experientes...”</p> <p>“...gostei muito e aprendi muito com eles (...) tive pena que não durasse mais tempo.”</p> <p>“...devemos frequentar formações...”</p>	<p>C1: “...formação devia ser mais participativa...”</p> <p>C2: “...não gostei porque não estava preparada (...) e achei muito maçudo, não coincidia a formação com aquilo que tínhamos em mãos na altura...”</p> <p>“...há muitas que são mais uma formação...”</p> <p>C4: “...eu acho que também não há assim muita aderência (...) até se propõem as coisas e as pessoas não vão.”</p> <p>“...não vejo as catequistas a procurarem muita formação...”</p> <p>“Como catequistas ficamos muito pela rama...”</p>

Tabela 5 Visões sobre a formação



2ª Categoria: Interesses e necessidades de formação

A segunda categoria “Interesses de formação” teve como finalidade a obtenção de uma visão sobre os conteúdos, metodologias, tempos e locais para o desenvolvimento de uma ação de formação. Para melhor compreensão destas temáticas tornou-se pertinente construir a Tabela 6 no qual se apresenta as visões dos catequistas entrevistados.

Entende-se pela leitura da tabela abaixo que os catequistas apontaram diversas áreas de formação, importantes para o desempenho da sua função. Indicaram ainda que preferiam ações de formação organizadas localmente. Sublinharam ainda a importância da existência de uma metodologia formativa que permitisse a participação ativa dos formandos.

Como se observa na Tabela 6, os interesses de formação dos entrevistados eram diversificados. Três dos inquiridos consideraram a formação bíblica como um tema essencial para a formação de um catequista. O catequista 5 referiu que a formação litúrgica era outra área formativa de interesse para um catequista.

Questões relacionadas com a psicologia, pedagogia, didática e ainda com métodos e dinâmicas de formação foram mencionadas pelos respondentes como áreas formativas essenciais para a sua ação educativa.

No que se referiu às metodologias a aplicar numa formação para catequistas, compreende-se que estes entrevistados preferiam métodos nos quais tenham uma participação ativa.

No que diz respeito, ao local e tempo da formação afere-se que uma ação de formação organizada localmente era benéfica, visto ser mais próxima da realidade onde os catequistas exerciam a sua ação educativa. Consideravam ainda que o facto de ser uma formação local não requeria que os catequistas tivessem de disponibilizar tempo nas deslocações.

Temáticas	Unidades de registo
Conteúdos	<p>C1: “...é dar a conhecer Jesus às pessoas.” “...seria muito giro até para adultos fazer essa formação de quem é Jesus.” “...podemos reforçar a parte teórica (...) como é que se pode ensinar as crianças...”</p> <p>C2: “...fidelidade, respeito (...) por onde passa o respeito em relação aos pais e aos adolescentes porque às vezes as crianças sofrem por essa falta de respeito nas famílias, em relação ao amor... não o egoísmo, mas o amor, sei lá que mais...” “...tem a ver com aquilo que as catequistas podem viver umas com as outras...”</p> <p>C3: “Catequese de adulto (...) como lidar com as crianças...” “...uma questão pedagógica (...) a parte humana, a parte psicológica, didáctica (...) às vezes faz-nos falta saber comunicar com eles...”</p> <p>C4: “pedagogia (...) a parte de conhecer o crescimento das crianças, a parte mais comportamental (...) como envolver os pais na catequese (...) partilhar estratégias...” “...formas diferentes de rezar (...) coisas sobre a bíblia...”</p> <p>C5: “Formação bíblica (...) sobre a liturgia (...) métodos que possamos utilizar (...) outras dinâmicas...”</p>
Métodos Pedagógicos	<p>C1: “...devemos participar ativamente...” “...há pontos de vista que nós podemos partilhar...” “...dar-nos oportunidade para questionar.”</p> <p>C4: “...nós podíamos recorrer a outros métodos (...) podia-se por exemplo aproveitar coisas que os outros catequistas estão a fazer e partilhar...” “...tem de ser coisas muito práticas...”</p> <p>C5: “...trabalho de grupo...”</p>
Tempos e locais	<p>C1: “...se puderem ser locais, melhor...” “Porque nos dá mais facilidade para tirarmos uma ou duas horas, sem termos de tirar o dia todo.” “...não só a paróquia mas, duas, três paróquias, são zonas muito mais perto, seria muito mais fácil...” “...para os catequistas se conhecerem e estarem mais à vontade para se questionarem.” “...é identificativo com a zona onde moramos...”</p> <p>C2: “...devia haver formações aqui na paróquia com pessoas que conseguissem cativar...”</p> <p>C4: “...eu, por exemplo, muitas sextas não posso ir todas. Mas, se calhar, fazer algumas sessões e as pessoas puderem ir ou inscreverem-se em sessões que sentissem que fossem mais importantes.”</p>

Tabela 6 Conteúdos, metodologias, tempos e locais da formação

3.2 Apresentação e análise da entrevista ao pároco

Para a realização da entrevista ao pároco foi construído um guião (ver Anexo A2) composto por seis questões orientadoras. A entrevista ao pároco foi concretizada por correio eletrónico, visto não ter sido possível a marcação de uma entrevista face-a-face devido a pouca disponibilidade do sacerdote. A entrevista concretizou-se no início de Fevereiro (ver Anexo B6).

3.2.1 Caracterização do entrevistado

O entrevistado, o sacerdote responsável pela paróquia de São João Baptista das Lampas nas suas diversas dimensões, nomeadamente na educação cristã de todos os paroquianos. Considerando-se uma fonte importante para o desenvolvimento do projeto de formação para catequistas pois era conhecedor da realidade paroquial e dos catequistas da paróquia. Pretendeu-se com esta entrevista conhecer a sua visão acerca da formação para catequistas e ainda compreender como se organizava a catequese paroquial.

3.2.2 Análise e interpretação dos dados

Tendo em consideração os aspetos indicados sobre a análise de conteúdo referidos no ponto 3.1.1, identificaram-se as seguintes categorias para o primeiro bloco temático:

Categorias	
1º Bloco	Actual organização da catequese paroquial
	Expectativas em relação á catequese paroquial
2º Bloco	Oferta formativa
	Avaliação sobre a oferta formativa
	Áreas de formação importantes na formação de catequistas
	Organização da formação para os catequistas da paróquia

Tabela 7 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos



1ª Bloco temático: Organização da catequese paroquial

É finalidade deste bloco temático compreender como se organiza a catequese paroquial e quais as expectativas do sacerdote em relação à catequese, com o intuito de se obter um conhecimento mais detalhado sobre a catequese paroquial.

1ª Categoria: Actual organização da catequese paroquial

No que diz respeito à organização da catequese paroquial, compreendemos pelo discurso do entrevistado que a catequese estava organizada em seis centros de catequese. Existiam reuniões trimestrais nas quais os responsáveis da catequese dos diversos centros se reuniam com o pároco para organizar as atividades da catequese. O entrevistado refere ainda que as sessões de catequese eram orientadas pelos manuais propostos pela diocese e procurava-se dinamizar as iniciativas que o departamento da catequese diocesano propôs ao longo do ano pastoral (ver Anexo C3).

2ª Categoria: Expectativas em relação à catequese paroquial

Nesta categoria podemos compreender que o inquirido pretende envolver as crianças e os pais mais ativamente na comunidade cristã nas diversas áreas. O pároco afirmou:

“Evidentemente, ainda há muito a fazer a nível da participação litúrgica e comunitária. Falta ainda uma maior sensibilização da participação ativa tanto das crianças como dos pais na vida diária da comunidade.”

(Pároco)

Entende-se pelo discurso do entrevistado que é fundamental conceber estratégias que mobilizem as famílias para a participação ativa na vida paroquial.

2º Bloco temático: Visão sobre a formação de catequistas

Este bloco temático teve o intuito de observar a visão do sacerdote sobre a formação de catequistas, dando-se um maior enfoque à formação dos catequistas da sua paróquia.



1ª Categoria: Oferta formativa

No que diz respeito à oferta formativa o entrevistado apontou três tipos de oferta formativa distintos:

“Para além das ações de formação Diocesana, há também os encontros formativos promovidos pela Vigararia de S. (...). A nível Paroquial temos desenvolvido os encontros de oração e reflexão com o Prior (Advento e Quaresma).”

(Pároco)

Verificou-se deste modo que existe uma oferta formativa diversificada e a diversos níveis.

2ª Categoria: Avaliação sobre a oferta formativa

A avaliação que o sacerdote fez à formação é bastante positiva, referindo que as formações procuram ter conteúdos atuais e que são bem preparadas:

“É de nível bastante bom! São encontros bastante bem preparados, com conteúdo e de uma atualidade enquadrada no tempo e na ação.”

(Pároco)

3ª Categoria: Áreas de formação importantes na formação de catequistas

Neste ponto o entrevistado começou por referir que tudo começa com uma boa formação humana e cristã. No entanto considerou que é importante na formação de um catequista existir a área da teologia e da espiritualidade.

“Teologia e Espiritualidade parecem-me duas dimensões em falta. O inquirido não dá uma informação detalhada sobre as áreas de formação essenciais para um catequista, contudo indica a necessidade de os catequistas terem uma formação mais profunda na parte da teologia e da espiritualidade.”

(Pároco)

4ª Categoria: Organização da formação para os catequistas da paróquia

Relativamente à organização da formação para os catequistas da paróquia, o entrevistado não fez muita referência apesar de considerar que a participação dos catequistas nos módulos oferecidos pela escola de leigos fosse um bom contributo



para a sua formação (ver Anexo C3). Importa salientar que a escola de leigos é uma modalidade formativa oferecida pelo patriarcado. Esta escola funciona com duas modalidades, uma formação organizada em módulos ou por semestres que podem funcionar a nível paroquial.

3.3 Apresentação e análise das entrevistas aos formadores

Para uma melhor orientação e organização da entrevista aos formadores foi concebido um guião (ver Anexo A3), é constituído por sete questões orientadoras. Tal como a entrevista ao pároco, as entrevistas aos formadores foram concretizadas por correio eletrónico. As entrevistas foram aplicadas entre finais de Janeiro e inícios de Fevereiro, encontrando-se as respetivas transcrições em anexo (ver Anexos B7 e B8)

3.3.1 Caracterização da amostra

Considerou-se pertinente selecionar dois formadores para a entrevista com o intuito de obter informação de duas fontes diferenciadas. Não se teve em conta critérios específicos para a seleção dos formadores, mas teve-se em consideração a sua experiência quer como catequista, quer como formador.

Estas duas formadoras de catequistas do sexo feminino pertenciam à mesma diocese, apesar de serem oriundas de paróquias diferentes. É de realçar que nenhum dos formadores pertencia à paróquia em análise.

A formadora F1 é oriunda de uma paróquia urbana e era catequista já havia 40 anos. No momento da entrevista desempenhava funções relacionadas com a formação de catequistas. A sua formação académica estava relacionada com a Psicologia, embora estivesse reformada.

A Formadora F2 é oriunda de uma paróquia rural. Era catequista já havia cerca de 20 anos. No momento da entrevista, não se encontrava a exercer funções de formadora devido à falta de disponibilidade. Esta formadora de catequistas ainda se encontrava a trabalhar, desempenhando funções de secretariado administrativo.

3.3.2 Análise e interpretação dos dados

Atendendo ao que foi mencionado sobre a análise de conteúdo no ponto 1.1, foram identificados dois blocos temáticos, a prática educativa e a experiência formativa como se descreve na Tabela 8.

	Categorias
1º Bloco	Motivos para ser formador
	Preparação das sessões de formação
	Avaliação da prática formativa
2º Bloco	Frequência em formações para formadores
	Organização da formação
	Avaliação acerca da formação frequentada
	Melhor forma de organizar formações de catequistas

Tabela 8 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos

Prossegue-se com uma interpretação dos dados tendo em atenção os blocos temáticos e categorias anteriormente indicadas, a interpretação será efetuada com base nas grelhas de análise (ver Anexos C4 e C5).

1º Bloco Temático: Prática educativa

Neste bloco temático pretendeu-se obter uma visão acerca da organização e gestão da formação de catequistas, tendo como referência a prática educativa destes dois formadores.

1ª Categoria: Motivos para ser formador

Entende-se que ambos os entrevistados iniciaram a atividade como formadores devido ao seu percurso como catequistas e pela sua disponibilidade em ajudar outros a serem catequistas. Esta visão foi bastante explícita nas suas afirmações:

“...me terem pedido para ajudar outros catequistas a prepararem as sessões e ainda me terem pedido para ser a responsável paroquial e depois também vicarial.”

(F1)

“...a minha área profissional já estava ligada à formação, sentia-me bem nesses trabalhos”

(F1)



“...pensei que a minha contribuição seria muito importante, para ajudar outros cristãos a serem catequistas. Surgiu então a oportunidade de poder participar num curso de formadores de catequistas...”

(F2)

2ª Categoria: Preparação das sessões de formação

Nesta categoria obteve-se informações distintas por parte dos dois formadores que em certa medida se completaram e retrataram o que acontecia na organização e preparação das formações. Contudo, as informações são insuficientes para se considerar que a formação foi preparada sempre deste modo.

O entrevistado F1 comentou:

“...está tudo contido nos próprios instrumentos de trabalho que nós temos (manuais e guião do formador)...”

(F1)

Compreende-se que o formador se regia e que aplicava o que está nos manuais e guias referente a cada formação. Por outro lado, o formador F2 explicou que a preparação das formações foi feita em grupo:

“...e são preparadas em grupo, com os outros formadores da Vigararia...”

(F2)

“...os temas são trabalhados em conjunto, em que cada um coloca a sua experiência e a sua formação pessoal, cada formador fica responsável por apresentar e desenvolver um módulo, apesar de haver sempre o apoio e a colaboração dos outros elementos.”

(F2)

Relativamente aos conteúdos da formação percebe-se pelo discurso do inquirido F2 que existiam dois tipos de formação, a formação inicial e a formação geral. Ambas estavam organizadas por módulos, como afirmou um outro formador de catequistas:

“Propomos que comecem pelo curso de iniciação e depois oferecemos um percurso em módulos conteúdos de Doutrina, psicologia, pedagogia e catequética...”

(F1)



Este formador acrescenta ainda que a metodologia utilizada nas sessões de formação pretendeu ser semelhante a uma sessão de catequese:

“...procuramos que o método siga os passos de uma sessão de catequese para que seja uma formação teórico-prática.”

(F1)

“Os tempos e locais deixamos a critério de cada vigararia e procuramos adaptarmo-nos às necessidades e possibilidades de cada comunidade.”

(F1)

Em relação ao tempo, um outro entrevistado F3 referiu a carga horária das formações:

“As formações têm essencialmente um período de duração de 16H...”

(F3)

Verifica-se que as ações de formação de catequistas estavam organizadas em manuais que continham diversos conteúdos. Sendo função dos formadores de catequistas aplicarem essas orientações e temáticas. Percebe-se pelo discurso destes formadores que as sessões de formação eram planeadas em conjunto, embora não se possa aferir que existissem diversos formadores a ministrar em simultâneo.

Importa ainda mencionar que um entrevistado sublinhou a sua própria formação continua, o que demonstrou uma preocupação da sua parte a se manter atualizado e em aprofundar os seus conhecimentos:

“Claro que a minha preparação passa também por toda a formação que vou adquirindo...”

(F1)

3ª Categoria: Avaliação da prática formativa

Neste ponto afere-se que existiam dois tipos de avaliação. Uma avaliação era de cariz informal:

“A avaliação passa muito pelo Feedback dos catequistas participantes...”

(F1)



Embora os dois inquiridos tivessem indicado que eram os formandos que efetuavam a avaliação sobre a sua prática educativa, um entrevistado fez uma observação que o que remete para uma avaliação de cariz formal:

“...são os formandos que nos avaliam, em várias vertentes por escrito, e essa avaliação é enviada para o Secretariado Diocesano da Catequese, que por sua vez dá conhecimento e a discute com os Párocos.”

(F2)

Neste sentido, pode-se considerar que existiu uma avaliação sobre a prática educativa dos formadores, apesar de não se poder afirmar que esta foi sempre tomada em consideração.

2º Bloco temático: Experiência formativa

A finalidade deste segundo bloco era analisar a formação frequentada pelos inquiridos, e compreender o que pensavam sobre a formação de catequistas.

1ª Categoria: Frequência em formações para formadores

Nesta categoria verificou-se que os dois formadores frequentaram ações de formação, um entrevistado indicou que se manteve em formação continua:

“...todas as formações que me têm sido proporcionadas por formadores mais antigos e com mais competências nas diferentes áreas e procuro sempre estar em formação contínua...”

(F1)

O entrevistado F2 referiu que a formação na qual participou foi ministrada por elementos do departamento da catequese:

“...frequentei uma formação ministrada por alguns membros que constituem o Secretariado Diocesano da Catequese...”

(F2)



2ª Categoria: Organização da formação

No que se refere a organização das ações de formações para formadores, conclui-se que esta é semelhante a organização das ações dirigidas a catequistas. Ambos os inquiridos mencionaram que a organização da formação era satisfatória. Um entrevistado, colocou em evidência a vertente prática da formação, considerando ser importante para o seu desenvolvimento:

“Parece-me bem organizada e agrada-me que seja muito baseada na prática, para não haver o risco de cair numa formação teórica.”

(F1)

Este formador acrescentou ainda que na diocese onde exercia funções o modelo mais adequado é o modelo por módulos:

“Na nossa diocese chegou-se a um modelo por módulos que parece ser o que melhor se adapta à nossa realidade.”

(F1)

O entrevistado F2 complementa o descrito pelo formador F1, fazendo referência ao tempo e local da formação que frequentou:

“...teve lugar em Lisboa e teve uma duração de um ano, organizado pelo Secretariado Diocesano da Catequese, onde tive o privilégio de poder ter formação em diversos módulos.”

(F2)

Relatou igualmente como se estruturavam as sessões de formação que participou:

“...foi ministrada por alguns elementos do Secretariado (...), cada um desenvolvendo o tema da sua área específica, os temas que foram apresentados, foram essencialmente os que são ministrados nas formações dos cursos de iniciação, mas nesta formação, estes, foram apresentados e estudados de uma forma muito mais profunda. As avaliações eram sempre feitas mensalmente em que tínhamos que apresentar um trabalho sobre o tema apresentado e era corrigido e era-lhe atribuído uma classificação.”

(F2)



Assim, a metodologia aplicada neste tipo de formação e na formação dirigida a catequistas era semelhante. Compreende-se que existiam temáticas idênticas, diferindo apenas na profundidade em termos de conhecimentos.

3ª Categoria: Avaliação acerca da formação frequentada

Em relação à avaliação, ela foi vista como positiva. O formador F1 afirmou que era essencial a vivência como cristãos e partilha de experiência entre os catequistas formadores associada a uma formação sistemática:

“...pela minha experiência, penso que o mais importante na formação dos catequistas formadores é mesmo a vivência pessoal como cristãos e como catequistas e a aquisição sistemática e contínua de conhecimentos nas diferentes vertentes da formação...”

(F1)

Por sua vez, o inquirido F2 referiu a formação como importante para o aprofundamento de conhecimentos. Contudo, sublinhou que esta formação não era suficiente sendo necessário um trabalho pessoal para desempenhar tal função:

“Esta formação foi bastante importante, porque me ajudou a ter mais conhecimentos em algumas matérias, conhecimentos esses que me ajudaram a estar mais bem preparada para poder ajudar os catequistas, que procuram esta formação. Claro que esta formação, apesar de ter sido importante, não foi suficiente para começarmos a dar formação, foi necessário um trabalho pessoal...”

(F2)

4ª Categoria: Melhor forma de organizar formações de catequistas

Ao serem questionados sobre qual a sua opinião em relação a formação de catequistas e o que se poderia melhorar na mesma, os catequistas formadores revelaram ideias distintas.

Um inquirido reconheceu a existência de outros modelos de formação interessantes, mas afirma não serem viáveis na diocese em questão:

“A formação de catequistas não está uniformizada nas diferentes dioceses do nosso país. Ainda agora participei num encontro de formadores e pude constatar modelos diferentes do que temos na nossa diocese e que parecem interessantes mas não aplicáveis cá.”

(F1)



Por outro lado o catequista F2 fez uma reflexão mais profunda acerca do que seria possível melhorar na formação tendo em consideração diversos itens. Quanto aos conteúdos programáticos apontou como necessários temas relacionados com a família e as suas problemáticas:

“Relativamente à organização destas formações, penso que antes de mais devemos saber, em traços gerais, que grupo está inscrito e que características têm para podermos ir ao encontro dos catequistas...”

(F2)

“...porque muitas vezes não temos conhecimento de quem está inscrito, só no dia é que temos um pouco o conhecimento do grupo que iremos ter durante aquela formação.”

(F2)

Este catequista formador fez ainda uma outra observação referente ao tempo das formações, considerando que era insuficiente para aprofundar conhecimentos, neste sentido, sugeriu que a criação de uma plataforma *online*, onde formador e formando pudessem estar em contacto, poderia contribuir para um maior tempo de formação:

“Em Relação ao tempo de formação penso que em 16horas, ninguém consegue sair formado de nada, só consegue ter alguns conceitos sobre o que é ser catequista, do que é a catequese, para quem se dá a catequese, dar a conhecer algumas formas de dar catequese, tudo muito no geral (...). Mas penso que seria ideal aumentando o tempo de formação, com algumas sessões presenciais e outras sessões, utilizando uma plataforma informática, que ligaria o formador e todos os formados entre si...”

(F2)

3.4 Apresentação e análise dos inquéritos por questionários

O inquérito por questionário (ver Anexo A4) que foi aplicado aos catequistas da paróquia de São João das Lampas foi constituído por quatro categorias: dados pessoais, formação, interesses e necessidades de formação, gestão e organização da formação.

3.4.1 Caracterização da amostra

O referido inquérito por questionário foi aplicado por administração direta a quarenta e quatro catequistas. Para um maior controlo do preenchimento e recolha dos inquéritos



foi atribuído a cada catequista um código. É ainda de referir que a aplicação e a recolha dos questionários decorreram entre 15 de Dezembro e 1 de Fevereiro. Foram devolvidos trinta e um inquéritos como se pode verificar na Tabela 9:

Centro de Catequese	Nº Catequistas (Inquéritos Entregues)	Inquéritos Devolvidos
Assafora	6	5
Fontanelas	8	8
Magoito	3	3
Odrinhas	5	3
Santa Susana	10	6
São João	12	6

Tabela 9 Números de Inquéritos entregues e devolvidos

3.4.2 Análise e interpretação dos dados

De seguida será efetuada uma interpretação e análise dos dados obtidos através deste instrumento de recolha, com base nos indicadores apresentados nos anexos (D1, D2, D3 e D4). A análise será apresentada pela ordem das categorias e as questões como estão organizadas no inquérito aplicado (Anexo A4). Apresenta-se na Tabela 10, as categorias e subcategorias identificadas na análise dos inquéritos por questionário.

Categoria	Subcategoria
Dados pessoais	Idade
	Género
	Habilitações
	Ocupação
	Profissão

Formação	Participação em formação
	Há quanto tempo frequentou uma formação
	Conteúdos programáticos
	Métodos pedagógicos
	Métodos de avaliação
Interesses e necessidades de formação	Participação em formação
	Conteúdos programáticos selecionados
	Métodos e dinâmicas adequadas
	Métodos de avaliação
Gestão e organização da formação	Horário
	Local

Tabela 10 Categorias e subcategorias do Inquérito

1ª Categoria: Dados pessoais

A finalidade desta categoria é a obtenção de dados que possibilitem um maior conhecimento dos inquiridos para que se possa realizar uma caracterização mais detalhada dos catequistas da paróquia (ver Anexo D1).

Idade

O grupo de catequistas era composto na sua maioria por elementos jovens ou adultos que se encontravam na vida ativa. Cinco dos inquiridos encontravam-se na faixa etária dos 21 aos 25 anos. Os grupos etários com menor incidência são entre os 51 aos 55 e entre os 61 aos 65 anos. Este é um aspeto que pode trazer benefícios e dificuldades para a ação catequética do grupo. Visto ser um grupo maioritariamente jovem pode originar um maior dinamismo a catequese paroquial, por outro lado, corre-se o risco de ser um grupo com formação insuficiente. Importa referir que o catequista mais novo tem 16 anos e o mais velho tem 70 anos o que refletiu uma grande heterogeneidade.

Género

Como é usual nas atividades que dizem respeito à educação, a maioria dos inquiridos são do sexo feminino, existindo apenas 4 elementos do sexo masculino.

Habilitações

O grupo de catequistas inquirido tinha um nível de formação igual ou superior ao 12º ano de escolaridade. No entanto existiam elementos com o 4º ano de escolaridade, 6º ano e o 9º ano de escolaridade, como se pode observar no Gráfico 1.

No campo das habilitações há que ter em consideração o facto de ser um grupo jovem e alguns dos elementos ainda se encontrarem em idade escolar, embora o catequista mais jovem já tenha concluído o 9º ano.

Habilitações Literárias

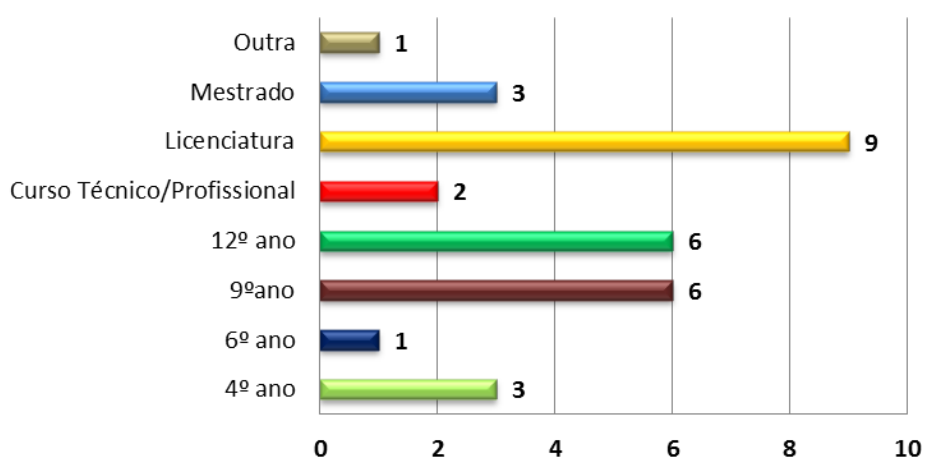


Gráfico 1 Nível de escolaridade dos participantes

Ocupação

No que diz respeito à ocupação dos catequistas inquiridos, podemos constatar que na sua maioria têm uma ocupação profissional. Dois dos participantes eram trabalhadores estudantes e três destes elementos eram estudantes. Ainda, dois catequistas já estavam reformados e um no momento estava desempregado.

Profissão

Quanto a ocupação profissional dos vinte e três inquiridos, verificou-se a existência de profissionais de diversos sectores bem como a divisão por áreas distintas de estudo, que na sua maioria não estão relacionadas com a educação (ver Anexo D1).

2ª Categoria: Formação

Nesta categoria teve-se como objetivo aferir o nível de participação em ações de formação dirigidas a catequistas e a visão dos inquiridos que já frequentaram formação sobre a temática. (ver Anexo D2)

Formações anteriores

No que diz respeito à participação dos inquiridos em formações dirigidas a catequistas (ver Gráfico 2), pode-se observar que vinte e dois dos inquiridos já participaram em ações de formação, embora muitos deles apenas tenham participado na formação inicial para catequistas. Os restantes nove participantes nunca participaram em formações direcionadas para catequistas.

Verifica-se também que a maioria já não participava em ações de formação havia mais de um ano. Apenas um catequista mencionou a frequência em ações de formação havia menos de um ano e importa sublinhar que dez catequistas não participaram em encontros formativos havia mais de três anos.

Embora existissem uma alargada oferta formativa para os catequistas, nota-se que os catequistas inquiridos não davam prioridade à participação assídua em ações de formação.



Gráfico 2 Participação na formação

É de realçar que nas seguintes questões desta categoria só podiam responder os catequistas que já tivessem participado em sessões de formação. Neste sentido nas restantes temáticas foram consideradas as respostas de vinte e dois inquiridos.

Conteúdos programáticos

Quanto aos conteúdos programáticos indicados pelos catequistas inquiridos que eram abordados nas ações de formação em que participaram, pode-se observar no Gráfico 3 que a temática com maior incidência era a “identidade do catequista”. Considerando que a maioria dos inquiridos apenas participou na formação inicial, torna-se compreensível este resultado. Como se observa no gráfico, foram igualmente referidos os métodos de ensino de catequese e os respondentes indicaram como outros conteúdos abordados nas ações de formação frequentadas a formação bíblica e litúrgica, questões relacionadas com a Psicologia e com a relação com os pais. O conteúdo que menos foi referido foi a avaliação.

Qual o(s) conteúdo(s) abordados?

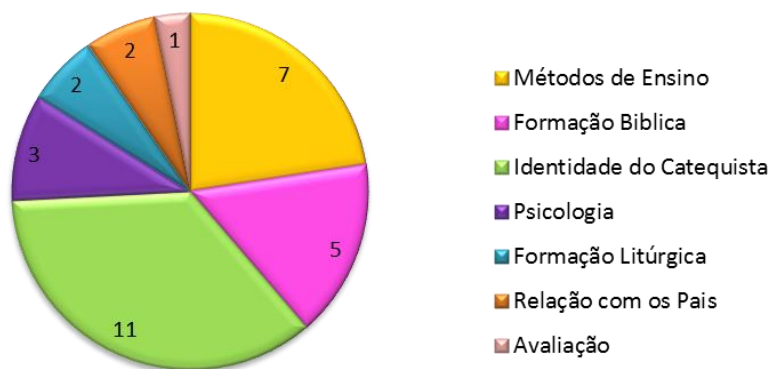


Gráfico 3 Conteúdos abordados

Métodos de formação

Sete dos catequistas inquiridos não responderam a esta questão. Dos quinze respondentes, a maioria revelou que o método aplicado foi o método expositivo e ainda foi indicado por um catequista o “método escolar”. Os trabalhos em grupo foram apontados como uma metodologia utilizada na formação por oito dos inquiridos que responderam a esta questão. (ver Anexo D2)

Métodos de avaliação

A maioria (catorze elementos) dos catequistas não respondeu a esta questão, como é indicado no Anexo D2. Quatro elementos referiram que não existiu uma avaliação formal nas ações nas quais participaram. Contudo, são indicados como meios de

avaliação a participação e a apresentação oral e ainda a aplicação de testes. Através das respostas obtidas compreende-se que a avaliação foi uma dimensão pouco aplicada neste tipo de formação.

3ª Categoria: Interesses e necessidades de formação

Nesta categoria foram consideradas as respostas de todos os inquiridos, ou seja, trinta e um inquiridos. Pretendia-se com este grupo de questões compreender quais os interesses e necessidades de formação dos participantes. (ver Anexo D3).

Participação em Formação

À questão “Gostaria de frequentar ações de formação dirigidas a catequistas?”, trinta catequistas responderam positivamente. Um inquirido não respondeu a esta questão. No entanto, pode-se observar que, embora alguns dos catequistas nunca tivessem participado em ações de formação, demonstravam vontade de o fazer.

Conteúdos programáticos selecionados

Os catequistas inquiridos consideraram que a formação deveria contemplar conteúdos programáticos, tais como os métodos de catequese, didática, formação bíblica, catequética, pedagogia, psicologia, formação litúrgica e, por fim, história da catequese, como se pode verificar no Gráfico 4.

Conteúdos que gostaria de abordar

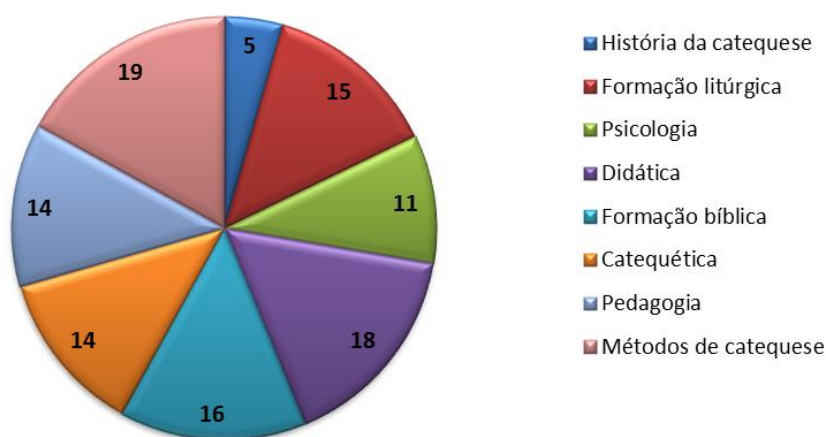


Gráfico 4 Conteúdos de interesse

Pela seleção dos conteúdos que este grupo de participantes realizou, pode-se constatar que os catequistas sentiam interesse em formarem-se numa vertente

relacionada com as questões pedagógicas. Mais uma vez se verificou-se que, apesar de o nível de participação deste grupo em ações de formação ser reduzido e com pouca regularidade, ele demonstrou interesse em se formar em determinadas áreas como aprendizagem de métodos de catequese, conhecimentos didáticos e pedagógicos, entre outros.

Métodos e dinâmicas adequadas

No que se refere aos métodos selecionados pelos inquiridos como os mais apropriados para uma formação dirigida a catequistas encontrou-se a partilha, os trabalhos de grupo, a utilização de jogos e recursos de multimédia e ainda houve um catequista que mencionou o *role-playing*. É de salientar que dez dos catequistas inquiridos não responderam a esta questão. Observa-se no Gráfico 5 a distribuição das respostas dos catequistas respondentes a esta questão.

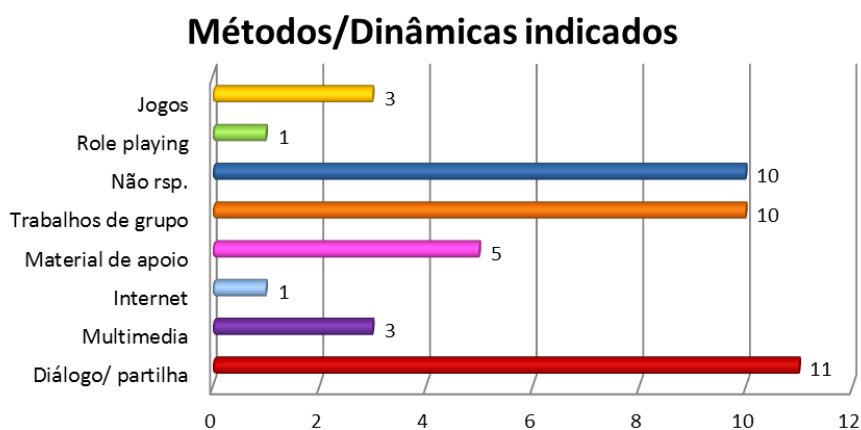


Gráfico 5 Métodos/Dinâmicas

Entende-se pelas respostas obtidas que os catequistas privilegiaram metodologias que proporcionavam espaço à partilha de experiências e que promovessem a interação entre pares, bem como as que possibilitassem uma participação ativa na sua própria formação.

Metodologia de avaliação

A avaliação da formação foi uma questão para a qual dezassete dos inquiridos não emitiram qualquer opinião e 2 inquiridos consideraram que não se adequa a este tipo de formação. Ou seja, a maioria dos participantes não deu importância à avaliação.

Os catequistas que respondem à questão apontaram como formas de avaliação a avaliação oral (7), os trabalhos de grupo (5) e ainda foram indicados a participação e a aplicação de teste como um instrumento de avaliação (ver Anexo D3).

4ª Categoria: Gestão e organização da formação

A finalidade da 4ª categoria foi auscultar a opinião dos catequistas em relação a qual o melhor horário e local para a concretização de uma formação (ver Anexo D4).

Horário

Os catequistas foram inquiridos sobre qual o horário mais adequado para o desenvolvimento da formação sendo o sábado de manhã e de tarde o horário mais apontado e ainda o horário pós-laboral, como se pode observar no Gráfico 6.

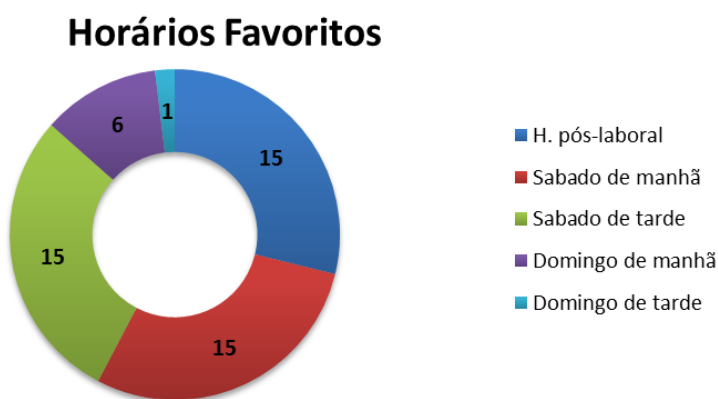


Gráfico 6 Horários favoritos

Local

Relativamente ao local que os catequistas participantes consideram como o mais adequado para o desenvolvimento da formação, foram indicados: a paróquia, vigararia e, em último lugar a diocese.

3.5 Apresentação e análise das notas de campo

As notas de campo que se apresentam neste trabalho referem-se a um curso de formação geral de catequistas – Modulo I Doutrina. Esta formação decorreu durante três sábados, entre as 9h e as 17h, na Paróquia de São Miguel de Sintra. A ação de



formação foi ministrada por uma formadora do departamento de catequese do patriarcado de Lisboa.

Para a recolha de informações através das notas de campo foram definidos os indicadores que se considerou relevantes para este projeto. Assim sendo, teve-se em atenção os conteúdos programáticos, os métodos pedagógicos utilizados, a metodologia de avaliação, os materiais, os espaços utilizados e os participantes. (ver Anexo B9, B10, B11 e B12)

3.5.1 Análise e interpretação dos dados

Foram identificados dois blocos temáticos: organização e gestão da formação e metodologias utilizadas. Na Tabela 11 apresentam-se as categorias referentes a cada bloco temático.

Categorias	
1º Bloco	Material
	Espaço
	Tempo
	Participantes
2º Bloco	Conteúdos
	Métodos pedagógicos
	Metodologia de avaliação

Tabela 11 Descrição dos blocos temáticos desenvolvidos

1º Bloco temático: Organização e gestão da formação

Neste bloco temático tem-se como finalidade compreender as dinâmicas relacionadas com a organização e gestão da formação. O presente bloco é constituído por cinco categorias.

1ª Categoria: Material utilizado

Em relação ao material que foi utilizado durante os três dias de formação para além do Manual da formação e do material pessoal de cada formando (caderno e caneta),



verificou-se a utilização do computador e material de reprodução nos dois primeiros dias de formação.

“Nessa sala foi montado o retroprojektor e o computador novamente. Quando entramos na sala uma das mesas tinha algumas folhas e a formadora estava a colocar uma barra cronológica numa das paredes da sala.”

(N1)

É de referir ainda a utilização de uma barra cronológica e imagens de algumas personagens bíblicas:

“Questionou se não era possível colocar o computador para passar umas imagens na parede e pediu também a barra cronológica que tinha deixado na sala de catequese onde tínhamos estado na sessão anterior.”

(N2)

Importa realçar o fato de no folheto informativo da formação (Anexo B9) estar referido material necessário para a formação que não foi utilizado, tal como o Diretório Geral da Catequese, o guia e o catecismo referente ao ano de catequese de cada catequista.

2ª Categoria: Espaços utilizados

Quanto aos espaços utilizados durante os dias de formação existiam algumas modificações. Inicialmente a formação decorreu no salão paroquial e, quando havia trabalhos em grupo, os formandos reuniam-se em salas ao lado.

Na parte da tarde do primeiro dia, a formação decorreu numa sala de catequese pois o grupo de formação não era muito grande e a sala de catequese tornou-se mais acolhedora. (ver Anexo C6)

Nos outros dois dias a formação teve lugar num andar superior e ocupou a sala que era destinada ao grupo de jovens da paróquia. Para os trabalhos em grupo foram utilizadas outras duas salas no mesmo andar (ver Anexo C6).

3ª Categoria: Tempo

Relativamente ao calendário da formação, houve algumas modificações e ajustamentos à calendarização inicial (ver Anexo B9). Inicialmente a formação teria



início a 12 de Janeiro e o seu termo seria a 26 de Janeiro, o que acabou por ser alterado para o dia 16 de Fevereiro.

Observa-se na Tabela 13 que a gestão do tempo era efetuada de acordo com uma dinâmica de trabalhos de grupo e plenários. Assim sendo, a formadora dava cerca de trinta minutos para os trabalhos de grupo e os plenários tinham em média trinta a quarenta minutos de duração.

Organização do tempo
N1: <i>"No dia 12 de Janeiro iniciou-se o curso de formação geral para catequistas, Modulo I Doutrina na paróquia de São Miguel e Santa Maria de Sintra."</i>
N2: <i>"Após a sessão do dia 19 de Janeiro ter sido cancelada (...) no dia 26 de Janeiro deu-se continuidade as sessões de formação."</i>
N2: <i>"Neste momento foi agendada o próximo dia de formação para o dia 16 de Fevereiro e o exame marcado para o dia 23 de Fevereiro pelas nove horas."</i>
N3: <i>"Tal como estava combinado a ultima sessão do Modulo I do curso de formação geral de catequistas decorreu no dia 16 de Fevereiro entre as 9h e às 17h."</i>

Tabela 12 Organização do tempo

Gestão do tempo
N1: <i>"Para a realização da ficha de trabalho 1 (...) foi dado aos grupos cerca de 40 minutos..."</i>
N1: <i>"Questionou o grupo sobre o tempo que necessitava para o almoço se concordava ser até às 14horas, uma hora para almoçar."</i>
N3: <i>"Às nove horas a formadora estava na sala a acolher os catequistas formandos que iam chegando."</i>
N3: <i>"Como de costume foi dado cerca de 30minutos para se concretizar esse trabalho..."</i>
N3: <i>"Para esta atividade a formadora deu-nos cerca de 40 minutos..."</i>

Tabela 13 Gestão do tempo



4ª Categoria: Participantes

Nesta categoria procurou-se efetuar uma breve caracterização dos participantes desta formação. Verificou-se que o grupo de participantes era constituído por 8 elementos do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Estes formandos eram oriundos de quatro paróquias distintas (ver anexo C6). Afere-se que a frequência dos formandos nas sessões em algumas situações não foi regular.

É ainda de referir um outro aspeto relevante no grupo existia um formando que não tinha frequentado nenhuma formação.

2º Bloco temático: Metodologias utilizadas

Este bloco temático está dividido em três categorias, que abordam os conteúdos e metodologias pedagógicas, bem como as metodologias de avaliação.

1ª Categoria: Conteúdos programáticos

Em relação aos conteúdos programáticos percebe-se que estes estavam contidos num manual da formação, no qual se organizavam em temas e subtemas. No Módulo I Doutrina abordaram-se dois temas, aliança de Deus com a humanidade e a celebração da fé. Estes dois temas estavam divididos em seis subtemas como se pode verificar no folheto da formação (ver Anexo B9).

Nas notas de campo não foram identificadas referências relevantes para esta categoria, descrevendo-se apenas a passagem de um subtema para o outro e a concretização de fichas de trabalho como será descrito na categoria seguinte.

2ª Categoria: Métodos pedagógicos

Quanto aos métodos pedagógicos que o formador utilizou ao longo das sessões de formação pode-se afirmar que se utilizou o método expositivo e na sua maioria os trabalhos em grupos e plenários (ver Anexo C7).

As sessões de formação tinham início com uma oração, seguidas de trabalho em grupo e plenários, concluindo-se o dia de formação com uma oração.

No primeiro dia de formação a formadora chamou a atenção para o facto de que as sessões de formação seriam organizadas como um encontro de catequese, com o intuito de exemplificar como se deveria dinamizar uma sessão de catequese.



“A formadora dividiu os participantes em três grupos de três elementos, depois referiu para termos atenção ao que ela fazia no decorrer do curso pois ia dar exemplos como se podia dinamizar uma sessão de catequese.”

(N1)

De realçar que o formador mencionou que no último dia o grupo iria fazer uma celebração. No entanto, essa celebração não foi realizada em nenhum dos dias e não foi mencionada mais vez nenhuma.

Pelo que tem vindo aqui a ser descrito, é questionável se os métodos pedagógicos utilizados podem ser aplicados numa sessão de catequese com crianças.

3ª Categoria: Metodologia de avaliação

No que diz respeito à avaliação pode-se considerar que se trata duma avaliação formal, dado que tem em consideração a assiduidade nas sessões de formação, e ainda a realização de um exame para efeitos de certificação.

“No final do primeiro módulo os participantes terão de realizar um exame a fim de obter um certificado de participação. É ainda de referir que existe uma folha de presença que tem de ser assinada em cada dia de formação de manhã e a tarde para efeitos de contagem da carga horária, uma vez que é considerado como um fator importante para efeitos de certificação.”

(N1)

A formadora referiu que no final de cada subtema no manual existia um conjunto de questões de auto-avaliação. Indicou ainda em cada subtema duas questões possíveis para que os participantes pudessem estudá-las. Explicou ainda que o exame teria a duração de 2 horas e que seria composto por cinco questões (ver Anexo C7). Sublinha-se ainda que o exame era de consulta, sendo permitido levar todos os documentos que os formandos desejarem.

4. Conclusões gerais

Como se organiza a catequese paroquial e a ação educativa dos catequistas?

A catequese paroquial apresentou uma estrutura orgânica sólida, uma vez que estava organizada em seis centros de catequese. Existia dois catequistas responsáveis em cada centro que se reuniam com regularidade com o pároco e com os responsáveis de



todos os centros catequéticos, a fim de definir e organizar as atividades da catequese. Constatou-se através dos dados obtidos no inquérito que o grupo de catequistas era heterogéneo, no que diz respeito a idade, sexo, nível de formação e ocupação profissional. Conclui-se que era um grupo na sua maioria jovem, aspeto que pode contribuir para um maior dinamismo, embora se possa traduzir em lacunas de formação que podem colocar em causa a sua prática educativa, tais como aprofundamento dos conteúdos catequéticos e competências pedagógicas.

Compreende-se pelas respostas que é frequente os indivíduos se tornarem catequistas após terem terminado o seu percurso catequético de base, entre os 15/17 anos. Normalmente estes catequistas recebem um convite, até porque existe falta de catequistas. Importa realçar que os catequistas entrevistados mencionaram terem começado a dar catequese sem nenhuma formação específica na área, ou seja, exercem a função de educadores, tendo como modelo os catequistas mais velhos através dos quais receberam a sua formação cristã.

Entende-se pelas entrevistas que estes educadores orientam a sua prática educativa, tendo por base o guia do catecismo e o catecismo referente a cada ano catequético. Estes instrumentos são disponibilizados pelo departamento da catequese da diocese tendo de ser adquiridos pelas paróquias e pelas famílias à semelhança dos manuais escolares. Observou-se que estes catequistas têm uma preocupação em refletir sobre os conteúdos e as propostas programáticas dos catecismos, a fim de os adequar ao contexto educativo dos catequizandos. Ainda sobre a ação educativa dos catequistas entrevistados verifica-se que existe uma tentativa de dinamizar as sessões de catequese com recursos a diferentes metodologias, estratégias e dinâmicas, sendo de sublinhar o relevo dado as experiências e vivências quotidianas dos seus catequizandos como uma mais-valia na transmissão dos conteúdos catequéticos. As questões relacionadas com o tempo disponível para o ato catequético e os espaços físicos para o mesmo são assinaladas como condicionantes relevantes para o desenvolvimento da prática catequética.

O trabalho em equipa destes educadores só ocorre quando é necessário organizar e dinamizar atividades catequéticas que envolva vários grupos de catequese (por centro, ao nível paroquial, vicarial ou diocesano). Normalmente, as sessões da catequese são preparadas individualmente pelos catequistas para o seu grupo. Verifica-se também uma partilha e interajuda entre pares quando solicitadas por algum educador. Embora não seja possível retirar uma conclusão clara sobre as relações entre catequistas,



compreende-se que estes desenvolvem sobretudo o seu trabalho isoladamente e só em situações pontuais é que existe o trabalho em equipa.

No que diz respeito á relação dos catequistas com os pais, este é um tema complexo. Os catequistas referem que os pais delegam a responsabilidade da educação cristã, tornando-se complicado para estes visto a catequese ocorrer uma vez por semana durante 1 hora. Contudo, identificam-se duas iniciativas: o acolhimento conjunto e uma proposta mensal de catequese (que tentam envolver os pais na educação cristã dos filhos). Sublinha-se ainda que o sacerdote responsável pela paróquia tem por objetivo a sensibilização e mobilização das crianças e dos pais para uma participação mais ativa na vida comunitária diária. Esta preocupação do pároco reforça a tese defendida pelos catequistas.

Para terminar este ponto importa mencionar que o exposto acerca da prática educativa dos catequistas teve por base as respostas dos catequistas entrevistados, aspeto que deve ser tido em consideração embora estes sejam informadores privilegiados.

Quatro olhares sobre a formação de catequistas

Neste segundo ponto serão consideradas quatro visões distintas: em primeiro lugar a visão do investigador como formando num curso de formação; segue-se o olhar dos catequistas como formandos; ainda a visão dos dois formadores que possibilitam uma melhor compreensão da organização e gestão deste tipo de formação; e, por fim, a visão externa do pároco. Deste modo obteve-se uma visão alargada sobre as questões da formação que se apresentam de seguida por temáticas.

Que propostas formativas existem?

De acordo com o que nos é relatado pelo sacerdote e por um catequista entrevistado, existe uma diversificada oferta formativa para os catequistas, ao nível diocesano, vicarial e paroquial. Na paróquia ocorrem encontros trimestrais intitulados “Os catequistas rezam com o prior”, momento considerado pelo pároco como uma situação de formação. Á luz da teoria, estes encontros inserem-se numa lógica de educação não formal.

Como se organiza a formação para catequistas?

Entende-se pelo mencionado, quer pelos catequistas formandos, quer pelos catequistas formadores, que estes momentos estão organizados por módulos e têm



como instrumentos orientadores manuais do formando e guiões do formador, nos quais estão contidos todos os conteúdos necessários para a formação. Pelo observado, em certa medida os formadores limitam-se a aplicá-los. Verifica-se que as ações de formação para catequistas pretendem exemplificar como se deve organizar uma sessão de catequese, embora esta situação não se tenha observado no curso frequentado pela autora deste relatório.

Existe formação dirigida aos formadores de catequistas?

Constata-se pelo discurso dos formadores que, para se tornarem catequistas formadores foi-lhes solicitado que frequentassem uma ação de formação. Os conteúdos abordados nessa ação são os mesmos que terão de transmitir nas sessões de formação que dinamizarem. Contudo, aqui esses temas são mais aprofundados. Um dos formadores entrevistados menciona que a ação de formação frequentada não foi suficiente para exercer a função de formador. Este sentiu a necessidade de efetuar um trabalho de preparação individual posterior. Referiu ainda a importância de preparar e organizar as sessões de formação em conjunto com outros formadores.

Os catequistas participam em ações de formação?

Quanto à participação dos catequistas inquiridos, afere-se que apenas 22 dos 31 catequistas que responderam ao questionário já frequentaram ações de formação, tendo a maior parte deles frequentado apenas a formação inicial. Constata-se que a formação possivelmente não é considerada importante na prática educativa destes catequistas apesar de não se ter tido como finalidade analisar os motivos para a fraca participação destes catequistas em formações neste trabalho. Um outro aspeto que se torna interessante analisar é o fato de não ser considerado pelos catequistas o encontro trimestral com o pároco como momento formativo.

Questionados sobre os conteúdos programáticos abordados nas formações frequentadas os respondentes indicam temas relacionados com a identidade do catequista, formação bíblica e litúrgica e ainda questões referentes a métodos de ensino e com a psicologia embora estes conteúdos sejam abordados de um modo superficial.

Quanto aos métodos pedagógicos mais aplicados nas ações de formação afere-se que é o método expositivo e os trabalhos em grupo. Curiosamente existe um catequista que associa a metodologia formativa ao método escolar, aspeto que releva que as formações estão muito moldadas ao sistema de ensino tradicional. Fato que



poderá contribuir para uma desmotivação por parte dos catequistas em participarem em ações de formação.

No que diz respeito à avaliação, compreende-se que quando esta ocorre ela é efetuada através de exames escritos ou apresentações orais a fim de aferir a aquisição de conhecimentos por parte dos formandos. Quanto à avaliação dos formadores (realizada pelos formandos), esta é concretizada através do *feedback* ou por escrito, apesar de não se verificar muitas vezes. Percebe-se que a avaliação é ainda uma temática pouco valorizada devido à pouca importância dada pelos participantes.

Que interesses e necessidades de formação são indicados por este grupo de catequistas?

Em relação aos interesses e necessidades de formação inquiriu-se o grupo de catequistas e o pároco da paróquia de São João das Lampas e ainda os dois formadores externos da paróquia. Conclui-se que as áreas formativas indicadas pelos catequistas como importantes para a sua formação são a pedagogia, a psicologia, a didática, a formação bíblica e litúrgica e as metodologias de ensino. O sacerdote considera importante incluir na formação dos catequistas duas temáticas: a teologia e a espiritualidade. Um formador de catequistas refere ser importante introduzir conteúdos relacionados com as problemáticas familiares e sociais. Este aspeto indicado pelo formador vai de encontro às problemáticas mais sublinhadas pelos catequistas e até pelo sacerdote, designadamente o envolvimento das famílias no ato catequético. É de tudo pertinente equacionar esta questão visto os catequistas serem os agentes pastorais mais próximos das famílias.

Quais os métodos, estratégias e dinâmicas formativas indicadas por estes catequistas?

Os diversos intervenientes foram questionados sobre quais as metodologias e dinâmicas que consideravam mais adequadas para uma formação de catequistas.

Os catequistas indicam que preferem ações de formação locais, mais próximas da sua paróquia, considerando que desta forma as formações iniciativas podem ser mais ajustadas ao seu contexto. Os horários mais indicados como apropriados para o desenvolvimento de uma ação de formação são o pós-laboral e o sábado. Estes dão preferência a metodologias que permitam uma participação ativa, nas quais haja oportunidade para a troca e partilha de experiências e ideias. Interrogados acerca da



metodologia de avaliação a maior parte prefere não responder à questão e os que responderam mencionam não ser um tema importante neste tipo de formação. Contudo existe alguns catequistas que afirmam como metodologia de avaliação os trabalhos de grupo.

O sacerdote entrevistado indica a escola de leigos como uma possibilidade formativa para este grupo de catequistas. É de salientar que a escola de leigos é um departamento formativo do patriarcado, no qual são promovidas formações dirigidas a todas as pessoas. São ações modulares ou levadas a cabo no semestre que podem ser desenvolvidas a nível local se solicitado.

Quanto aos formadores, destaca-se o facto de o catequista formador 1 considerar a formação existente adequada e sem possibilidade de modificações. O catequista formador 2 refere que seria importante para um melhor ajustamento da formação o conhecimento dos participantes antes da formação. Neste sentido, afirma que seria importante alargar a carga horária formativa dos catequistas para que os conteúdos possam ser mais desenvolvidos e aprofundados.

Tendo presente o exposto acima, conclui-se que o presente projeto formativo deve ter em consideração a necessidade de formação contínua destes catequistas, quer ao nível pedagógico, quer ao nível de uma formação cristã profunda. Sendo finalidade deste projeto munir este grupo com aptidões e instrumentos que possibilitem uma melhor gestão, organização e planificação das suas sessões de catequese, promovendo um maior trabalho em equipa com o intuito de estimular a partilha de experiências entre pares.

Outra dimensão que se deve ter em consideração neste plano formativo é a criação de espaços através dos quais se promova e favoreça a participação das famílias na vida da comunidade cristã com o intuito de possibilitar uma vivência e partilha de experiências tendo em vista a transmissão de valores e saberes entre gerações.

Por fim, importa sublinhar que apesar de ser intenção deste projeto a formação de catequistas é oportuno ter em vista as diversas dimensões da intervenção educativa destes agentes sendo sua função primordial a formação cristã de todos.



Capítulo III – Projeto de intervenção

Grão de Mostarda: Gerar, Desenvolver e Colher em Comunidade

Uma Proposta de Formação para Catequistas

Torna-se pertinente efetuar uma explicação acerca do título do presente projeto visto este conter um significado e simbolismo próprio que poderá não ser perceptível a primeira leitura. Em primeiro lugar a escolha do nome deste projeto ser “Grão de Mostarda” deveu-se ao fato de Jesus na parábola do grão de mostarda se referir ao Reino de Deus como sendo semelhante ao grão de mostarda que um homem lançou à terra (Mt 8, 31-32). A semente do grão de mostarda é considerada a semente mais pequena das leguminosas mas depois de crescer é o maior dos legumes tornando-se numa árvore. Importa referir que na Palestina região onde Jesus vivia esta planta chega a atingir os 3 metros. Compreende-se com facilidade o que Jesus quis dizer com esta parábola se considerámos as sementes da mostarda como sendo os valores e saberes que são transmitidos aos indivíduos. Assim sendo este projeto tenciona contribuir para que em comunidade seja possível gerar e desenvolver as sementes da educação cristã para depois poder-se colher os frutos dessas sementes na comunidade. Os catequistas ocupam um lugar de destaque no que diz respeito à educação e formação cristã de uma comunidade visto serem os transmissores dos saberes e valores cristãos. Pode-se assim considera-los como os agricultores que lançam as sementes à terra, cuidam para que as sementes se desenvolvam e produzam muitos frutos.

No presente capítulo teve-se como objetivo a apresentação do desenho de um projeto de intervenção dirigido aos catequistas da paróquia de São João Baptista das Lampas e para a comunidade em geral. O desenho e conceção desta proposta formativa baseou-se nas questões teóricas e nos resultados obtidos através do diagnóstico de problemas e necessidades de formação.

Cientes de que um projeto é reflexo de uma intenção e interesse sendo simultaneamente expressão de problemáticas para as quais se pretende encontrar respostas considerando os recursos disponíveis (Guerra, 2000). A metodologia de projeto é uma forma de envolver todos os agentes no processo transformativo de determinado contexto ou situação.



Para o desenho e construção de um projeto de intervenção deve-se ter em consideração diversas etapas. De seguida serão abordadas as fases relacionadas com o desenho do projeto, assim sendo será indicada a sua metodologia, segue-se uma caracterização da paróquia e dos participantes no plano para um maior conhecimento dos destinatários da formação e do meio envolvente. Prossegue-se com a identificação das problemáticas a serem abordadas pelo plano formativo, com a apresentação das finalidades, objetivos e estratégias formativas. Por fim será concretizado o desenho do projeto formativo, o plano de avaliação e o orçamento do mesmo.

1. Metodologia

Atendendo que as sociedades estão em constante mudança, e que os participantes deste projeto de formação são agentes educativos que necessitam de ter um papel social ativo, é pertinente neste projeto de intervenção aplicar a metodologia participativa, estando subjacente a esta metodologia a tese de que os grupos sociais são capazes de definir os seus objetivos e construir os seus recursos e estratégias para atingir esses objetivos (Guerra, 2000).

Inerente a esta metodologia de participação social está o desenvolvimento de processos reflexivos e de pesquisa que visam as transformações sociais do meio envolvente.

Este método caracteriza-se por ser mais do que um mero instrumento científico ao serviço dos investigadores, visto ter a preocupação de organizar a intervenção de forma planeada estimulando a participação de todos os intervenientes do projeto. De acordo com o mencionado por Guerra (2000) esta metodologia de participação social permite que ocorram reformulações constantes. A autora reforça esta tese ao afirmar que é uma técnica de inovação e mudança que requer um ajustamento permanente dos objetivos e estratégias face ao objeto.

Neste caso em concreto justificou-se a aplicação de uma metodologia de participação social porque os catequistas são responsáveis pela transmissão de valores e saberes que contribuem para a integração dos indivíduos no contexto social.

Para além da metodologia participativa optou-se por conceber este projeto de intervenção dentro das lógicas da educação não escolar. Esta opção pela educação não formal e informal deve-se ao fato de se verificar através do diagnóstico de necessidades e problemas de formação que este grupo de educadores dá preferência



a métodos pedagógicos ativos. Considerou-se relevante que a construção de uma comunidade de partilha, visto este método valorizar a reflexão e partilha de experiências entre pares numa lógica de investigação ação.

2. Contextualização

Neste ponto será efetuada uma caracterização geral da freguesia de São João das Lampas com a finalidade de compreender o meio socioeconómico e cultural da população e o seu território. Segue-se uma caracterização da Paróquia efetuando-se um enquadramento do setor da catequese. Deste modo pretende-se apresentar um quadro genérico dos diferentes elementos que caracterizam o público-alvo deste projeto e o seu meio envolvente.

2.1 Caracterização da freguesia

A freguesia de São João das Lampas teve alvará em 1539 concedido por D. Afonso até então este território pertencia à Paróquia de São Martinho de Sintra. Aspeto que nos indica a profunda relação entre estas duas instituições: a Freguesia (poder político) e a Paróquia (poder religioso) que tem prevalecido no tempo.

“Até ao século XVI, o território que mais tarde viria a constituir a Freguesia de S. João das lampas, permaneceu sujeito à Paróquia de S. Martinho de Sintra. Dada a grande distância que separava a população da Igreja matriz, o Infante D. Afonso fez publicar, em 1539, o alvará que autorizou os fregueses a nomear pároco com residência fixa em S. João das Porqueiras...”

(in Website da Junta de Freguesia de São João das Lampas)

Na primeira metade do Século XVII, a independência da Igreja de São João Baptista foi reforçada por uma sentença eclesiástica a qual nomeou-a como Igreja Matriz, estando definitivamente independente da Paróquia de São Martinho de Sintra.

Atualmente, esta freguesia é a maior do Conselho de Sintra com cerca de 5729 hectares de área e com cerca de 11397 habitantes dados (preliminares do senso de 2011). No *website* da Junta de freguesia são apresentados alguns dados sobre a evolução e o crescimento da população nesta região.

“...De acordo com os dados do Censo (1991), a população residente totalizava 7690 habitantes passados 10 anos, a população residente na freguesia é de 11397 habitantes



(dados preliminares dos Censos 2011) dos quais 8 441 (74%) são eleitores e 2182 (19%) têm idade inferior a 18 anos.”

(in Website da Junta de Freguesia de São João das Lampas)

É de salientar o facto de se tratar de uma zona rural composta por planaltos e uma vasta zona costeira. A freguesia é constituída por 40 lugares nos quais a agricultura e a indústria são as principais atividades económicas. No portal da Junta de freguesia são referidos outros aspetos que refletem as dinâmicas deste território.

“A Freguesia de São João das Lampas é rica na sua História e tradição. Ocupado desde os tempos mais remotos da Humanidade, o seu território condensa ainda vestígios arqueológicos e monumentos da máxima importância, capazes de nos guiarem através da evolução humana e que representam um papel preponderante no entendimento histórico do concelho de Sintra e contribuem, sobremaneira, para o estudo e compreensão do passado português. A vida associativa em torno das coletividades de recreio, cultura e desporto, continua a revelar-se importante como fator de encontro e convívio entre as pessoas.”

(in Website da Junta de Freguesia de São João das Lampas)

A presente caracterização dá-nos uma visão panorâmica de Freguesia de S. João das Lampas, que como vimos teve origem numa divisão territorial da Paróquia de São Martinho de Sintra dando origem à Paróquia de São João Baptista das Lampas. De seguida será feita uma breve caracterização desta Paróquia com o intuito de perceber como esta se organiza no espaço físico da freguesia.

2.2 Caracterização da paróquia de São João Baptista das Lampas

Como já foi referido acima a paróquia de São João Baptista das Lampas foi constituída oficialmente no Século XVII e desde então tem-se vindo a desenvolver.

Esta paróquia pertence à Vigararia de Sintra que por sua vez integra a Diocese de Lisboa, sendo esta a ordem crescente da hierarquia institucional.

Atualmente está organizada em seis comunidades embora o centro da paróquia se mantenha em São João. Esta organização deve-se à dimensão da paróquia, uma vez que cada comunidade está distanciada da Igreja Matriz aproximadamente 5km. Para além, do culto religioso na paróquia são prestados serviços de cariz social e educativo através do Centro Social e Paroquial de São João. O Centro é constituído pela valência de creche, Jardim de Infância e pré-escolar, Escola Primária, ATL, Centro de



dia e Lar de idosos e ainda tem o Banco alimentar e uma cantina social que apoia cerca de 95 famílias diariamente. Como se pode analisar esta instituição tem-se esforçado por se adaptar às exigências e necessidades da sociedade atual.

Outro sector de grande importância na paróquia, o qual importa conhecer e compreender para o presente projeto é a catequese.

A catequese é uma área importante em qualquer comunidade cristã visto ser na catequese que se promove a formação cristã da população. A catequese paroquial organiza-se por centros de catequese existindo seis centros: Assafora, Fontanelas, Magoito, Odrinhas, Santa Susana e São João. Estes centros de catequese dedicam-se à catequese da Infância, adolescência e juvenil. É de salientar o fato de o centro de catequese de Magoito este ano estar a funcionar apenas com dois grupos de catequese devido a falta de catequistas.

Em cada centro de catequese existem de um modo geral dois responsáveis por centro, esta responsabilidade varia conforme a disponibilidade dos catequistas. No entanto, esta função incide sobre as mesmas pessoas ao longo dos anos. A função primordial e de maior destaque dos responsáveis é pertencer ao grupo de catequistas de “ligação” que é composto por dois elementos de cada centro e pelo pároco. Este grupo é responsável por definir a calendarização geral da catequese incluindo atividades para a catequese em geral e questões de logística. Embora quando necessário exista reuniões gerais de catequistas normalmente no início do ano e outros encontros para preparação de atividades específicas de cada ano. Numa tentativa de responder aos interesses dos catequistas foi criado um encontro que se intitula “Os catequistas rezam com o prior”, cuja finalidade é fazer uma breve reflexão sobre uma temática. Estes encontros não têm uma regularidade fixada nem são obrigatórios e são orientados pelo pároco.

O grupo de catequistas é constituído por cerca de quarenta e cinco catequistas os quais tem a responsabilidade de educar nos valores cristãos aproximadamente 300 catequizandos.

É de salientar o facto destes dados se centrarem na catequese do 1ºano ao 10º ano. Ou seja, catequese de iniciação visto existir catequese de jovens e adultos embora seja efetuada de um modo informal e até mesmo sem uma estrutura e organização definida.

As sessões de catequese funcionam de acordo com o calendário escolar, embora este calendário seja flexível e possa variar de ano para ano e até mesmo de centro para



centro. A organização e dinamização das sessões de catequese são da responsabilidade do catequista. Em relação aos horários da catequese estes variam de centro para centro e da disponibilidade do catequista, na sua maioria os grupos de catequese funcionam ao sábado à tarde e ao Domingo de manhã existindo em alguns lugares sessões de catequese durante a semana.

Salienta-se o fato de a catequese ter uma estrutura flexível que contribui para uma autonomia dos catequistas no entanto importa referir que o pároco tem uma intervenção ativa neste setor sendo próximo de todos os centros de catequese.

3. Participantes

O presente projeto de formação pretende envolver todos os catequistas da paróquia de São João das Lampas, nesse sentido de seguida será efetuada uma caracterização. Esta terá como base alguns indicadores recolhidos no diagnóstico de problemas e necessidades de formação (Capítulo II) que contribuíram para um conhecimento mais profundo deste grupo.

O grupo de catequistas desta paróquia é constituído por quarenta e cinco elementos, destes cinco são do sexo masculino e quarenta do sexo feminino. No que se refere a idade constata-se que é um grupo com diferentes gerações, com idades compreendidas entre os 16 e os 70 anos, verificando-se uma maior incidência nas faixas etárias de jovens e adultos.

No que se refere as habilitações académicas afere-se que a maioria dos catequistas tem formação igual ou superior ao 12º ano de escolaridade, embora se identifiquem catequistas com o 4º ano, 6º ano e 9º ano de escolaridade. Neste ponto é importante sublinhar que alguns dos catequistas ainda se encontram a estudar. Contudo, a maior parte do grupo de catequistas tem uma ocupação profissional. Tal como mencionado no ponto anterior estes quarenta e cinco catequistas estão distribuídos por seis centros de catequese como se apresenta na tabela abaixo.

Centro de Catequese	Nº Catequistas
Assafora	6
Fontanelas	9
Magoito	3
Odrinhas	5



Santa Susana	10
São João	12

Tabela 14 Distribuição de catequistas por centros catequéticos

Importa referir que o investigador faz parte deste grupo de catequistas considerando-se elemento participante desta proposta formativa visto ser catequista. Outra característica que se deve ter em atenção é o fato de existirem alguns catequistas que nunca frequentaram ações de formação e os que frequentaram a sua maioria participou na formação inicial há mais de três anos. No entanto, de um modo geral o grupo considera importante ter formação em diversas áreas como se concluiu no capítulo anterior.

4. Problemáticas a abordar

Tendo presente tudo o que tem vindo a ser apresentado no desenvolvimento deste trabalho nomeadamente no diagnóstico de problemas e necessidades de formação (Capítulo II). Identificaram-se três problemas que se tenciona ultrapassar com a proposta formativa dirigida a catequistas. De acordo com o mencionado anteriormente, os problemas assinalados são os seguintes: condicionantes para a participação dos catequistas na formação; Interesses e necessidades de formação dos catequistas; fraco envolvimento das famílias na educação cristã das suas crianças. Prossegue-se com uma apresentação dos problemas identificados e com a definição dos eixos de intervenção com o intuito de ultrapassar essas dificuldades.

Condicionantes para a participação dos catequistas na formação

Este problema relaciona-se com a falta de motivação para a participação em ações de formação e poderá estar relacionado com a metodologia utilizada nas iniciativas existentes. Um outro aspeto que contribuiu para este problema é o local onde decorrem as formações que não é a nível local, o que implica uma maior disponibilidade temporal e de deslocação.

Foi possível observar que todos os catequistas inquiridos demonstraram interesse em participar em ações de formação, assinalando os métodos pedagógicos ativos como os mais adequados.

O desenvolvimento de um projeto formativo ao nível paroquial pode ser um estímulo para a adesão destes catequistas à formação. Na construção deste plano de formação



ter-se-á em atenção as propostas e sugestões assinaladas pelos catequistas nos diversos pontos (conteúdos, metodologias, tempos e espaços). Espera-se que estes aspetos contribuam para um maior envolvimento e motivação para a formação por parte dos catequistas.

Interesses e necessidades de formação dos catequistas: formação pedagógica e formação cristã

No diagnóstico de problemas e necessidades de formação foram identificadas duas áreas programáticas nas quais os catequistas têm interesse em aprofundar os seus conhecimentos: a formação cristã e pedagógica.

No que se refere a formação cristã, os resultados obtidos no questionário demonstraram que este grupo de catequistas tem interesse e necessidade numa formação contínua, que aborde as questões relacionadas com a religião, permitindo-lhe deste modo o aprofundamento dos seus conhecimentos. Embora se reconheça a existência de uma oferta formativa rica nestes conteúdos, coloca-se a questão da pouca adesão às ofertas existentes por parte dos catequistas.

Os catequistas reconhecem que necessitam de ter uma formação pedagógica para fazer face às exigências e necessidades da sua prática. Verificando-se uma preocupação em adequar a sua ação educativa às especificidades dos destinatários, compreende-se que este grupo de catequistas na sua maioria não tem formação na área educativa, tornando-se pertinente munir estes agentes de aptidões e instrumentos que possibilitem uma maior e melhor gestão, organização e planificação das suas atividades educativas.

Com o intuito de fazer face a estes interesses formativos e tendo em consideração as diversas condicionantes, pretende-se com este projeto formativo criar um espaço de partilha no qual se favoreça a aquisição destes conteúdos. Procurar-se-á a constituição de uma comunidade de partilha dentro de uma lógica de educação não formal, na qual existirão momentos de trabalho em grupo e um espaço *online* no qual se promova a partilha de recursos.

Fraco envolvimento das famílias na educação cristã das crianças: tarefa atribuída exclusivamente aos catequistas

A questão do envolvimento das famílias na educação cristã das crianças é um problema bastante amplo e complexo assinalado por este grupo de catequistas. Estes



catequistas sentem que as famílias delegam neles a tarefa de educar e formar as suas crianças nos valores e saberes cristãos, assistindo-se em muitas situações a uma ausência acentuada dos pais. A par desta ausência existe cada vez mais uma grande diversidade de problemas que atingem as famílias e, por consequência, os catequizandos. Nesse sentido, é indicado pelos catequistas inquiridos a necessidade de conceber estratégias e dinâmicas que envolvam as famílias na catequese. Embora se verifique que a maioria dos pais não tem formação cristã adequada para intervirem no processo de aprendizagem das crianças, fator que implica uma maior intervenção por parte dos catequistas.

Partindo da ideia que a família é um pilar fundamental na educação dos indivíduos e tendo em vista o sucesso do ato catequético, é essencial envolver os pais e outros familiares. Assim, é intenção deste projeto integrar e dinamizar atividades catequéticas nas quais se envolva a família como educadora.

Afere-se assim que o projeto formativo dirigido aos catequistas da paróquia de São João Baptista das Lampas será desenvolvido com base em dois eixos de intervenção. Um eixo interventivo centrado na formação dos catequistas, numa lógica de cooperação e colaboração, tendo por base uma comunidade de partilha. Neste eixo estes educadores são em simultâneo formandos e formadores.

O outro eixo interventivo deste projeto diz respeito às famílias e à comunidade cristã em geral, através do qual se tenciona desenvolver atividades culturais e lúdicas com uma intenção educativa. Este eixo será orientado e dinamizado pelos catequistas na sequência do trabalho desenvolvido no primeiro eixo.

5. Finalidades, objetivos e estratégias de formação

Tendo em consideração as problemáticas identificadas e os eixos de intervenção que se tenciona desenvolver com o projeto de formação é necessário definir as finalidades, objetivos e estratégias a fim de possibilitar uma melhor implementação do plano formativo.

5.1 Finalidades

Considerando os catequistas como atores fundamentais na formação cristã da comunidade, a intenção deste projeto é a construção de espaços educativos, nos quais seja possível gerar e desenvolver atividades sistemáticas e diversificadas com o



intuito de promover uma aquisição de valores e saberes a todos os indivíduos. Pretende-se com este plano:

- Conceber e desenvolver um projeto de formação de catequistas dentro de uma lógica de partilha de saberes e experiências;
- Construir atividades que envolvam as famílias e a comunidade na educação cristã das suas crianças, adolescentes e jovens.

5.2 Objetivos

Para o desenvolvimento deste projeto pretende-se utilizar as lógicas de educação não formal e da educação informal, como estratégias para a integração e o envolvimento de toda a comunidade no processo educativo dos catequizandos e catecúmenos. Tendo presente que o projeto de formação contém dois eixos de intervenção, um eixo relacionado com a formação de catequistas que funcionará numa lógica de comunidade de partilha e um segundo eixo de intervenção direcionado para a comunidade em geral dentro das dinâmicas da animação social. É possível identificar objetivos distintos para ambos os eixos assim sendo de seguida serão apresentados os objetivos gerais e específicos referentes a cada eixo.

1º Eixo de Intervenção: Gerar em comunidade (comunidade de partilha dos catequistas)

Objetivos gerais:

- Promover e dinamizar espaços favoráveis para a formação dos catequistas tendo em consideração as suas especificidades e interesses;
- Valorizar a partilha de experiências como uma possibilidade de aquisição de conhecimentos a fim de complementarem a sua formação;
- Desenvolver competências que possibilitem uma organização, gestão e planificação da ação catequética adequada aos destinatários e ao contexto da sua ação educativa;
- Sensibilizar para a comunidade como lugar privilegiado para a transmissão e aquisição de valores, saberes e tradições.

Objetivos específicos:

- Incentivar o trabalho em equipa;
- Promover a reflexão sobre a sua prática educativa;



- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Conhecer e compreender as características e especificidades de cada idade;
- Favorecer a aquisição de competências pedagógicas;
- Conhecer métodos educativos, dinâmicas e estratégias alternativas e inovadoras;
- Compreender a estrutura e as linhas orientadoras do catecismo da Igreja católica;
- Refletir e aprofundar conteúdos bíblicos e doutrinários;
- Desenvolver estratégias e dinâmicas que favoreçam o envolvimento das famílias na formação cristã das crianças.

2º Eixo de Intervenção: Desenvolver e colher em comunidade (atividades dirigidas para as famílias e comunidade)

Objetivos gerais:

- Sensibilizar as famílias para a participação ativa na educação crista das suas crianças tendo em vista a continuidade da ação educativa dos catequistas em família;
- Envolver e incentivar a comunidade para a participação no ato educativo dos indivíduos, a fim de promover uma formação integral e continua de toda a comunidade paroquial;
- Promover a apropriação das tradições e cultura do local.

Objetivos específicos:

- Solicitar a colaboração dos pais e outros familiares no desenvolvimento de atividades complementares das sessões de catequese;
- Fomentar espaços de reflexão e partilha dos pais, entre si e com os catequistas;
- Dar oportunidade para a partilha e interação inter-geracional;
- Promover espaços nos quais seja possível às gerações mais novas experimentarem e vivenciarem em comunidade os seus saberes, tradições e culturas;
- Desenvolver competências sociais tais como a interajuda, cooperação, partilha, responsabilidade.



5.3 Estratégias

O projeto que se tenciona implementar tem em vista um contexto singular contendo dois eixos de intervenção. Para a implantação e concretização deste projeto torna-se fundamental motivar e estimular o grupo de catequistas visto serem estes os elementos chave para o desenvolvimento de todo o plano formativo. Para isto definiu-se um conjunto de estratégias que serão explicadas em seguida.

1ª Estratégia

Construir uma comunidade de partilha de catequistas. Esta comunidade de partilha terá encontros mensais e funcionará numa lógica de educação não formal quando se considerar necessário pode-se agendar encontros extra.

2ª Estratégia

As metodologias seleccionadas para as sessões de formação terão em consideração a participação ativa dos participantes. Os métodos, técnicas e dinâmicas que foram seleccionadas para este projecto de formação agrupam-se em métodos ativos e métodos de grupo de acordo com a categorização elaborada por Meignant (1999).

3ª Estratégia

Construção de um espaço *online* – *centro de recursos* dirigido aos catequistas. Este espaço pretende ser uma continuidade e um complemento dos encontros mensais com o intuito de possibilitar a interação, interajuda e cooperação entre os catequistas.

4ª Estratégia

Construção de veículos de comunicação com as famílias e comunidade em geral. Será proposto a este grupo de educadores a construção de um jornal da catequese com o intuito de informar e formar os adultos, com uma versão digital e outra versão em papel.

5ª Estratégia

Utilizar atividades lúdicas e desportivas como uma possibilidade de transmissão de saberes e tradições.



6. Plano de Atividades

Tendo presente que um plano de formação contém uma descrição detalhada e sistemática das atividades a serem desenvolvidas aquando da sua implementação como afirma Guerra (2000):

“O plano de actividades descreve, de forma detalhada e sistemática, o que se pretende fazer, quando se pretende fazer, quem será encarregado das diferentes tarefas e quais os recursos necessários para as concretizar.”

(Guerra, 2000, p. 170)

Prossegue-se com a apresentação do plano formativo considerando os dois eixos de intervenção: 1º Eixo: Gerar em comunidade e o 2º eixo: Desenvolver e colher em comunidade. Deste modo apresenta-se uma calendarização das atividades. Segue-se com uma descrição das sessões explicitando os objetivos, as metodologias a aplicar os recursos materiais e humanos e os instrumentos de avaliação a serem aplicados. No 2º eixo: Desenvolver e colher em comunidade serão indicadas as atividades que se propõe desenvolver no entanto a organização, planificação e concretização destas será da responsabilidade dos catequistas.

6.1 Calendarização das actividades

Neste ponto apresenta-se a calendarização das sessões e das atividades do projeto formativo a fim de se obter uma visão geral de todo o projeto. Na Tabela 15 indicam-se as propostas formativas referentes aos dois eixos de intervenção. Optou-se por efetuar uma calendarização mensal, contudo considerando que este projeto assenta nas dinâmicas da educação não formal será possível ajustar e redefinir a calendarização das atividades aquando da sua implementação. As sessões de formação propostas para o 1º eixo de intervenção “Gerar em Comunidade” serão mensais, as atividades propostas para o 2º eixo de intervenção “Desenvolver e Colher em Comunidade” não terão uma sistematização, procurando-se associar estas iniciativas a momentos relevantes na cultura e tradições do local.



Mês	1º Eixo	2º Eixo
Setembro	Refletir e planear o ano catequético	—
Outubro	Partilhar em comunidade	Acolher as famílias na comunidade*
Novembro	Oficina das ideias	Partilhar como o S ^o Martinho**
Dezembro	Refletir o tempo natalício	Natal com arte
Janeiro	À descoberta dos métodos pedagógicos	Avós na catequese*
Fevereiro	Conhecer para intervir	A Natureza também tem história**
Março	Projetar a caminhada	Ao jeito de S ^o José*
Abril	Ser catequista na comunidade	Caminhar para acreditar**
Maio	Caminhar para aprender e crescer na comunidade	A Natureza a minha mãe*
Junho	Refletir e avaliar em comunidade	Toca a marchar**
Julho	Projetar a ação educativa em comunidade	O catequista hoje sou eu*

* Atividades específicas para as famílias

** Atividades dirigidas a toda a comunidade

Tabela 15 Calendarização do projeto de formação

6.2 Planificação do projeto de formação

De seguida apresenta-se uma planificação das sessões e atividades indicadas no ponto anterior para uma melhor compreensão optou-se por concretizar a planificação das sessões e das atividades separadamente. A planificação das sessões e atividades que se descreve assenta nos seguintes pontos: objetivos, metodologias, recursos humanos e materiais, procedimentos e por fim os instrumentos de avaliação a aplicar.



6.2.1 Gerar em comunidade – 1º eixo de intervenção

Importa referir que neste 1º eixo de intervenção serão desenvolvidas sessões de formação dentro das dinâmicas da educação não formal e tendo em vista a constituição de uma comunidade de partilha. Menciona-se ainda que apresentar-se-á a planificação de sessões mensais que serão desenvolvidas em horário pós-laboral e com a duração de duas horas aproximadamente. As sessões de formação propostas neste plano formativo estão desenhadas de forma a possibilitarem uma continuidade a fim de desenvolver e aprofundar o tema em estudo.

Reconhecendo que estes catequistas não têm muita disponibilidade para a participação em ações de formação e considerando que as sessões mensais são insuficientes será criado um espaço *online* com o intuito de complementar e dar continuidade ao trabalho desenvolvido nas sessões de formação.

Objetivos:

- Incentivar o trabalho em equipa;
- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Promover e motivar a autoformação destes agentes educativos;
- Transmitir conteúdos teóricos tais como: métodos pedagógicos, desenvolvimento e características psicológicas dos indivíduos, conteúdos bíblicos, litúrgicos, doutrinários entre outros.

Metodologia: O espaço *online* funcionará em alternância com as sessões presenciais. Os catequistas serão com regularidade remetidos para este espaço, o qual terá a função de centro de partilha de recursos podendo se incluir métodos pedagógicos multimédia (Meignant, 1999).

Recursos humanos: Catequistas.

Recursos materiais: Neste caso em concreto será necessário que os catequistas tenham computadores pessoais e acesso a internet aspeto que se verifica;

Procedimentos: O espaço *online* será criado antes do início das sessões de formação presenciais e os catequistas serão convidados a aderirem. Será através deste espaço-online que o projecto será apresentado aos catequistas.

Instrumentos de avaliação: Esta vertente da formação dos catequistas será avaliada tendo em consideração a utilização desta ferramenta pelos catequistas, pelos conteúdos e recursos partilhados e ainda pelo impacto desta na prática educativa.



Setembro – 1ª Sessão: Refletir e planear o ano catequético

Objetivos:

- Desenvolver competências que possibilitem uma organização, gestão e planificação da ação catequética adequada aos destinatários e ao contexto da sua ação educativa;
- Incentivar o trabalho em equipa;
- Refletir sobre a sua prática educativa;
- Partilhar as experiências e saberes entre pares.

Metodologia: Nesta sessão serão aplicados métodos de grupo (Meignant, 1999) com o intuito de favorecer a partilha e interação entre os catequistas.

Recursos humanos: Catequistas e o sacerdote responsável pela paróquia;

Recursos materiais:

- Salão paroquial e salas da catequese;
- Catecismos e guias do catequista de cada ano catequético;
- Folhas brancas e canetas para anotações;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).

Procedimentos:

- a) Esclarecimento dos objetivos e atividades a serem desenvolvidas na sessão;
- b) Organização dos catequistas por anos catequéticos com o intuito de em grupo analisarem e refletirem sobre os conteúdos programáticos do catecismo para o seu grupo. Aferir quais as finalidades, objetivos e estratégias para o ano catequético. Selecionar quais os conteúdos programáticos mais relevantes para o grupo de catequese. Definir um percurso catequético para cada ano;
- c) Partilha e discussão em plenário com o intuito de construir e definir as atividades gerais da catequese;
- d) Orientar a partilha no espaço *online* dos planos catequéticos específicos para cada ano e do plano geral da catequese para possibilitar um amadurecimento e reflexão das propostas apresentadas;
- e) Definir a data para próxima sessão;
- f) Dar oportunidade para que os participantes expressem as suas visões e sugestões para as sessões seguintes;
- g) Lanche convívio entre os participantes.



Instrumentos de avaliação: Observação participante efectuada pelo formador no decurso da sessão.

Outubro – 2ª Sessão: Partilha em comunidade

Objetivos:

- Analisar as problemáticas inerentes a participação das famílias na educação cristã das crianças;
- Tomar consciência de que a fraca adesão das famílias na educação das crianças também é sua responsabilidade;
- Desenvolver estratégias e dinâmicas que favoreçam o envolvimento das famílias na formação cristã das crianças;
- Sensibilizar para a comunidade como lugar privilegiado para a transmissão e aquisição de valores, saberes e tradições.

Metodologia: Nesta sessão será aplicada a técnica do *role-play* (Instituto para a Qualidade na Formação, 2006). Esta é uma técnica que se centra nas relações interpessoais e consiste na representação ou dramatização através da qual se reflete situações e contextos. Esta metodologia permite, através da recriação de cenários reais, a identificação de problemáticas e soluções para determinada situação. Será solicitado antecipadamente aos catequistas, no espaço *online*, que tragam propostas para o desenvolvimento de uma atividade com as famílias e a comunidade em geral com a temática do São Martinho. Assim sendo, para o desenvolvimento desta sessão de formação optou-se pela utilização de métodos ativos (Meignant, 1999).

Recursos humanos: Catequistas.

Recursos materiais:

- Salão paroquial e salas de catequese;
- Folhas com as problemáticas e canetas;
- Lanche partilhado (trazido pelos catequistas)

Procedimentos:

- a) Breve síntese da sessão anterior e das atividades desenvolvidas no espaço *online*.
- b) Apresentação e explicação da dinâmica. O jogo terá 3 fases distintas:
1ª Fase – Trabalho em pequenos grupos: Nesta fase os participantes serão divididos em grupos de 3 a 4 elementos. A cada grupo será entregue uma ficha



com a descrição de uma problemática referente à relação das famílias com a catequese, os participantes terão de refletir sobre a problemática identificar as causas e as soluções. De seguida será pedido que cada subgrupo faça uma representação da situação que analisou.

2ª Fase – Representação das problemáticas analisadas pelos subgrupos:
Nesta fase cada subgrupo apresenta a sua problemática aos restantes grupos. Estes terão de identificar com base na dramatização qual os problemas e soluções apresentadas.

3ª Fase – Reflexão e conclusões que se pode retirar do jogo.

- c) Partilha e troca de ideias para atividade de São Martinho em pequenos grupos.
- d) Definição e planificação em grande grupo da proposta de atividade com a comunidade. Possivelmente esta fase terá de ser concluída posteriormente com o agendamento de uma reunião com esse fim ou através do espaço *online*.
- e) Momento de avaliação da atividade desenvolvida nesta sessão.
- f) Momento de convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: Reflexão em grupo concretizada por todos os participantes.

Novembro – 3ª Sessão: Oficina das ideias

Objetivos:

- Criar espaços para a reflexão sobre a sua prática educativa;
- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Favorecer a aquisição de competências pedagógicas;
- Conhecer métodos educativos, dinâmicas e estratégias alternativas e inovadoras;
- Aprofundar e refletir sobre conteúdos e valores relacionados com o tema tais como: conteúdos bíblicos, tradições e cultura.

Metodologia: Nesta sessão em concreto não haverá uma metodologia específica tencionando-se a partilha e experimentação das atividades que serão propostas por cada centro catequético. Contudo, estarão presentes dinâmicas inerentes aos métodos ativos, métodos de grupo e até mesmo os métodos de criatividade de acordo com a abordagem de Meignant (1999).

Recursos humanos: Catequistas da paróquia e de outras paróquias convidados.



Recursos materiais:

- Salão paroquial;
- Máquina fotográfica
- Lanche partilhado;
- O restante material será trazido pelos catequistas ou solicitado pelos mesmos.

Procedimentos:

- a) Acolhimento pequeno momento de apresentação dos participantes, visto estarem presentes catequistas convidados oriundos de outras paróquias.
- b) Organização e gestão das actividades que irão ser realizadas pelos diferentes grupos.
- c) Desenvolvimento das actividades. Será solicitado aos participantes que partilhem as propostas que apresentaram se possível através de fotografias e de uma descrição no espaço *online*.
- d) Breve avaliação e reflexão sobre as actividades e o seu potencial educativo.
- e) Definição e marcação da próxima sessão.
- f) Momento de convívio, lanche partilhado com todos os participantes.
- g) Instrumentos de avaliação: conversa informal e questionário *online*.

Dezembro – 4ª Sessão: Refletir o tempo natalício

Objetivos:

- Aprofundar os conhecimentos sobre o tempo litúrgico e as questões litúrgicas;
- Refletir sobre os conteúdos bíblicos relacionados com a época natalícia;
- Planificar uma atividade de Natal dirigida a toda a comunidade;
- Definir estratégias de envolver ativamente as famílias na atividade comunitária.

Metodologia: Para esta sessão serão utilizados os métodos de grupo e o método expositivo (Meignant, 1999).

Recursos humanos: Catequistas e sacerdote responsável ou um formador externo.

Recursos materiais:

- Computador e retroprojektor;
- Folhas brancas e coloridas;
- Bolas;
- Cordas;



- Sacos;
- Lenços;
- Lanche partilhado / trazido pelos participantes.

Procedimentos:

- a) Breve síntese da sessão anterior e dos trabalhos desenvolvidos no espaço *online*.
- b) Apresentar e explicar o objetivo da gincana bíblica (para a organização desta atividade será solicitada a colaboração de dois catequistas).
- c) Início do jogo.
- d) A seguir ao final do jogo será efetuada uma apresentação sobre a temática com o intuito de se organizar e estruturar os conteúdos da gincana.
- e) Espaço para partilha e reflexão.
- f) Organização e planificação da atividade de natal com as famílias e a comunidade. Será possível que seja necessário o agendamento de uma sessão extra para a conclusão da organização desta actividade.
- g) Definição e marcação das próximas sessões.
- h) Momento de convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: Observação participante efectuada pelo formador e a dois catequistas.

Janeiro – 5ª Sessão: Á descoberta dos métodos pedagógicos

Objetivos:

- Promover a reflexão sobre a sua prática educativa;
- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Conhecer e compreender as características e especificidades de cada idade;
- Favorecer a aquisição de competências pedagógicas;
- Conhecer métodos educativos, dinâmicas e estratégias alternativas e inovadoras.

Metodologia: Para esta sessão será aplicada a dinâmica do esconde-esconde (Instituto para a Qualidade na Formação, 2006), a qual consiste em esconder objetos, figuras ou textos dentro da sala de formação e depois solicitar aos participantes que encontrem os elementos escondidos. É com base nesses elementos que se introduz os conteúdos a abordar na sessão. Esta dinâmica será complementada com o trabalho em duplas e com o trabalho individual que foi solicitado aos catequistas no



espaço *online*. A técnica seleccionada para esta sessão inclui-se nos métodos ativos (Meignant, 1999).

Recursos humanos: Catequistas.

Recursos materiais:

- Salão paroquial;
- Folhas e canetas;
- Pedacos de papel com texto;
- Computador e retroprojektor;
- Planificações de sessões de catequese previamente solicitadas aos catequistas;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).

Procedimentos:

- a) Breve síntese da sessão anterior e verificação se os elementos trouxeram a planificação de uma sessão de catequese que tinha sido solicitado no espaço *online*. A planificação dessa sessão de catequese deveria se basear nos recursos colocados no espaço *online* nomeadamente num dos modelos pedagógicos que se apresenta no referido espaço.
- b) Apresentação do jogo esconde-esconde. Este jogo é constituído pelas seguintes fases:
 - 1ª Fase: Encontrar um pedaço de papel com uma frase.
 - 2ª Fase: Solicitar aos participantes que se juntem em duplas e que analisem os pedaços de papéis que encontraram. Depois será pedido que coloquem no placar os papéis que encontrarem por baixo do modelo a que consideram que correspondem as características. Após todas as duplas colocarem os papéis será concretizado um plenário no qual se refletirá acerca das características de cada modelo.
- c) Será solicitado as duplas que reúnem em grupo e com base nas características analisadas dos diferentes modelos analisem as planificações das sessões de catequese que trouxeram. Para tornar mais rica esta reflexão as planificações serão entregues aleatoriamente.
- d) Após o trabalho em duplas sobre as planificações será pedido às duplas para apresentarem em linhas gerais as suas propostas e posteriormente todas as propostas serão disponibilizadas no espaço *online* afim de puderem ser utilizadas pelos restantes participantes na sua prática educativa.



e) Momento de convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: Nesta atividade em concreto não será efetuada qualquer tipo de avaliação. Será criado um fórum *online* no qual seja possível colocar questões através das quais se possa medir o impacto da atividade na prática educativa destes catequistas.

Fevereiro – 6ª Sessão: Conhecer para intervir

Objetivos:

- Promover a reflexão sobre a sua prática educativa;
- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Conhecer e compreender as características e especificidades de cada idade;
- Favorecer a aquisição de competências pedagógicas.

Metodologia: será aplicada nesta sessão a técnica de *Phillips 6X6* (Instituto para a Qualidade na Formação, 2006). Esta dinâmica consiste na organização dos participantes em grupos com o mesmo número de elementos que tem de tratar de um determinado assunto em determinado tempo. Esta dinâmica insere-se nos métodos de grupo de acordo com a abordagem de Meignant (1999).

Recursos humanos: Catequistas e um formador/psicólogo.

Recursos materiais:

- Salão paroquial;
- Folhas e canetas para anotações;
- Fichas com problemáticas;
- Computador e retroprojektor;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).

Procedimentos:

- a) Breve síntese da sessão anterior e dos trabalhos desenvolvidos.
- b) Apresentação e explicação da atividade. Esta atividade contém as seguintes fases:
 - 1ª Fase: Organização de subgrupos com o mesmo número de elementos. É entregue a cada subgrupo uma ficha de trabalho a qual tem uma situação ou problemática relacionada com questões da psicologia, os participantes em grupo terão de identificar a problemática, as suas causas e as suas soluções.



2ª Fase: Após ter terminado o tempo previamente combinado, os participantes serão convidados a formar novos subgrupos. O objetivo é que a partir dos subgrupos anteriores se constituam novos subgrupos com um elemento de cada subgrupo anterior. Importa referir que as problemáticas entregues são todas diferentes. O objetivo desta fase é que nos subgrupos seja feita a partilha das diversas problemáticas para que todos os catequistas as analisem e reflitam sobre elas.

- c) Segue-se com uma apresentação sobre o desenvolvimento psicológico dos indivíduos e outras questões inerentes a esta temática com o intuito de organizar e sintetizar as problemáticas anteriormente trabalhadas.
- d) Espaço para reflexão e discussão em plenário acerca do tema em estudo.
- e) Organização e definição da próxima sessão.
- f) Momento de convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: Aplicação de questionário.

Março – 7ª Sessão: **Projetar a caminhada**

Objetivos:

- Incentivar o trabalho em equipa;
- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Refletir e aprofundar conteúdos bíblicos e doutrinários;
- Desenhar e definir uma proposta formativa para vivenciar o tempo pascal.

Metodologia: Para esta sessão serão utilizados os métodos de grupo e os métodos de criatividade (Meignant, 1999).

Recursos humanos: Catequistas.

Recursos materiais:

- Computador e retroprojetor;
- Tintas e pincéis;
- Folhas brancas;
- Papel de cenário;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).



Procedimentos:

- Acolhimento dos participantes com uma música de fundo e papel de cenário no chão com copos com tinta e pincéis distribuídos pelo papel de cenário. Os catequistas são convidados a fazerem silêncio e a expressarem através da pintura o que significa para eles o tempo quaresmal e pascal.
- Breve momento de partilha e reflexão sobre a atividade anterior e as temáticas abordadas.
- Trabalho em grupo para planejar a caminhada quaresmal e a vivência do tempo pascal em comunidade.
- Marcação das próximas sessões.
- Momento de convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: *Focus group* tendo como questão orientadora «*Quais as aprendizagens que efectuei nesta sessão de formação?*»

Abril – 8ª Sessão: Ser catequista na comunidade

Objetivos:

- Compreender a estrutura e as linhas orientadoras do catecismo da Igreja católica;
- Refletir sobre o papel do catequista na comunidade;
- Promover a reflexão sobre a sua prática educativa;
- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Desenvolver o trabalho em grupo e a interajuda.

Metodologia: Estudo dividido (Instituto para a Qualidade na Formação, 2006). Esta dinâmica consiste na divisão em partes do tema a trabalhar. Os participantes serão divididos em pequenos grupos. Nesta sessão será utilizado o método ativo e o método de grupo (Meignant, 1999).

Recursos humanos: Catequistas.

Recursos materiais:

- Salão paroquial e salas da catequese;
- Solicitar aos catequistas para trazer o *Diretório Geral da Catequese*;
- Ficha de trabalho com questões para orientar a reflexão;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).



Procedimentos:

- a) Explicar ao grupo o que se pretende com esta actividade.
- b) Organizar o grupo por subgrupos. Distribuir aos subgrupos a ficha de trabalho, as fichas contém temas e questões diferentes com o intuito de cada subgrupo analisar uma parte do tema.
- c) Solicitar aos subgrupos que respondam as questões por escrito, após a conclusão da análise pelos subgrupos será solicitado aos subgrupos que troquem as fichas de trabalho com outro subgrupo.
- d) Será solicitado aos subgrupos que analisem as respostas dadas pelo subgrupo anterior.
- e) Apresentação e reflexão das respostas obtidas nos subgrupos em plenário e concretização de uma síntese global de toda a temática.
- f) Lanche partilhado e momento de convívio entre os participantes.

Instrumentos de avaliação: Observação participante efectuada pelo formador, e questionário aplicado aos participantes.

Maio – 9ª Sessão: Caminhar para aprender e crescer na comunidade

Objetivos:

- Incentivar o trabalho em equipa;
- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Conhecer e compreender as características e especificidades de cada idade;
- Organizar e planear uma atividade para a comunidade;
- Criar e construir dinâmicas e estratégias de animação comunitária;
- Desenvolver estratégias e dinâmicas que favoreçam o envolvimento das famílias na formação cristã das crianças.

Metodologia: Os métodos a serem aplicados nesta sessão inserem-se nos métodos de grupo (Meignant, 1999). Nesta atividade em concreto será solicitado aos participantes que se juntem em grupos de 3 a 4 elementos e com base num guião percorram um itinerário com intuito de apreenderem conteúdos diversificados, mas também de conceber um percurso para ser percorrido em família: *peddy paper* familiar com conteúdos bíblicos.

Recursos humanos: Catequistas.



Recursos materiais:

- Salão paroquial;
- Folhas e canetas;
- Bíblia;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).

Procedimentos:

- a) Breve síntese das sessões e trabalhos concretizados até ao momento.
- b) Apresentação e explicação da atividade. Entrega dos guiões para a concretização da atividade.
- c) Regresso à sala, partilha e discussão de ideias.
- d) Organização e planificação da atividade com as famílias.
- e) Verificar se necessário agendar nova reunião e distribuição de tarefas.
- f) Momento convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: Esta atividade será avaliada quando se efetuar a avaliação da atividade com as famílias, uma vez que se encontra integrada na mesma.

Junho – 10ª Sessão: Refletir e avaliar em comunidade

Objetivos:

- Promover a reflexão sobre a sua prática;
- Compreender as lógicas da avaliação;
- Rever e analisar o desenvolvimento do ano catequético;
- Diagnosticar e identificar os pontos positivos e negativos;
- Dar oportunidade a todos de expressarem o seu ponto de vista.

Metodologia: Reconhecendo que as questões da avaliação são complexas e não é uma temática para a qual estes catequistas estejam a vontade, torna-se pertinente a aplicação de uma técnica que fomente o diálogo e a discussão. Assim sendo a dinâmica para esta sessão será a discussão circular (Instituto para a Qualidade na Formação, 2006), a qual se enquadra nos métodos interrogativos de acordo com a abordagem de Meignant (1999). Esta dinâmica consiste numa técnica que possibilita o encadeamento de ideias ou pontos de vista dentro da mesma problemática.

Recursos humanos: Catequistas.



Recursos materiais:

- Salão paroquial;
- Folhas e canetas para anotações;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).

Procedimentos:

- a) Breve síntese da sessão anterior.
- b) Apresentação e explicação do tema e trabalho a desenvolver.
- c) Início da atividade «*Que pontos positivos encontra no decurso do ano catequético?*».
- d) Após o lançamento da questão, o grupo de participantes organiza-se em duas filas de forma a estarem de frente uns para os outros.
- e) Os participantes têm de acrescentar um elemento diferente do que já foi referido para a discussão e têm apenas um minuto para expor as suas ideias.
- f) Após os participantes considerarem que a discussão está concluída será concretizada uma síntese dos aspetos positivos do ano, e depois retoma-se a discussão com o lançamento de uma outra questão «*Que aspetos negativos se encontra no ano catequético que termina agora?*».
- g) Síntese conclusiva da atividade e avaliação da mesma.
- h) Momento convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: *Focus group* tendo como questões orientadoras «*De que forma a técnica aplicada na sessão de formação “discussão circular” contribuiu para a reflexão sobre o ano catequético?*» e «*É importante efectuar-se uma avaliação do ano catequético? Porque razões?*».

Julho – 11ª Sessão: Projetar a ação educativa em comunidade

Objetivos:

- Estimular a partilha de experiências e saberes entre pares;
- Conhecer e compreender as características e especificidades de cada idade;
- Favorecer a aquisição de competências pedagógicas;
- Conhecer métodos educativos, dinâmicas e estratégias alternativas e inovadoras;
- Desenvolver estratégias e dinâmicas que favoreçam o envolvimento das famílias na formação cristã das crianças.



Metodologia: Para esta sessão utilizar-se-ão os métodos de grupo (Meignant, 1999), aplicando-se a técnica de *Phillips 6X6* (Instituto para a Qualidade na Formação, 2006). Esta dinâmica consiste na organização dos participantes em grupos com o mesmo número de elementos, com o objectivo de abordar um determinado assunto num determinado espaço de tempo.

Recursos humanos: Catequistas.

Recursos materiais:

- Salão paroquial;
- Folhas e canetas para anotações;
- Computador e retroprojektor;
- Lanche partilhado (trazido pelos participantes).

Procedimentos:

- a) Breve síntese dos resultados da sessão anterior.
- b) Apresentação e explicação da dinâmica que terá as seguintes fases:
 - 1ª Fase: Organização dos subgrupos por ano de catequese a iniciar em Setembro. Aos subgrupos será solicitado que definam ou indiquem, com base no calendário apresentado no retroprojektor, uma proposta calendário para o próximo ano catequético.
 - 2ª Fase: Após a conclusão do tempo combinado com os participantes será solicitado que se reagrupem constituindo novos grupos com um elemento de cada subgrupo anterior. Nesta fase será pedido aos grupos que analisem as diversas propostas e construam uma proposta sendo reflexo da junção das que apresentaram.
 - 3ª Fase: Apresentação das propostas finais em plenário e reflexão sobre as mesmas. Estas respostas serão colocadas no espaço *online* para serem amadurecidas e retomadas em Setembro, altura em que se inicia o novo ano catequético.
- c) Agendamento da nova sessão.
- d) Momento de convívio e lanche partilhado.

Instrumentos de avaliação: Observação participante pelo formador e *focus group*.



6.2.2 Desenvolver e colher em comunidade – 2º eixo de intervenção

Para a organização e desenvolvimento das atividades deste eixo de intervenção tem-se como elementos fundamentais os catequistas visto a concretização destas atividades serem sua responsabilidade. De seguida apresentam-se algumas propostas de atividades dirigidas à comunidade em geral e outras atividades mais direcionadas para as famílias. Importa realçar que se teve como critérios de seleção o ano catequético, as atividades que normalmente são promovidas pela catequese e ainda as tradições e acultura. Sublinha-se o fato de ser intenção deste plano a aplicação de métodos ativos, métodos de criatividade e ainda métodos de grupo de acordo com a categorização de Meignant (1999) no desenvolvimento das actividades neste eixo.

Deste modo serão apresentadas de seguida as atividades que se propõem, um primeiro grupo de atividades dirigido a toda a comunidade e um segundo grupo de atividades direcionado às famílias.

Importa referir que para todas estas atividades é possível solicitar apoios de instituições locais tais como: a Junta de Freguesia e Câmara Municipal; clubes recreativos e desportivos locais, como por exemplo o rancho folclórico do MTBA, os grupos de marchas entre outros.

Atividades dirigidas á comunidade em geral

Novembro – Partilhar como o São Martinho

Para esta atividade propõem-se:

- a) Um magusto paroquial para o qual será convidada toda a comunidade.
- b) 2.Os catequizados poderão organizar com os catequistas canções e teatros relacionados com o São Martinho para animarem a festa.
- c) Os pais serão convidados a organizarem o lanche com as castanhas e outras comidas típicas da época.
- d) A restante comunidade sobretudo os mais idosos serão convidados a prepararem jogos tradicionais para partilharem com as crianças.



Dezembro – Natal com arte

Para esta atividade propõem-se:

- a) Convidar as famílias a construírem um presépio, o qual reflita os seus costumes e tradições natalícias. O presépio devera ser construído com material reciclado.
- b) Organizar uma exposição de presépios das famílias.
- c) Festa de Natal na qual serão promovidas oficinas de expressão plástica. Para estas oficinas serão convidados alguns artesões da comunidade tais como oleiros, cesteiros.

Fevereiro – A natureza também contém história

Para esta atividade propõem-se:

- a) Organização de um passeio familiar e comunitário a um dos monumentos históricos de Sintra tais como: Convento dos capuchos, Jardins do Palácio da pena entre outros.
- b) Piquenique e atividades relacionadas com a proteção do ambiente.
- c) Organização de uma prova de orientação pedestre com o apoio do clube desportivo da região.

Abril – Caminhar para acreditar

Para esta atividade propõem-se:

- a) *Workshops* temáticos dirigidos aos adultos responsáveis pela educação cristã das crianças.
- b) Em simultâneo, as crianças e adolescentes estarão a participar em oficinas de expressão dramática e musicais organizadas pelos jovens da paróquia.
- c) Almoço partilhado seguido de uma caminhada em família organizada pelos escuteiros.
- d) No final desta caminhada comunitária será concretizada uma sensibilização para os cuidados que se deve ter a caminhar e para a importância de fazer desporto.



Junho – Arraial da catequese «Toca a marchar»

Propõem-se para esta atividade:

- a) Organizar um arraial da catequese.
- b) Organização de um *peddy-paper* familiar.
- c) Participação do rancho folclórico para promover *workshops* de danças tradicionais.
- d) Concurso de quadras populares.
- e) Convidar um escritor ou poeta da região para desenvolver uma atividade relacionada com a escrita e as quadras populares.

Atividades dirigidas às famílias em específico

Este grupo de atividades tem por finalidade envolver e sensibilizar as famílias para uma maior participação na catequese, assim sendo as atividades sugeridas de seguida são propostas para serem concretizadas por centro de catequese a fim de promover uma maior proximidade entre as famílias e os catequistas.

Outubro – Acolher as famílias na comunidade

Para esta atividade propõem-se:

- a) Convidar as famílias a virem passar uma tarde ou manhã com os filhos na catequese.
- b) Promover um momento de reflexão e sensibilização das famílias com os catequistas sobre a catequese e ainda a apresentação do plano anual para a catequese.
- c) Desafiar os adolescentes e jovens para organizarem atividades para as crianças da catequese.
- d) Convidar a comunidade para organizar um lanche a fim de acolher as famílias.
- e) Eucaristia dedicada às famílias. Nesta Eucaristia poderão ser apresentados os novos catequizandos e os catequistas e famílias fazerem o compromisso de acompanharem as crianças, adolescentes e jovens no seu percurso de formação.



Janeiro – Avós na catequese

Para esta atividade propõem-se:

- a) Os avós partilhem como era a catequese quando eram crianças.
- b) Que os catequistas contem uma história relacionada com a importância dos avós na vida das crianças e de seguida as crianças e os seus avós façam uma atividade em conjunto.
- c) Organização de uma Eucaristia dedicada aos avós seguida de lanche partilhado em comunidade.

Março – Ao jeito de São José

Para esta atividade propõem-se:

- a) Convidar os pais a virem passar uma tarde ou manhã com os filhos na catequese.
- b) Os catequizandos a contarem a história de São José, quem era e o que fazia aos pais.
- c) Desafiar os pais com os filhos a cuidarem de algo na comunidade, por exemplo: pintar as paredes das salas da catequese, arranjar mesas e bancos.
- d) Organizar uma Eucaristia dedicada aos pais seguida de lanche partilhado.

Maio – A natureza e a minha mãe

Para esta atividade propõem-se:

- a) Convidar as mães a virem a catequese.
- b) Plantar flores com a mãe a fim de realçar a importância da natureza.
- c) Desafiar as mães a contarem uma história sobre Maria, a mãe de Jesus.
- d) Organizar uma eucaristia dedicada às mães seguida de lanche partilhado.
- e) Poderá ser construído um percurso a ser efetuado pelas mães e os filhos no qual se identifiquem árvores e plantas relacionadas com histórias bíblicas. Este percurso terá de ser preparado antecipadamente pelos catequistas, os quais deverão escolher a temática a trabalhar tendo em consideração recursos naturais de cada centro catequético.



Julho – O catequista hoje sou eu...

Para esta atividade propõem-se:

- a) Que sejam as crianças a organizarem uma sessão de catequese para os pais.
- b) Apesar de se propor uma data para esta atividade que coincide com o final do ano catequético, não quer dizer que esta actividade não possa ser concretizada noutros momentos.

6.2.3 Continuidade do projecto

Este plano de atividades foi construído com base no calendário da catequese e nas suas atividades habituais com o objectivo de lhe dar seguimento. No entanto este não se esgota aqui podendo ter uma continuidade para os próximos anos.

7. Avaliar a intervenção: Plano de avaliação

Para conceber um plano de avaliação, seja qual for o contexto ou situação, é importante que se compreenda o que é avaliar e quais os princípios fundamentais para o sucesso do ato avaliativo. Fernandes (2010) refere que a avaliação é uma prática social que contribui em certa medida para a compreensão e melhoria do mundo que nos rodeia. Apesar de em muitas situações a avaliação ainda causar algum desconforto e instabilidade nas pessoas a verdade é que todos nós de um modo ou outro avaliamos e somos avaliados sistematicamente. Como anteriormente mencionado o grupo de catequistas para o qual se dirige este projeto de intervenção não reconhece a avaliação como uma dimensão relevante para a ação catequética aspeto que deve ser tido em consideração no desenho do plano avaliativo. É pertinente ter presente a definição de Stufflebeam e Shinkfield (2007), os quais se referem à avaliação como sendo um processo sistemático, genérico o qual se deve centrar no valor ou mérito do objeto mais do que na metodologia. Os autores prosseguem no seu discurso chamando á atenção para a necessidade de num processo avaliativo ter em linha de conta os critérios e princípios da avaliação, o rigor, eficácia, equidade, credibilidade, a adequação ética e a viabilidade do plano.

Todas estas ideias devem estar presentes quando se desenha um plano de avaliação que visa avaliar a intervenção de um projeto formativo. Nestas situações em concreto é importante conhecer a estrutura e desenho do projeto a fim de adequar as metodologias de avaliação ao contexto como nos refere Guerra (2000).



“O plano de avaliação estrutura-se “em função do desenho do projecto e é acompanhado por mecanismos de autocontrolo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção e corrigir as trajetórias caso estas sejam indesejáveis”

(Guerra, 2000, p. 175)

A finalidade deste plano de avaliação é a de verificar de que forma o projeto formativo contribuiu para o aprofundamento de conhecimentos e para a melhoria da prática catequética destes educadores. Por outro lado é intenção deste plano avaliativo aferir o impacto do projeto de intervenção na comunidade nomeadamente na participação ativa das famílias na educação cristã dos seus filhos.

Tendo em vista tudo o que tem vindo a ser mencionado optou-se por aplicar o modelo de D. Kirkpatrick (Instituto para a Qualidade da Formação, 2006). O autor indica-nos quatro níveis de avaliação que se considerou serem ajustados para avaliar de uma forma adequada o projeto de formação.

Este modelo pode-se incluir em duas categorias de abordagens de avaliação mencionadas por Stufflebeam (2000), citado por Domingos (2010, p. 9). A categoria na qual as avaliações têm como enfoque a prestação de serviços, uma vez que os catequistas prestam um serviço educativo à comunidade sendo a finalidade da avaliação a de perceber de que modo a formação contribui para a melhoria desse serviço. Pode-se igualmente incluir na categoria da agenda social, pois tem em vista o envolvimento de todos os intervenientes no projeto.

Importa sublinhar que este projeto contém dois eixos de intervenção, contudo o objeto de avaliação será a ação dos catequistas, visto estes estarem envolvidos de forma ativa nos dois eixos de intervenção. Prossegue-se com uma descrição das diversas fases de avaliação, o que será avaliado em cada fase e quais os instrumentos e técnicas a serem aplicados. Sublinha-se que para a concepção desta proposta de avaliação teve-se por base as orientações apresentadas no guia de avaliação da formação, do Instituto de Qualidade da Formação (2006).

1º Nível – Nível da reação ou satisfação

Nesta primeira fase pretende-se avaliar o *feedback* de todos os atores envolvidos na ação, no caso em concreto nas sessões de formação e nas atividades.



Intervenientes:

- 1º Eixo: Catequistas, pároco, e formadores quando estiverem presentes nas sessões;
- 2º Eixo: Catequistas, famílias, e comunidade em geral.

Indicadores a considerar:

- 1º Eixo: Adequação dos objetivos e temáticas, pertinência das sessões, os métodos e técnicas de dinamização, a gestão e a organização da sessão;
- 2º Eixo: A organização da atividade, o nível de participação, as temáticas abordadas.

Instrumentos a aplicar:

- 1º Eixo: Observação participante, reflexão em grupo, questionários presenciais ou *online*;
- 2º Eixo: Observação participante, reflexão em grupo com os catequistas e com o sacerdote, conversas informais com alguns pais e outros elementos da comunidade.

Quando avaliar: O grau de satisfação será medido no final de cada sessão ou atividade.

2º Nível – Avaliar as aprendizagens

Com este nível pretende-se avaliar e medir os conhecimentos e competências adquiridas pelos formandos.

Intervenientes:

- 1º Eixo: Catequistas;
- 2º Eixo: Catequizandos e famílias.

Indicadores a considerar: Os indicadores que se deve ter em consideração neste nível para ambos os eixos são a apropriação dos conhecimentos e conteúdos pelos diversos atores.

Instrumentos a aplicar:

- 1º Eixo: Reflexões em grupo, apresentações orais, fóruns de discussão *online*;
- 2º Eixo: *Focus group* com catequizandos e conversas informais com as famílias.



Quando avaliar: A avaliação das aprendizagens será concretizada durante a implementação do projeto.

3º Nível – Avaliar a transferência das aprendizagens para a ação

O terceiro nível deste modelo tem por objetivo compreender de que forma os conhecimentos adquiridos na formação são mobilizados para a prática dos indivíduos.

Intervenientes:

- 1º Eixo: Catequistas;
- 2º Eixo: Catequizandos e suas famílias.

Indicadores a considerar:

- 1º Eixo: Mudanças na prática educativa dos catequistas, resolução de problemas, organização e gestão das sessões;
- 2º Eixo: Acompanhamento das crianças ao longo da formação catequética.

Instrumentos a aplicar: Para ambos os eixos serão as entrevistas aos catequistas, observação participante e *focus group* com crianças e familiares.

Quando avaliar: Este nível poderá ser avaliado no decurso do plano de intervenção contudo deverá ser concretizada uma avaliação após seis meses do termo do plano.

4º Nível – Impacto do projeto na vida comunitária

Com este nível pretende-se medir qual o impacto do projeto de intervenção na comunidade paroquial.

Intervenientes: Toda a comunidade paroquial.

Indicadores a considerar: Contributos do projeto para o desenvolvimento da educação cristã da comunidade.

Instrumentos a aplicar: Uma entrevista ao sacerdote, conversas informais a alguns elementos da comunidade tais como: pais, avós, crianças entre outros.

Quando avaliar o impacto do projecto: Este nível será avaliado no final do ano catequético e no início do ano seguinte.



8. Orçamento

De seguida indica-se o orçamento necessário para a concretização deste projeto de intervenção, sendo este ponto um fator relevante para o desenvolvimento de qualquer atividade. Importa ainda realçar que as atividades que poderão trazer maiores despesas serão planificadas pelos catequistas, pelo que o valor aqui orçamentado é indicativo/provisional. Na Tabela 16 será apresentado o orçamento.

Recursos previstos	Custos previstos
Guias do catecismo e catecismos	<i>Facultado pela paróquia</i>
+/- 5 Resmas de papel branco A4	13,99€
+/- 1 Resmas de papel colorido A4	7,49€
+/- 50 Esferográficas	9,99€
Retroprojektor	<i>Facultado pela paróquia</i>
Bolas, cordas, sacas, lenços	<i>Facultado pela paróquia ou formandos</i>
Tintas e pincéis	29,72€
Papel cenário	7,52€
Rádio e computador	<i>Facultado pela paróquia</i>
Bíblia	<i>Facultado pela paróquia</i>
+/- 3500 Fotocópias	350€
Outros	<i>Facultados pelos formandos</i>
Total	418.70€

Tabela 16 Orçamento de projecto

Realça-se que a paróquia contém espaços e recursos nos quais se poderão concretizar a maioria das atividades propostas, e é possível recorrer a diversos parceiros ou instituições que poderão apoiar a implementação destas actividades, sobretudo as actividades do 2º eixo de intervenção que se dirigem a toda a comunidade.

Importa ainda sublinhar que o sector da catequese, nomeadamente os catequistas, ao longo do tempo tem procurado desenvolver estratégias e mecanismos para a obtenção de fundos. A angariação de fundos tem por finalidade o desenvolvimento de actividades ou melhoramento das salas da catequese.



Identificando-se as seguintes estratégias:

- Rifas de Natal;
- Venda de livros, bolos e compotas;
- Organização de barraquinhas de jogos nas festas da comunidade.

As estratégias assinaladas poderão ser aplicadas para a obtenção de fundos que suportem as despesas com o desenvolvimento deste projecto de formação.

Considerações finais

Como foi possível observar esta proposta formativa tem como foco a formação e a prática educativa dos catequistas da paróquia de São João Baptista das Lampas. No entanto, através do diagnóstico de necessidades de formação verificou-se que, para além de formar os catequistas, era necessário sensibilizar e envolver as famílias e a comunidade paroquial no processo formativo dos indivíduos. Deste modo tornou-se importante a constituição de dois eixos de intervenção. Um primeiro eixo de intervenção: “*Gerar em Comunidade*”, está direcionado para o grupo de catequistas com o intuito de promover espaços formativos. Neste eixo optou-se pela constituição de uma comunidade de partilha com uma vertente presencial e uma outra vertente *online*. Sublinha-se ainda o fato de que as metodologias a serem utilizadas têm em vista uma participação ativa dos formandos. O segundo eixo de intervenção: “*Desenvolver e Colher em Comunidade*”, abrange toda a comunidade paroquial, numa tentativa de incentivar e estimular a partilha de saberes, valores e experiências intergeracionais, aspeto essencial na formação cristã dos indivíduos. Os catequistas terão um papel importante na organização e concretização das atividades deste eixo de intervenção visto estes agentes educativos serem os responsáveis pela educação cristã de toda a paróquia. A metodologia que se tenciona aplicar neste eixo são as técnicas relacionadas com a animação social.

Sendo a catequese uma prática educativa de cariz não formal considerou-se fundamental basear este projeto de intervenção nas lógicas da educação não formal (e informal), reconhecendo-se o potencial educativo destas modalidades educativas.

A proposta formativa que se apresentou neste trabalho pretende ser uma alternativa a oferta formativa disponibilizada por diversas instituições, tais como o departamento da catequese do Patriarcado de Lisboa, o Instituto de Formação Cristã, a Universidade Católica entre outras. Estas instituições organizam as formações dentro das lógicas da educação formal visto estarem organizadas por módulos formativos, utilizarem a avaliação formal e ainda atribuição de um certificado. Apesar de se reconhecer o valor e a importância deste tipo de formação, a visão que se obteve através do diagnóstico de necessidades de formação demonstra que estes catequistas dão preferência a espaços formativos nos quais lhe seja possível partilharem experiências e onde possam ter um papel ativo no seu processo formativo. Neste sentido, a reflexão e a investigação estarão presentes no desenvolvimento de todo o projeto de intervenção. Um outro aspeto que importa sublinhar é o espaço *online* como continuidade e



complemento das sessões de formação. A criação e construção de um jornal da catequese que tenha em vista a divulgação das atividades da catequese e espaços de reflexão sobre diversas temáticas. A utilização dos grupos no *Facebook* dos diversos centros de catequese poderá ser uma estratégia para uma melhor comunicação com as famílias e uma maior adesão por parte destas às atividades da catequese.

No processo de desenho deste projeto de intervenção teve-se a preocupação de aproveitar os recursos humanos e materiais já existentes, dando-lhe uma intenção pedagógica e educativa. Apesar de se ter tido em consideração as sugestões e problemáticas de formação indicadas pelos catequistas, é espectável que aquando da implementação do projeto seja necessária a realização de modificações e ajustamentos no que se refere as temáticas e a calendarização das atividades.

Importa ainda mencionar que a construção deste projeto possibilitou a reflexão e o aprofundamento de aspetos relacionados com o desenho de projetos educativos. A seleção de técnicas e instrumentos para o diagnóstico, a construção e aplicação desses instrumentos (entrevistas; questionário e notas de campo), e a análise e interpretação dos dados recolhidos permitiu aprofundar e obter experiência em todas as fases de um diagnóstico. Atendendo que nesta fase do projeto estiveram envolvidos quarenta e oito elementos, entre os quais os catequistas da referida paróquia, o pároco e ainda dois formadores externos à paróquia, e considerando que se obteve um número considerável de informações, a fase do tratamento e análise dos dados tornou-se numa tarefa morosa. Contudo, foi esse processo de tratamento e análise que contribuiu para uma definição de problemáticas a serem abordadas pelo projeto, das finalidades, objetivos e estratégias.

No que diz respeito à fase do desenho das propostas formativas, foi possível o desenvolvimento de competências relacionadas com a gestão, organização e planificação de sessões de formação. Compreender que a criatividade e a imaginação não são suficientes para planear uma actividade, sendo necessário uma reflexão profunda tendo em conta diversos critérios e factores, tais como os objetivos, os recursos disponíveis, os interesses e necessidades dos participantes, a metodologia mais adequada entre outros.

O desenvolvimento deste trabalho contribuiu para mobilizar os conhecimentos e saberes teóricos para a prática, visto este projeto se dirigir a um grupo e contextos específicos. Por outro lado ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi igualmente possível refletir e analisar a prática educativa enquanto catequista, contribuindo dessa forma para um maior aperfeiçoamento e melhoria da minha ação educativa.



Bibliografia

- Afonso, N. (2001). *Técnicas de Recolha/Produção de Dados*. In N.Afonso. *Investigação Naturalista em Educação, Um Guia Prático e Crítico*. (88-110). Porto: Asos.
- Amiguinho, A. (1992). *Viver a Formação Construir a Mudança*. Lisboa: Educa
- Barbier, J.M. (1993). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora.
- Barros, R. (2013). *Educação de Adultos Conceitos, Processos e Marcos Históricos da Globalização ao Contexto português*. Instituto Piaget.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora
- Canário, R. (1999). *Educação de Adultos. Um Campo e Uma Problemática*. Lisboa: Educa.
- Canário, R. (2006). Aprender Sem Ser Ensinado. A Importância Estratégica da Educação Não Formal. In CNE, *A Educação em Portugal (1986-2006): Alguns Contributos de Investigação*. (207-267). Lisboa: Conselho Nacional de Educação
- Cavaco, C. (2002). *Aprender Fora da Escola. Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa
- Departamento Arquidiocesano da Catequese (2006). *Catequistas Século XXI*. Editora Braga.
- Estrela, A. (2008). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto Editora.
- Fernandes, D. (2010). Acerca da Articulação de Perspetivas e da Construção Teórica em Avaliação Educacional. In M.T. Esteban & A.J. Afonso (Org.), *Olhares e Interfaces: Reflexões Críticas Sobre a Avaliação* (15-44). São Paulo: Cortez.
- Finger, M. (2005). A Educação de Adultos e o Futuro da Sociedade. In Canário R. & Cabrito B. (Org.). (2005). *Educação e Educação de Adultos. Mutações e Convergências*. (15 - 30). Lisboa: Educa/IEFP.



Gil, M. (n.d). *Iniciar-se Como Catequista*. Edições Salesianas.

Gonçalves, V. A. (2011). *Catequese de Adultos: Para Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica Editora

Guerra, I. (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção - O Planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Estoril: Principia.

Guimarães, P. (2010). Educadores de Adultos em Portugal: Políticas Fragmentadas, Identidades em Mudança. *Ensaio Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, vol.18 (nº69), (775 – 794).

Instituto para a Qualidade na Formação (2006). *Guia para a Avaliação da Formação*. Lisboa: Instituto para a Qualidade na Formação.

Lima, L.C (2007). *Educação ao Longo da Vida: Entre a Mão Direita e a Mão Esquerda de Miro*. Cortez editora.

Loureiro, A. (2012). Novos Territórios e Agentes Educativos em Sociologia da Educação: O Caso da Educação de Adultos. *Revista Lusófona de Educação*, vol.20, (123-139).

Meignant, A. (1999). *A Gestão da Formação*. Publicações Dom Quixote, Lda

Rocha, M. (2006). Novos Espaços em Educação Formal: A Formação de Animadores Infanto-juvenis. In Lima, L.C. (Org), *Educação Não Escolar de Adultos. Iniciativas de Educação e Educação de adultos em Contextos Associativos* (121-146). Braga: Universidade do Minho/Unidade de Educação de Adultos.

Roths, L. (2004) *A formação de Educadores de Adultos em Portugal: Trajectos e Tendências*. In Lima, L.C (Org), *Educação de Adultos. Fórum III*. (61 - 86) Braga: Universidade do Minho/Unidade de Educação de Adultos.



Sanz Fernández, F. (2005). Modelos de Formação de Pessoas Adultas. In Canário, R. & Cabrito, B.(Org), *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. (73 - 96) Lisboa: Educa/IEFP.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. (1998). *Diretório Geral da Catequese*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Stufflebeam, D. & Shinkfield, A. (2007). Evaluation theory, models, & applications. In *Fundamentals of Evaluation*. (2-56). San Francisco: Jossey-Bass

Outros documentos consultados

Junta de Freguesia de São João das Lampas, Website consultado em 1 de Junho de 2012 em <http://www.jflampas.pt/>

Ministério da Educação, Website Consultado em 20 de Maio de 2013 em <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia.aspx>

Portal de Acesso ao Ensino Superior. Consultado em 20 de Maio de 2013 em <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt>

Instituto de Emprego e Formação Profissional. Website. Consultado em 20 de Maio de 2013 em <http://www.iefp.pt/Paginas/home.aspx>

Instituto Diocesano da Formação Cristã, Website. Patriarcado de Lisboa Consultado em 25 de Maio de 2013 em <http://www.idfc.com.pt/>

Departamento de Evangelização do Patriarcado de Lisboa/Sector da Catequese, Website consultado em 25 de Maio de 2013. Em <http://www.catequese.net/>

Universidade Católica Portuguesa. Website consultado em 25 de Maio de 2013 em <http://www.ucp.pt/site/custom/template/ucptplportalhome.asp?sspageid=1&lang=1>





Anexo A – Instrumentos de recolha de dados

O anexo A estipula os instrumentos aplicados para a obtenção das informações, e encontra-se dividido da seguinte forma:

- Guião da entrevista aos catequistas
- Guião da entrevista ao Pároco
- Guião da entrevista aos formadores
- Inquérito por questionário (modelo)

1. Guião da entrevista ao catequista

Blocos Temáticos	Objetivos	Questões
Prática educativa do catequista	<p>Conhecer a prática educativa do catequista.</p> <p>Conhecer os conteúdos, métodos e estratégias utilizadas pelo catequista na catequese.</p> <p>Compreender como o catequista se relaciona com os outros catequistas e com os pais.</p>	<p>Porque é que se tornou catequista? Quando e onde?</p> <p>Como é que prepara os encontros de catequese que dinamiza? (conteúdos, métodos pedagógicos, avaliação, tempos e locais)</p> <p>Procura envolver os pais na formação cristã que leva a cabo?</p>
Experiência formativa e interesses de formação	<p>Verificar que formações frequentou.</p> <p>Auscultar a opinião do catequista em relação a formação.</p> <p>Identificar necessidades, interesses e problemáticas de formação.</p> <p>Averiguar que metodologias estratégias e técnicas de formação são mais adequadas para o catequista.</p>	<p>Frequentou ações de formação para catequistas? Quais?</p> <p>Que avaliação faz dessas ações (conteúdos, métodos pedagógicos, avaliação, tempos e locais de formação)?</p> <p>Gostaria de frequentar ações de formação dirigidas a catequistas?</p>

Tabela 17 Guião da Entrevista ao Catequista



2. Guião da entrevista ao pároco

Blocos Temáticos	Objetivos	Questões
Organização da catequese	<p>Compreender a organização da catequese paroquial.</p> <p>Conhecer as expectativas em relação aos catequistas da paróquia.</p> <p>Auscultar a opinião acerca da oferta formativa existente.</p>	<p>Como se organiza a catequese paroquial?</p> <p>Que expectativas têm em relação à catequese na paróquia?</p> <p>Qual a oferta formativa existente para os catequistas?</p>
Visão acerca da formação para catequistas	<p>Conhecer a visão/avaliação referente à formação.</p> <p>Identificar as áreas e conteúdos fundamentais para a formação dos catequistas.</p> <p>Averiguar que métodos pedagógicos e estratégias de formação são mais ajustados para o grupo de catequista.</p>	<p>Como avalia essa oferta formativa?</p> <p>Quais as áreas de formação que considera importantes para a formação de um catequista?</p> <p>Na sua opinião como deveria ser organizada a formação deste grupo de catequistas?</p>

Tabela 18 Guião da entrevista ao pároco

3. Guião da entrevista a um formador de catequistas

Blocos Temáticos	Objetivos	Questões
Prática educativa do Formador	<p>Conhecer as motivações para se tornar formador.</p> <p>Compreender como organiza as sessões de formação que dirige (conteúdos, métodos, avaliação).</p>	<p>Porque é que se tornou formador? Quando e onde?</p> <p>Como é que prepara as formações que dinamiza? (conteúdos, métodos pedagógicos, avaliação, tempos e locais)</p> <p>Como formador é avaliado em relação a prática de que forma?</p>
Experiência formativa e interesses de formação	<p>Averiguar como se processa a formação dos formadores.</p> <p>Identificar os conteúdos métodos utilizados na formação.</p> <p>Auscultar a opinião do formador em relação a formação de formadores.</p> <p>Assinalar as temáticas e metodologias mais pertinentes para a formação de catequistas.</p>	<p>Frequentou alguma formação para se tornar formador?</p> <p>Como se organiza essas formação de formadores? (conteúdos, métodos e avaliação)</p> <p>Que avaliação faz dessa formação? (conteúdos, métodos pedagógicos, avaliação, tempos e locais de formação)</p> <p>Quais os conteúdos que considera fundamentais para a formação de um catequista?</p>

Tabela 19 Guião da Entrevista a um formador de catequistas



4. Inquérito por questionário aos catequistas

I - CO06

Inquérito aos catequistas

O presente questionário visa conhecer os interesses de formação dos catequistas da Paróquia de S. João Baptista das Lampas, com o propósito de elaborar uma resposta formativa que contribua para o melhor desempenho da sua ação educativa.

Agradeço a sua colaboração na resposta a este questionário.

I - DADOS PESSOAIS

Ano de nascimento _____

Sexo:

☐

Masculino

☐

Feminino

Habilitações

4ºano

☐

Bacharelato

☐

6ºano

☐

Licenciatura

☐

9ºano

☐

Mestrado

☐

12ºano

☐

Doutoramento

☐

Curso Técnico/Profissional
(12ºano)

☐

Outra

☐

Neste momento,

Trabalha ☐

Que atividade/profissão desempenha? _____

Estuda ☐

Que escola/instituição de ensino ou formação frequenta e
que curso? _____

Se não trabalha ou estuda, que ocupação tem? _____

Centro e ano de catequese a que pertence: _____



II – FORMAÇÃO

1. Já frequentou alguma formação dirigida a catequistas?

Sim ☐ Não ☐

2. Se respondeu sim, há quanto tempo?

Menos de 1 mês	<input type="checkbox"/>	Entre 1 ano – 2 anos	<input type="checkbox"/>
Entre 1 mês – 6 meses	<input type="checkbox"/>	Entre 2 anos – 3 anos	<input type="checkbox"/>
Entre 6 meses – 1 ano	<input type="checkbox"/>	Mais de 3 anos	<input type="checkbox"/>

3. Qual o(s) conteúdo(s) abordados? _____

4. Quais os métodos utilizados?

5. Qual foi a avaliação efetuada?

6. Qual a sua opinião acerca das ações de formação que frequentou quanto aos conteúdos, aos métodos, avaliação, ao local e momento em que se realizaram?



III – INTERESSES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO

1. Gostava de frequentar ação(ões) de Formação dirigidas a catequistas?

Sim ☐ Não ☐

2. Indique que conteúdos gostaria de abordar:

História da catequese	<input type="checkbox"/>	Formação bíblica	<input type="checkbox"/>
Formação litúrgica	<input type="checkbox"/>	Catequética	<input type="checkbox"/>
Psicologia	<input type="checkbox"/>	Pedagogia	<input type="checkbox"/>
Didática	<input type="checkbox"/>	Métodos de catequese	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/>	Qual? _____	

3. Que métodos considera mais adequados para uma formação de catequistas?

4. Qual a avaliação que gostaria de ter nestas ações de formação de catequistas?

IV – GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. Quais os horários que considera mais adequados para o desenvolver de uma formação de catequistas?

Horário pós-laboral	<input type="checkbox"/>	Domingo de manhã	<input type="checkbox"/>
Sábado de manhã	<input type="checkbox"/>	Domingo de tarde	<input type="checkbox"/>
Sábado de tarde	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>

2. Qual o local que considera mais adequado para se desenvolver uma formação de catequistas?

Paróquia	<input type="checkbox"/>	Vigararia	<input type="checkbox"/>
Diocese	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>

Obrigada por ter respondido a este inquérito

Ana Inês Colares





Anexo B – Documentos e dados recolhidos

O anexo B refere-se aos documentos construídos após a concretização do diagnóstico, encontrando-se estruturado da seguinte forma:

- Entrevista ao catequista C1
- Entrevista ao catequista C2
- Entrevista ao catequista C3
- Entrevista ao catequista C4
- Entrevista ao catequista C5
- Entrevista ao pároco
- Entrevista ao formador F1
- Entrevista ao formador F2
- Folheto informativo sobre a formação geral
- Notas de campo I
- Notas de campo II
- Notas de campo III



1. Entrevista ao catequista C1

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma está inserida no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização: Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a prática educativa dos catequistas, aspetos referentes à sua formação e obtenção da opinião e sugestões dos catequistas em relação à formação. Importa ainda referir que a confidencialidade das informações ministradas será garantida.

Entrevista

Porque é que se tornou catequista? Quando e onde?

Olha isto de ser catequista vem do facto de ter sido catequizando, de ter recebido alguma formação nesse sentido. e... vem também do facto de ter estado no seminário três, anos e de ter tido uma formação que me convida interiormente a partilhar com os outros aquilo que eu aprendi. Não tive nenhum motivo para me tornar catequista, apenas quis continuar a aprendizagem que trazia do seminário... quis continuar a aprender partilhando, digamos assim... partilhando com os miúdos aquilo que eu aprendi.

Então ofereceu-se para ser catequista?

Sim, auto propus-me a ser catequista. Primeiramente não me via a ser catequista de crianças, porque sempre trabalhei com grupos de jovens e... fazia parte de um grupo de jovens. e depois Auto propus-me para ser animador de um grupo de jovens porque sentia essa necessidade. Ou seja houve uma altura que tive fora do grupo porque entretanto casei-me e constitui família. Mas, depois voltei, porque eu é que senti mesmo que queria vir, ou seja vim-me oferecer a quem estava a frente para ajudar e partilhar todo o conhecimento que me deram quando Estava no seminário e foi muito enriquecedor. E achava que era uma mais-valia para quem estava a trabalhar com os jovens e acho que tive sucesso. Eu e os outros logicamente, nunca trabalhei sozinho, acho que valeu a pena que foi uma aposta bem conseguida.



Como é que prepara os encontros de catequese que dinamiza?

Isto é uma coisa complicada, porque eu não me baseio muito em livros, ou seja, é claro que vejo nos últimos anos... com os jovens não havia um catecismo propriamente dito para trabalhar com jovens, tinha vários livros e procurava jogos, algumas dinâmicas... mas nunca me baseava muito em livros, baseava-me mais na aprendizagem que eu tive na partilha que fizeram comigo. Não sei se baseavam em livros ou não, o método era muito bom porque era um método onde não havia um chefe, digamos assim era uma partilha quase de igual para igual. Nos aprendemos a conviver dentro da mesma equipa com os jovens sem que se notasse muito o Líder entre aspas portanto tentávamos dinamizar em conjunto.

Preparar a catequese é completamente diferente. Eu comecei ver isso quando ia às reuniões de catequistas.... Optei por essa maneira de preparar a catequese, através do saber adquirido e nunca me baseei muito nos livros, ou não me baseava muito nos livros. Nessas reuniões eu começava a achar que as pessoas falavam todas do mesmo, seguiam todas o catecismo e falavam de coisas que eu depois estava, não digo a leste mas, não tinha aquela sequência do livro. Então comecei a olhar para o livro mas, nunca a basear-me muito no livro, ou seja, gosto de ser espontâneo, gosto de transmitir espontaneamente aquilo que sei. É claro que me baseio na bíblia, é claro que me baseio na vida de Jesus, é claro que olho para o esquema que está no catecismo mas não sigo fielmente o que lá está porque gosto de dinamizar espontaneamente. Ver o que é que eles respondem... abordando o mesmo tema que o catecismo pede mas espontaneamente ir buscar coisas do dia-a-dia mediante a idade das crianças. Se forem crianças ir buscar os desenhos animados que eles vêem no dia-a-dia, se forem jovens 13-15 anos ir buscar os desportos de que eles gostam, as coisas que esta na moda e adapta-las á catequese. E são coisas muito interessantes porque anos depois nós falamos das coisas e eles relacionam. Foi giro aqui a uns anos tinha os miúdos do 3º ano e estávamos a falar das tentações de Cristo, e há uma tentação que diz atira-te daqui abaixo que Deus te vem proteger e na brincadeira eu falei pronto é como o Red Bull, Red Bull dá-te assas como os anjos e pronto aquilo ficou ali. Passado uns anos estávamos a falar com as mesmas crianças, mas quem diz uns anos três, quatro anos e calhámos a falar das tentações de Cristo então a primeira tentação, e a segunda tentação? Ó é a tentação do Red Bull. Red Bull...? E eu não tava apanhar e eles depois contaram-me essa história ou seja, indo buscar coisas do dia-a-dia eles apanham as coisas. E foi engraçado eles lembrarem-se daquela tentação do Red Bull que não tem nada haver mas, eles lembraram-se das tentações dessa forma.



E dentro das dinâmicas que faz nas suas sessões de catequese utiliza jogos?

Pronto isso foi uma coisa que nós quisemos fazer não tanto para cativar as crianças mas, para cativar os pais... O P. B. tem muita a dinâmica de ter os jogos ali fora porque temos um espaço bom, temos os jogos de grupo... a roda... o jogo do lenço... coisas assim do género. E temos a dinâmica dentro do salão, na qual eu estou mais envolvido, que é o atendimento dos pais através dos miúdos. Como nós fazemos isso? Pronto são as violas a funcionar, Temos montes de músicas com as violas e eles vão aprendendo. Nos vamos tocando e os miúdos vão aprendendo e os pais vão gostando, aprendendo e vão ficando. Ou seja, é uma dinâmica familiar... cativamos as crianças porque elas gostam de aprender, elas depois é que escolhem as músicas para cantar naquele dia, essas músicas depois aproveitamo-las para as missas das crianças. São essas que elas sabem cantar, são essas que nos tocamos com elas.... cativamos os pais porque os pais ficam, enquanto eles estão aqui nessa dinâmica, os pais ficam aqui. E em vez de chegar aqui e deixarem os filhos tipo depósito não, os pais ficam cá a cantar connosco e querem aprender e as vezes são os pais que pedem: olha vamos cantar aquela porque eles gostam muito cantam lá em casa...

Foi engraçado ainda ontem fomos ao Cristo Rei, não iam muitas crianças da catequese mas, foi um dos pais que pediu para cantarmos. Íamos no autocarro e uma mãe que disse lá detrás: "Então não cantam as músicas da catequese?" Claro que não tínhamos levado violas e nem tínhamos muitas crianças mas fez-se um esboço de duas ou três músicas, aquilo não resultou muito porque já tava a anoitecer, as pessoas já estavam cansadas já não havia muito aquela vontade de fazer barulho... Fazer barulho entre aspas logicamente.

Mas, utilizamos muito essa dinâmica de brincar com eles, de os por a vontade fazer teatros espontâneos, onde eles são os figurantes, os atores sem saber, chamamos um sem saber e eles fazem, brincam... É muito bom porque eles conhecem se todos

E em vez de estar o primeiro ano só com o primeiro ano estão todos juntos desde do primeiro até ao décimo ano E vão se conhecendo quando é preciso fazer alguma coisa em conjunto já se conhecem uns aos outros. Embora estejam depois aqueles 45 minutos nas salas com o ano propriamente dito. Aqueles vinte minutos que estão antes dá para se conhecer uns aos outros e de vez enquanto fazemos visita às salas, vamos visitar o ano a seguir ou anterior e partilhamos qualquer coisa. Pronto são dinâmicas que aproveitamos e os miúdos aderem muito bem.



Se calhar já respondeu a esta questão mas que outra maneira procura envolver os pais na formação cristã que leva a cabo?

Nós temos aqui um handicap mas, não é culpa nossa é, não temos reuniões de pais e porquê? Porque fizemos duas três vezes... e há alguns pais que vem e há outros pais que vem tipo obrigação e nos estamos aqui a querer fazer uma dinâmica, uma formação com eles e eles estão sempre a olhar para o relógio quando é que vamos embora. Então não resulta estar só os pais assim nesse sentido envolvemos os pais nessa dinâmica de iniciação da catequese, nesses minutos antes da catequese.

Mas também os aproveitamos quando há as festas... qualquer das festas dos anos aproveitamos os pais, aproveitamos os também para as missas das crianças em que eles participam nas leituras ou nos salmos.... No peditório... quando temos as festas por exemplo a festa de São Martinho, os pais gostam muito de ajudar, na festa de final de ano também participam. Desde que não estejam aqui fechados a responder a perguntas, eles participam muito.

É lógico que é um handicap da paróquia não haver catequese de adultos e mesmo que viessem poucos convida-los a virem porque eu sei que quando há as reuniões do crisma, eles vem e gostam, embora estejam com um propósito Mas aproveitar essas pessoas que fazem o crisma e continuar com uma catequese de adultos, no mesmo esquema da formação do crisma porque eles gostam não digo a formação bíblica porque a pessoa tem de estar mesmo virada para essa formação.

Enquanto na catequese de adultos pode-se falar de muitas coisas abordando mesmo os tópicos do dia-a-dia misturar Jesus com o dia-a-dia porque a ideia é mesmo essa não é?

E acho que seria uma boa opção tentar envolver os pais nessa formação mas não conseguindo pronto envolvemos os aqui com as crianças e muitas vezes estamos aqui a dar catequese.

Quando damos catequese em conjunto normalmente nos tempos fortes litúrgicos, advento e quaresma damos catequese todos juntos aqui no salão. E os pais ficam também. Também gostam de participar e aprendem muita coisa. Eu lembro-me que houve um pai que me tinha dito que teve na catequese quando era criança e chegou-se ao pé de nós numa dessas formações do advento ou da quaresma, não me lembro agora e de nos ter dito “olha eu nestes três ou quatro dias aprendi mais do que me lembro que tinha aprendido na catequese”, porque pronto nos vamos buscar coisas do dia-a-dia e as pessoas conseguem perceber através das coisas do dia-a-dia em vez



de dizermos só as partes bíblicas e a época se trouxermos as coisas para o dia-a-dia é muito mais fácil de perceber.

Então agora vamos passar aqui a parte da formação... Já frequentou alguma formação? Quais?... E se calhar pode também ir falando como é que avalia essas formações que frequentou.

As formações para catequistas... eu fiz algumas formações para catequistas, alguns cursos de formação que o patriarcado oferece e às vezes algumas formações... Tem piada quando são longe daqui nos temos vontade de ir e quando são mais perto parece que não cativa tanto para nos irmos em grupo porque pronto é ir e vir e quando vamos para longe vamos e voltamos no fim do dia, torna-se mais engraçado.

Frequentei algumas que o patriarcado nos proporcionou e sei que de vez em quando nos vai proporcionando... que nem sempre é fácil nós irmos porque normalmente é ao fim de semana... e pronto e quando nos temos catequese também e muitas vezes não é fácil conciliar muita formação eu trago já na minha bagagem... pronto é lógico que a catequese está sempre a evoluir...mas trago muita formação como eu tinha dito dos anos do seminário. E continuo às vezes a visitar os meus colegas de seminário alguns são padres no seminário e de vez enquanto fazemos dinâmicas também... levamos lá os miúdos, fazemos dinâmicas com eles que acaba por ser um envolver as crianças na vida que eles não conhecem... porque o seminário é um seminário missionário e então... é muito bom para eles conhecer outras culturas, outras maneiras de ensinar porque é para outros povos e é muito rico... aquela formação é muito enriquecedora.

A questão de avaliar a formação, muitas vezes temos as formações do patriarcado e há coisas que são muito importantes... havia uma coisa que eu nunca fiz muito que é o planear a catequese de um período, ou seja pegar no catecismo e planear a catequese de Setembro até Dezembro, sabia que em Dezembro tinha de falar do advento e do natal atendendo depois a formação que eles já traziam porque eles já... eu estou agora com o 8º ano e já estou com eles já a oito anos não é. E chegamos ao Natal falamos sempre do Natal, chegamos a Páscoa e falamos sempre da Páscoa é lógico que á medida que os anos vão passando eles não precisam que nos estejamos a repetir o que já dizemos porque o Natal é sempre igual e a Páscoa é sempre igual temos que trazer os conteúdos para o dia-a-dia. E nesse sentido a avaliação que eu fiz ou a dúvida que me levantou enquanto catequista foi quando o Padre M. falou e disse nos muitas vezes damos a catequese sem preparar mas não a catequese do dia-a-dia, a catequese do período, a catequese daqueles três meses. Porque temos que ver o



que é que temos no catecismo, temos que ver o que é mais importante porque há alturas que não podemos dar catequese. E nos aqui temos essa questão de darmos o advento juntos, temos de olhar para os catecismos dos mais novos e dos mais velhos e ver em que dia vamos dar o que, em que dia vamos falar do quê. E como eu te disse não me baseava muito nos livros...e os livros enquanto catecismo para aquele ano tem uma série de objetivos a atingir... e para atingirmos pelo menos esses objetivos temos de olhar para o catecismo leva-lo mais longe por exemplo até ao Natal, olha eu tenho de dar isto. E eu vi que era uma falha pronto foi uma melhoria que tive nessas formações.

Outra alteração que nos fizemos mas, isso temos que fazerem grupo comigo não acontecia muito mas, eu tento cativar os catequistas para isso é nos fazermos algo mais para os nossos catequizandos e depois nos não estarmos presentes não tem muita lógica nós convidarmos os nossos catequizados a ir e nos não estarmos lá. Eu normalmente não gosto de fazer isso quando não vou não os convido a ir sequer porque eles depois não estão identificados naquele contexto não tão identificados com alguém que os possa socorrer no momento qualquer. E então quando os convido para ir algum lado acho que tenho de ir com eles, senão puder ir não quero que eles vão, não para prejudica-los é no sentido de estarem as vezes fora do contexto, eles tem uma dúvida uma pergunta e não tem ali alguém com quem se identifiquem. Senão houver o ponto de referência não tem muita lógica estar a convidar os miúdos para um passeio de final de ano se o catequista não for...acho que não tem muita lógica.

Aqui queria perguntar como avalia ou qual é a opinião que tem acerca da metodologia que é utilizada nas formações para catequistas promovidas pelo patriarcado?

Pronto nos já tivemos várias formações ou eu já participei em varias formações algumas de que gosto outras de que gosto menos digamos assim não é... e gosto menos ou gosto mais se eu me identifico mais ou menos com aquele tipo de formação ou não... Eu identifico-me... pronto há algumas que eu me identifico quando são formações no sentido de nos ajudar a ser melhores catequistas, há outras formações que nos ensinam como planear a preparar a catequese tem a ver com métodos, a métodos com os quais eu me identifico e outros que não me identifico de todo mas, também não tenho problema nenhum de o dizer. Quando me perguntaram na formação que tivemos Ericeira sobre métodos de catequese, o método que estava a falar com o qual eu não me identificava de todo, não quer dizer que o método não fosse



bom. Eu enquanto catequista não me identifico com a formação que trazia de trás não me identificava com aquele método muito repetitivo...

Mas, claro que tenho de compreender que há vários métodos de catequese, há vários tipos de dar catequese e temos de os aceitar a todos e retirar um bocadinho de cada um. Nesse sentido acho que sim que o patriarcado tem vindo a melhorar a formação para os catequistas tem havido muita oferta e diversificada, tanto na formação com nos lugares da formação.

Porque eles, o patriarcado manda-nos pelo menos a quem tem lá a identificação os quadros de formação do ano inteiro e nos temos muito por onde escolher na diocese mais longe mais perto, aos sábados ou aos domingos. Muitas das vezes não quer dizer que nos possamos ir mas, ah muita oferta para que possamos ir...

Eu acho que sim, que o patriarcado tem estado bem, acho que o grupo que se formou com o padre M. e a ir. M.J. acho que se formou ali uma boa dinâmica, u apoio para os catequistas.

E mesmo que precisamos de alguma coisa temos os emails, os telefones deles e podemos falar com eles, temos ali um bom ponto de apoio.

Para terminar gostaria de frequentar ações de formação dirigidas a catequistas, quando eu faço esta pergunta, com certeza que existe no patriarcado mas, se considera importante que existisse a um nível mais local? E que tipo de formação achava interessante haver aqui na paróquia?

Isso é claro que respondo que sim. Nesse sentido nós temos uma vertente de formação, oração digam assim que o padre A denominou: “os catequistas rezam com o prior”, que não é tão frequente como nós gostaríamos que fosse... é três vezes por ano coisa assim. Mas, eu lembro-me na altura de lhe ter proposto pronto... E como falei há bocado aquela questão de catequese de adultos também engloba catequistas e catequistas a participarem numa formação não quer dizer que estejam só ouvir, também podem participar no sentido de ajudar a dar catequese aos outros, ou seja, a aprender participando digamos assim... eu sou muito apologista de que em qualquer formação devemos participar ativamente sempre não devemos estar só a ouvir porque ah pontos de vista que nós podemos partilhar que se tiverem dez pessoas e três, cinco, sete pessoas falarem podemos pensar olha eu nunca tinha pensado dessa forma.



É nesse sentido que acho que a formação devia ser mais participativa, não chegarmos ali e estarmos ali sentados e alguém desbobinar qualquer coisa que também é importante ouvirmos mas, dar-nos oportunidade para questionar. Há formações que fazem isso mesmo que nós ouvimos ali durante uma hora e depois fazemos trabalho em grupo em que propomos, perguntamos e partilhamos entre nós... e nesse sentido a formações que eu gosto de participar são mesmo essas, se puderem serem locais melhor logicamente. Porque nos dá mais facilidade para tirarmos uma ou duas horas para irmos a essa formação sem termos de tirar o dia todo. Por exemplo, a mim não me faz muita diferença mas, as catequistas normalmente são mães de família... não é o meu caso não é... mas queixam-se sempre que tem a lide da casa para fazer... tem... Não quer dizer que eu não ajudo em casa, não faça a limpeza porque eu gosto de ajudar. Mas nesse sentido... prejudica um pouco porque as pessoas tem sempre algo para fazer no fim-de-semana que não podem fazer durante a semana porque tem o seu horário de trabalho.

Sendo local, sendo mais perto não digo que seja só a paróquia mas, duas, três paróquias são zonas muito mais perto, seria muito mais fácil para os catequistas se conhecerem e estarem mais á vontade para se questionarem porque conhecem as pessoas. Não quer dizer que estando longe as pessoas não falem á mesma, há pessoas mais acanhadas, outras mais espontâneas, Eu no meu caso não tenho problema porque a minha formação leva-me a falar com as pessoas espontaneamente. O ser mais local também se melhoraria porque é identificativo com a zona onde moramos, é mais fácil darmos catequese identificando a zona onde moramos, vemos a realidade onde moramos porque por exemplo

A zona que temos aqui é completamente diferente de Mem-Martins do que aqui embora Jesus Cristo seja igual aqui e lá isso não há duvidas mas, as realidades são diferentes. Enquanto lá eles têm... dizem: “eles lá têm sempre muitos miúdos...” mas eles lá têm escolas de música, tem miúdos a tocar guitarra na missa, levam baterias para a missa as vezes, a outra dinâmica que nós aqui não temos.

Agora estamos a ter porque agora temos o salão cheio, quando começa a catequese? Só a diferença de termos as guitarras, nós a tocar e os miúdos a cantar, só ai muda tudo. Porque há pais que dizem, olha eu tava noutro centro da paróquia mas os miúdos querem vir para aqui porque tem aqui amigos e eles dizem que aqui tocam viola e podem aprender se quiserem. São dinâmicas que se ganham não é?

É claro que nesse sentido o ano passado começamos com essa dinâmica e notamos a diferença de a uns três anos para cá que temos muito mais miúdos. É lógico que as



vezes há catequistas de outros lugares que nos perguntam então os miúdos andavam lá mas eles querem é vir para aqui... nós dizemos sempre que eles devem andar no núcleo de catequese onde moram mas não vamos dizer que eles não venham, nós gostamos de ter a casa cheia não é? (risos)

Que temas assim á prior gostaria de ver refletidos numa formação mais local

Eu acho que há um tema que eu trabalhei sempre muito quando era criança, quando era criança nos meus tempos de pré-adolescente que não se trabalha na paróquia, não se trabalha na catequese e é uma falha no meu ponto de vista, é uma falha do catecismo, as crianças não conhecem Jesus, as pessoas não conhecem Jesus...

Conhecem mas, às frações...

Pronto mas... não conhecem... eu digo isto porque eu li a bíblia, sei que o primeiro livro é o Génesis, sei que o último livro é o Apocalipse mas, li outros livros ali pelo meio. Há livros que eu nunca li logicamente não é? Nem vou dizer às pessoas que fiquem ali sentadas a ler a bíblia, eu tinha de ler a bíblia todos os dias durante uma hora e na altura achava que era castigo mas, agora vejo que não era. Porque eu hoje... não conheço a vida de Jesus ali ao pormenor mas, gosto de dizer aos miúdos olha hoje vou fazer umas perguntas sobre a vida de Jesus. E perguntar-lhes por exemplo, qual foi o primeiro milagre de Jesus? E eles ficam todos... ninguém sabe né? E depois eu digo assim olha houve um dia que Jesus respondeu mal a mãe... e fica tudo a olhar para mim...ó homem acho que estás a meter água aí... mas é a realidade isto aconteceu.

Quando eu lhes conto a história eles ficam todos a duvidar, e eu digo-lhes assim então olha peguem na Bíblia e vão lá ver, o primeiro milagre, o casamento e vão ver o que Jesus respondeu a mãe. Não respondeu mal não é?

Mas, pronto viram que foi ali um bocadinho rebelde pois realmente tinha razão. Mas, pronto as pessoas não conhecem não é?

Então uma falha que eu noto e não me importava de ajudar é dar a conhecer Jesus às pessoas. Dar a conhecer aquela pessoa desde do Nascimento, não digo até a Ressurreição mas até a Emaús. Daí para a frente. Dar a conhecer uma sequência, tipo aqueles filmes que nos vimos antigamente porque agora são muito cortados desde do nascimento até a Ressurreição de Jesus mas, com aqueles tempos todos definidos. O



que é que aconteceu, quem era aquele, quem era lazaro, quem era este, quem era aquele... porque é que estão na vida de Jesus?

Hoje, as pessoas não sabem isso. Nos pegamos no catecismo do 5ºano e os miúdos ainda não sabem quem é Jesus, não é? Não sabem dizer então quem é para ti Jesus? Quem é Jesus? Nós fizemos uma vez uma pergunta e até depois fizemos um PowerPoint com as respostas e até ficou engraçado e “para ti quem é Jesus?” havia respostas tão inocentes como:

Jesus é o meu herói; Jesus é o Salvador, mas que isto é tão corriqueiro mas, então o que é isso? Não é? Já não digo Jesus enquanto Deus mas, Jesus enquanto homem acho que seria mesmo muito interessante fazer-se uma formação nesse sentido.

Isso também se reflete nos catequistas.

Também há catequistas mas, isso vem exatamente da formação, ali uma altura que sabemos tudo o que está nos catecismos mas, os catecismos não dizem quem é Jesus. Eu preparo as vezes essas lições em casa é apenas um recordar o que vou perguntar e depois o meu filho ta comigo, ele anda aqui no 6º ano e nos chegamos aqui, as vezes fazemos um jogo de perguntas e respostas, dividimos os em duas equipas e fazemos perguntas. É claro que o meu filho levanta logo o braço, e eu digo-lhe tu não podes responder e ele fica todo chateado. Ele sabes as respostas não é? (risos)

Mas, é giro eles saberem isso e daqui a uns anos nos perguntarmos então qual foi o primeiro Milagre de Jesus? E eles responderem pronto há alguns que não se lembram mas, ah sempre os que se lembram não é? É giro. Eu acho que é uma formação muito importante e aliciante conhecerem Jesus desde de João Baptista, desde da Anunciação mas aqueles momentos todos bem definidos...

Nesse sentido acho que era muito giro termos uma formação não digo só para os miúdos ou incluir na catequese mas, mesmo para os catequistas para os adultos se calhar vou propor isso ao Padre A. eu não tenho problema de o ajudar nesse sentido, é lógico que eu não sei tudo não é? Como é lógico... mas vou aprendendo também. Mas, seria muito giro até para adultos fazer essa formação quem é Jesus. E depois no fim dessa formação perguntar as pessoas: Depois de o conheceres enquanto Deus, enquanto homem quem é que tu achas que é Jesus? Depois de o conheceres enquanto homem, enquanto Deus porque Jesus não é só aquela pessoa que nasceu no Natal, morreu e depois ressuscitou na Páscoa. As pessoas não têm a noção que



muitas das coisas que respondem na Missa vem da vida de Jesus. Pronto, acho que era muito importante conhecermos as coisas da vida de Jesus.

Em relação aqui á formação e as estas temáticas quer dizer mais alguma coisa?

Pronto eu acho... a conclusão que eu cheguei sempre foi essa mesmo a nível local podemos ter formação não só deste tema que eu disse. As pessoas podem-me dizer ah mas, temos o grupo bíblico mas, não é a mesma coisa porque no grupo bíblico pegam na bíblia e lêem um livro que não nos diz muito, nos estarmos a ler o livro de Reis, não nos diz muito as pessoas no outro dia já não se lembram. Deve se conhecer primeiro aquilo que nos toca mesmo e depois ver de onde é que isto vem. Mas pronto eu vim ca uma vez ou outra mas, como não gostei não fiquei Porque eu depois estava aqui dentro do grupo bíblico e fazia algumas perguntas, não são perguntas de resposta certa e eu sentia-me mal porque era o único a falar. Isto não é eu sei e os outros não sabem. Mas, ah pessoas que nem sequer falam pronto estão aqui convivem um bocadinho e não passa daquilo... eu posso ajudar a que interpretem mais corretamente não quer dizer que a pessoa esteja errada porque não há respostas certas, porque não é exatamente assim, não é matemático, a pessoa vê aquilo daquela forma e eu tenho de respeitar não é?

E pronto nesse sentido quando é um grupo mudo, ou quando é a pessoa que esta a formar que fala e os outros estão ali... não me diz nada. Mas, eu também tenho a noção que sei pouco.

Fui a um retiro em Fátima, eu não gosto de retiros de silêncio mas aquele por acaso era retiro misto, tinha uma parte de silêncio e outra de convívio e eu ai vi que as pessoas participavam muito e depois partilhavam experiências e o que é que fazia e depois faziam muito visitavam doentes, iam a hospitais e isto e aquilo.

Ups... eu ajudo muito mas ao pé deles eu não faço nada. Senti no fundo que por muito que eu faça, faço muito pouco ao pé deles.

As pessoas chegavam lá e diziam eu já fiz isto é completamente diferente de dizermos eu gostava de fazer. E nós ficamos ali a pensar... é pá a pessoa tem de fazer mesmo realmente pensar só não chega, dizer que gostava só não chega temos de por a mão na massa mesmo. E pronto ajuda a despertar em nós aquela vontade de ir também, se os outros são capazes eu também sou, se os outros conseguem eu também. Se eles fazem eu também posso fazer.



E isto ajuda-me aqui na catequese também porque houve uma altura que eu achava que eu fazia e os outros ficavam assombra da bananeira e eu disse é pá eu também vou ficar a assombra mas chega uma semana depois ma, isto tem de ser feito.

É bom chegar a um momento que não conseguimos estar parados mesmo que o outro não faça, aquilo tem de ser feito. Pronto se eles não fazem temos de fazer nós. E nesse sentido ajuda a partilhar com os outros essas formações essas vontades...

Porque nos dá essa fraqueza o outro não faz eu também não vou fazer... Eu começo a pensar mas o outro não faz eu também não vou fazer e estes encontros ajudam-nos sobretudo a partilhar.

Obrigada pela entrevista.



2. Entrevista ao catequista C2

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma está inserida no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização. Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a prática educativa dos catequistas, aspetos referentes à sua formação e obtenção da opinião e sugestões dos catequistas em relação à formação. Importa ainda referir que a confidencialidade das informações ministradas será garantida.

Entrevista

Porque é que se tornou catequista? Quando e onde?

É assim tornei-me catequista porque... no início eu estava na catequese e não havia grupo e as irmãs na altura começaram a desmembrar as pessoas para auxiliares de catequese. E foi assim, eu tinha mais ou menos uns 15/16 anos, depois fui catequista durante muitos anos aqui em São João, mas sempre com o apoio das irmãs e liderei alguns grupos.

Depois cresci, casei-me e tive seis anos sem dar catequese... e depois quando o meu filho mais velho foi para a escola e para a catequese eu voltei a dar catequese em S.S.

Como é que prepara os encontros de catequese que dinamiza? (conteúdos, métodos pedagógicos, avaliação, tempos e locais)

Pronto então é assim as coisas tem vindo a alterar-se bastante em termos da minha preparação dos encontros de catequese... tem vindo a alterar-se bastante sinto que agora preparo com menos qualidade que dantes. Sinto isso... tenho sempre como base, o guia e o catecismo isso tenho sempre como ferramenta para preparar a catequese. Muitas vezes não dou a catequese daquele dia, da sequência muitas vezes vou buscar uma lição mais a frente ou atrás. Portanto sei que há, sei e sinto...

Isto agora mais ultimamente porque dantes fazia uma preparação diferente desligava-me do dia-a-dia, fazia uma oração, fazia pesquisa Procurava materiais... sentia que tinha mais qualidade na preparação da catequese para já estou com os jovens, Os miúdos foram crescendo e muitas vezes o ritmo tem sido alucinante em relação a atividades da catequese. Dantes não fazíamos a festa do catecismo e isso envolve



muito mais em termos de tempo, isso corta-nos muito tempo em termos do dia-a-dia, dantes isso não acontecia. Também em termos profissionais não há tanto tempo como antigamente talvez isso.

Neste momento, atualmente o que acontece é: pego no catecismo, no guia e estudo as lições. Estou com dois volumes diferentes, já o ano passado aconteceu isso, estava com 8º/9º ano e este ano estou com 9º/10º ano...

Talvez por ai seja difícil...

É mais difícil exatamente, eu dava lições de um catecismo ou de outro ou depende das atividades que íamos ter em relação sei lá o que é que eu faço...

Prepara as catequese sozinha ou em grupo

É sozinha preparo a catequese sozinha depois há as catequese em grupo pronto, depois ai os métodos ou material a utilizar quando é em grupo são PowerPoint, tem de se fazer pesquisa e construir PowerPoint, ou é teatros, poemas... ah muita coisa que tem de ser feita...

Nas suas sessões de catequese, normalmente organiza jogos... como dinamiza as suas catequese?

Vou muito de encontro com a vida social... o dia-a-dia e depois transporto para a vida espiritual tento enquadrar sempre a vida espiritual na vida diária utilizo bastante a bíblia mesmo também o guia referencia isso... há muitos temas que são mesmo de acordo com a vida social, vida familiar, com o trabalho

E então eu faço sempre uma catequese ou com imagens, ou com o material didático do guia, utilizo o material didático de multimédia, utilizo cd de músicas atuais que eles ouvem no dia-a-dia que tem uma mensagem que eu acho que se adequa com a mensagem bíblica, e isso ajuda os muito a interiorizar a mensagem quer a nível psicológico quer a nível espiritual. É por ai... depois textos em que tem de trabalhar muitas vezes... nem todos tem os catecismos porque os catecismos são caros e então levo fotocópias para eles trabalharem os textos que estão no guia ou no catecismo. São textos que eles têm de interpretar e dar a opinião deles em relação aos textos bíblicos, às vezes nem são textos bíblicos são de outros autores recomendados.



E essas interpretações eles fazem sozinhos ou em grupo?

Há das duas, maneiras, há interpretações que eles fazem individualmente, embora às vezes o guia sugira que seja em grupo, eu não tenho grupo para isso e eles fazem individualmente e depois partilham em grupo, claro que as vezes fartam-se de rir outras vezes nem tanto as vezes há discussões entre eles sobre os temas e deixo-os falar Porque eles estão numa fase que gostam muito de expressar as suas ideias. E as catequese são dinâmicas, é engraçado.

Jogos, jogos não faço muito porque eles não gostam muito, não ligam. Se forem jogos são jogos escritos, sopas de letras, palavras cruzadas e ou mensagens ocultas. O jogo em si é mais isso.

Procura envolver os pais na formação cristã que leva a cabo?

É assim não tem havido muito envolvimento dos pais em termos do dia-a-dia da catequese, há atividades que são preparadas para os adolescentes ou para a catequese no seu todo e aí os pais tem a sua parte de participação. E aí eu tenho a sorte dos pais dos meus catequizados frequentar a Igreja, falam a mesma linguagem que nós assim por dizer.

É fácil muito, fácil mesmo agora nesta altura atual que estamos a passar os pais vem, quando é preciso alguma coisa eles aparecem e participam muito, acompanham os filhos. Em termos da vivência cristã sei que em casa devem ter porque os pais participam.

Eu tenho essa felicidade tenho doze alunos neste momento e os pais na sua maioria são muito participativos eu tenho essa sorte.

Frequentou ações de formação para catequistas? Quais? Qual é a avaliação que faz dessas formações?

É assim a uns anos atrás eu fiz o curso de iniciação de catequese, depois fiz o nível 1, nível 2, nível 3 como a tanto tempo que dou catequese eu participava. Cheguei ir a encontros a Fátima, a retiros na quinta das tílias, na Buraca quando havia encontros ia. Lembram-me da última que fui, foi em Rio de Mouro e... não gostei porque não tava preparada, não tava predisposta e achei muito maçudo, não coincidia a formação com aquilo que tínhamos em mãos na altura era tudo muito abstrato e na realidade as crianças e os pais e é difícil eu sinto que existe muita dificuldade não no meu grupo mas, no geral sinto que há muita dificuldade em conseguir transferir os nossos



conhecimentos para a realidade da catequese atual porque os pais vão mesmo como se fosse um ATL e exigem as vezes é o horário, as vezes é porque já passou cinco minutos e é porque é sempre a mesma coisa... Vão lá por... é só para fazer a primeira comunhão e pronto. Pronto isso é difícil.

Como preparação como minha preparação, acho que estou a precisar de uma formação com deve ser, deve ser isto é sinto que estou a precisar de parar porque acho que estou a entrar em rotina, sinto que a minha catequese esta a entrar em rotina e sei que as coisas evoluíram bastante em relação aos catequizandos e as dinâmicas... Pronto estou-me a sentir um pouco ultrapassada, sinceramente é isso.

Já falou um pouquinho das formações que frequentou, a última não gostou até por causa do método podemos dizer assim portanto a sua avaliação não é positiva?

Não é positiva em relação a essa, em relação as outras que tive antes ajudaram me bastante. Essa houve ali qualquer coisa... ou eu não estava bem não sei... mas normalmente eu vou as formações e venho enriquecida, cheia de energia mas depois quando chego ao local começo a morrer quando chega ao local não funciona, perco aqueles entusiasmo...

Gostaria já o disse que houvesse formações mais adequadas as suas necessidades e quando eu digo dirigida a catequistas mais direcionadas aqui para a paróquia?

Sim, devia haver formações aqui na paróquia mas, com pessoas que conseguissem cativar-nos. É claro que nem todas as pessoas têm a mesma pré-disposição, é assim há certas formações e certas pessoas que estão a dar formação... é mais uma coisa, e não nos consegue cativar, a aquela alegria, não consegue mexer connosco cá dentro, fazer-nos mudar porque há muitas que é mais uma formação.

Devia haver na nossa paróquia pessoas bem formadas, bem preparadas com uma dinâmica espiritual que nos agarrasse e que não nos envolvesse a nós catequistas mas que envolve-se aos pais também porque eles são os primeiros educadores da fé quando eles pensam trazer a criança para a catequese porque já tiveram catequese e na altura que a tiveram foram felizes e querem que os filhos passem pelo mesmo, já é uma forma de catequese. Para eles, se era uma catequese pobre porque era uma catequese muito básica e porque saíram muito cedo da catequese lá pela primeira



comunhão ou profissão de fé com nove ou onze anitos claro que o amadurecimento da fé é quase nenhum digo eu não sei (risos).

Mas, esses pais deviam ser envolvidos em ações de formação, deviam ser quase obrigados: se querem que os filhos andem na catequese tem de frequentar uma formação e não somos nós catequistas que fazemos isso. Pelo menos numa primeira fase devia ser alguém que tivesse outra formação porque nós catequistas também temos duvidas e precisamos que nos ajudem nesse sentido.

Como é que acha que deviam ser as dinâmicas dessa formação?

Então é assim nas congregações, nos seminários ou noutras instituições de âmbito religioso existem pessoas que estudam não é? Já que estão a estudar porque padres há poucos, freiras estão muito ocupadas, mas devia os que estão a estudar deviam fazer tipos estágios nas paróquias para sentirem a realidade das famílias e as necessidades da comunidade e podiam trabalhar com as pessoas. É assim devia haver pessoas dessas congregações que viessem ao local para dar formação porque depois tem outra impondência. Tá bem que os pais eram convidados pelos catequistas mas, nem que se convocasse os pais da crianças que já não frequentam a catequese por carta. Tentar perceber o porque, refletir sobre o aprofundamento da fé com os pais.

Nessas reuniões devia haver um amadurecimento da fé e uma reflexão sobre o porque das crianças não virem á catequese, onde está a responsabilidade de pais que só obrigam os filhos a irem a catequese ate a uma determinada idade e depois deixam de obrigar? Quando ainda são crianças a ir a escola, a serem alimentadas, a vestirem a roupa que os pais querem e gostam porque não fazem isso com a catequese?

Que temas de formação gostava de ver desenvolvidos nesses encontros de formação?

Temas... olha tudo... é muito relativo. Temas sei lá por exemplo em relação a fidelidade, respeito por onde passa o respeito em relação aos pais e aos adolescentes porque as vezes as crianças sofrem por essa falta de respeito nas famílias, em relação ao amor... não o egoísmo mas o amor sei lá que mais...



Já referiu que dá catequese num centro de catequese como é que em termos de trabalho se organizam? Preparam as catequese em grupo?

É assim cada grupo prepara o seu encontro, há catequese em grupo por exemplo pelo Natal, pela Páscoa, no encerramento da catequese, o carnaval e aí fazemos catequese em grupo. Mas, temos pouco tempo em relação ao horário da catequese, ao sábado é muito mau. A catequese lá ao sábado é péssima, não funciona...

Num mês acabam por ser três ou quatro encontros e acaba por ser muito limitativo. Mas, quando há catequese gerais nós como grupo organizamos a catequese para todos.

E por exemplo quando a C2. Tem uma dificuldade ou uma dúvida partilha com outras catequistas?

Sim, isso sim nós partilhamos umas com as outras, mas normalmente as sessões de catequese são preparadas individualmente.

Obrigada pela sua disponibilidade.



3. Entrevista ao catequista C3

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma insere-se no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização: Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a prática educativa dos catequistas, aspetos referentes à sua formação e obtenção da opinião e sugestões dos catequistas em relação à formação. Importa ainda referir que a confidencialidade das informações ministradas será garantida.

Entrevista

Porque é que se tornou catequista? Quando e onde?

Olha eu tornei-me catequista quando estava na catequese tinha uns 16/17 anos e, quando estava na altura de fazer o crisma por falta de catequistas, comecei a dar catequese com outra catequista e depois acabei por ir ficando por levar os grupos. Entretanto eu fiz uma pausa porque comecei a trabalhar e o meu trabalho não era compatível com o horário da catequese portanto eu não podia estar a assegurar um grupo porque era muito variável o horário que eu tinha e então não podia estar a assumir esse compromisso. E isso parou-me algum tempo mas, quando deixei de ter esse problema não é? Mas, esse problema ainda durou alguns aninhos (risos) quando esse problema acabou voltei e aqui estou e espero por muito mais tempo (risos).

Como é que prepara os encontros de catequese que dinamiza?

Olha é assim muito sinceramente...as vezes começo na segunda-feira a pensar tenho de preparar a catequese e as vezes dou por mim a preparar a catequese na sexta-feira. Mas, utilizo sempre o guia apesar de achar muitas vezes que os guiões dizem muito mas, acabam na realidade por não dizer assim tanto mas, tento sempre ver e vejo quase sempre... quando não tenho tempo por algum motivo porque enfim elas, as crianças em casa as vezes pregam-nos algumas partidas não é? E então olha algumas das vezes não dá para preparar muita coisa e peço sempre ao espírito santo para ajudar quando chegar a altura da catequese e ele tem-me ajudado... mas faço sempre por preparar a catequese e as vezes ter ideias e partilhar com as colegas, e tento tirar algumas ideias para as minhas sessões através dos comentários que oiço.



Apesar de que eu acho que o tempo de catequese que nós temos é muito pouco. Nós começamos as três da tarde, e começa e não começa, acabamos por começar um quarto de hora vinte minutos depois da hora. E depois o grupo é grande fazem muito barulho e é terrível e o tempo útil acaba por ser quase trinta minutos. Acaba por ser pouco tempo é uma realidade porque nós infelizmente não temos outro horário para a catequese.

Que dinâmicas costuma utilizar nas suas sessões de catequese?

Olha temos muito a parte de leitura, jogos também, canções eu tento, gosto tanto de cantar mas o meu grupo este ano parece que não vai muito para as canções. E eles dizem sempre passa lá essa parte mas eu acho que se calhar é porque estou habituada a ter grupos de miúdos mais pequeninos e agora com um grupo já mais pré-adolescente já não acham tanta piada, já começam a falar dos telemóveis agora estou-me a lembrar dos telemóveis porque foi o tema da semana passada, quer dizer o tema não foi esse mas, o tema maior foi mesmo os telemóveis. Mas, eu acabo por ver que muitas vezes é bom falarmos um bocadinho daquilo que eles querem porque eles vão fluindo as suas energias e interesses e depois nos acabamos por perceber que muitas vezes temos de saber canalizar a catequese, ou podemos dar exemplos da catequese pelas próprias situações que eles nos contam, o que passaram na escola, o que eles fizeram, as malandrices que fizeram porque eles as vezes fazem assim umas coisitas mas, puxando para a catequese e tendo como exemplo aquilo que eles fizeram e eles assimilam melhor as coisas não é?

E com os pais procura envolver os pais na formação Crista que leva a cabo?

Os pais, os pais... eu já tentei por varias vezes... há pais que são muito assíduos e que eu posso contar com eles mas, há como dizia agora o Senhor Cardeal os que não estão lá e esses pais sim é que precisavam mesmo de uma ajuda porque são eles a base dos filhos, e os filhos são aqueles que ficam lá só até a primeira comunhão pouco mais e acabam por ir por outros caminhos não maus mas, não da catequese, não da vida crista e é bom pelo menos eu tento sempre falar, tento dizer o que é que vamos fazer por exemplo agora vamos ter aquele encontro naquele sitio e pronto mesmo que os pais não possam ir eu sou a própria a disponibilizar-me para os levar para que não falem não é? Claro que a intenção é sempre...serem os pais a fazerem esse trabalho mas muitas vezes não fazem e eu normalmente disponibilizo-me sempre para os levar só tenho três lugares atrás, eles ainda não podem ir a frente mas, quando puderem já tenho quatro (risos).



Agora vamos passar a parte da formação com catequistas, já frequentou alguma formação para catequistas quais onde pode aqui ir falando como avalia essas formações?

Olha eu fiz uma, fiz uma de iniciação gostei muito, muito, muito porque as pessoas que fizeram, eu acho que eram pessoas muito experientes eram catequistas muito experientes, gostei muito e aprendi muito com eles e tive pena que não durasse mais tempo. E agora eu fui-me inscrever na formação que vai haver em Janeiro precisamente para fazer mais outra, outro curso de catequese porque acho que muitas vezes quando nos estamos a dar catequese, há coisas que eles nos perguntam muitas vezes acho que nos, eu pessoalmente fico sem uma resposta. Eu acho que não tem mal a gente dizer olha eu não consigo responder, não te vou estar a dizer isso eu vou ver e na próxima sessão eu vou-te responder a essa pergunta porque eu não estou certa dessa resposta. Pronto ser realista com a criança porque é assim eles também não se vão esquecer de nos cobrar aquela pergunta e nos vamos ter que ter essa resposta e muitas vezes eu sou capaz de ir a procurar na internet ou perguntar a alguém para nos testar para sabermos se realmente aquilo que estamos a dizer esta correto ou não. Se estão a dizer certos se não estamos. E eu acho que isso é importante porque é assim nós catequistas...nós também somos... sabemos a palavra de Deus estamos a transmitir mas também estamos a aprender porque ninguém nasce ensinado, porque estamos sempre a aprender e ninguém morre a saber tudo. E isso eu acho que nós também devemos transmitir para que eles não pensem que chegam ao décimo ano de catequese e sabem tudo porque estamos sempre aprender é como na escola, depois de sairmos é que começamos a aprender.

Já disse que gostava de frequentar ações de formação, mas neste caso gostaria de perguntar-lhe se gostava de participar em encontros de formação dirigidos para catequistas na paróquia?

Catequese de adultos e o tema que nos tivemos aqui hoje com o Sr.º Cardeal para mim excelente, só como eu disse aqui que realmente muitas das vezes os pais que precisavam de catequese são aqueles que não vão aparecer. Aqueles que vão aparecer são os que não precisam tanto, aqueles que não aparece é que nos devemos nos centrar aqueles que já ca estão, já ca estão... pronto isto parece um bocadinho aqueles que já ca estão são um fundo garantido não é? Mas aqueles que não estão, e aqueles que precisam são esses que nós temos de chamar e esses sim muitos até podem ter problemas e se calhar os problemas é mesmo de falar e muitas vezes também é de vergonha e eu acho que sim que devem vir e se calhar nos



catequistas devemos frequentar para os podermos ajudar também. E eu acho que sim que devemos procurar, devemos frequentar formações, e eu acho que a diocese, o secretariado devia tentar promover mais formações porque eu acho que muitas das vezes... nós estamos entregues a nos próprios e à partilha com os colegas e muitas vezes acho que devíamos ter um bocadinho mais para podermos dar mais.

Que temas gostaria de ver refletidos nesses encontros de formação?

Pronto é assim para os adultos, sinceramente isso é uma e experiência nova para mim, acho que tudo. Para as crianças, quando eu falo de crianças é até aos 11/12 anos, é... o dar catequese a gente até que sabe, consegue-se guiar pelo guião mais coisa menos coisa a gente consegue ir por aí agora muitas vezes nos precisamos de saber lidar com eles, no dia-a-dia e de saber como lidar com as crianças nos dias de hoje, porque eles muitas vezes nos dizem em relação ao que se passa em casa, muitas vezes a situação deles em termos familiares.

Uma questão pedagógica agir com eles no dia-a-dia muitas vezes as perguntas que eles nos fazem a parte humana, a parte psicológica, didática porque muitas vezes chegam nos lá a comportarem-se.... É assim nos não vamos bater não é? E a ralhar... o mais que podemos fazer é dizer olha vai um bocadinho ali fora para pensares no que estas a dizer, estas a perturbar a catequese, temos de os chamar a atenção mas é assim também em termos psicológicos não vamos estar ali a frente dos outros constantemente a dizer que ele se esta a portar mal porque na realidade esta não é? Ou seja uma forma de conseguirmos, ou seja, eu sei que cada caso é um caso mas, as vezes faz-nos falta saber comunicar com eles não é tanto darmos a catequese porque é assim isto para eles é um bocadinho complicado. É assim dizer quem é Jesus, é assim Jesus existiu mas eles não vêem não apalpam, portanto isto é uma questão de fé e eles tem de ter fé e acreditar e muitas vezes eu digo-lhes vocês... já dei um exemplo não sei se é um exemplo bom ou mau mas sei que na altura dei este exemplo há mas, vocês não tiveram, não eram nascidos no 11 de Setembro mas, o 11 de Setembro existiu portanto foi uma realidade, vocês não viram mas acreditam porque é que vocês não acreditam que Jesus existiu, só que foi há mais anos o 11 de Setembro. Foi á 11 anos atrás e Jesus foi há dois mil anos não é? (risos) e as vezes faz-nos falta algumas experiências de outras catequistas, alguns outros exemplos para nos também termos ideias, para conseguirmos absorver e conseguirmos transmitir às crianças no dia-a-dia.



Não sei se quer dizer mais alguma coisa em relação a formação.

É assim a que eu tive, gostei muito porque aprendi espero que a próxima seja igual.

Gostou porquê?

Gostei porque aprendi muito e isto das questões pedagógicas eu acho que foi uma das situações em que foi bastante trabalhada e gostei... pronto se for igual ou melhor eu fico agradecidíssima.

Obrigada pela sua disponibilidade.



4. Entrevista ao catequista C4

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma insere-se no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização: Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a prática educativa dos catequistas, aspetos referentes à sua formação e obtenção da opinião e sugestões dos catequistas em relação à formação. Importa ainda referir que a confidencialidade das informações ministradas será garantida.

Entrevista

Porque é que se tornou catequista? Quando e onde?

Então eu comecei a dar catequese devia ter aí uns 15 anos e foi porque a minha catequista me convidou a dar catequese. Porque na A. não havia muitas catequistas e então era preciso dar catequese. Confesso que na altura não tinha muita preparação porque eu nem sequer tinha terminado a catequese e tanto que eu comecei a dar catequese e só passado três ou quatro anos é que fiz o Crisma mas, foi por necessidade na altura não havia muitas catequistas e era preciso pegar nos grupos e desde daí e me tornei catequista. Fiquei depois com a supervisão dela mas, muito autónoma.

Como é que prepara os encontros de catequese que dinamiza?

Pronto então eu sigo o guia mas tento sempre adaptar aquilo o que o guia propõe ao grupo e também tentando sempre criar um maior dinamismo às catequese. Eu gosto de trazer para a sala da catequese o dia-a-dia, aquilo que eu e as crianças podemos experimentar no dia-a-dia para eles verem que a catequese é uma coisa que está no nosso dia-a-dia mas, sigo bastante as propostas que estão no guia.

E dentro das dinâmicas que faz dentro da sala de catequese com o seu grupo possivelmente utiliza jogos que tipo de estratégias utiliza?

Sim, eu utilizo varias coisas por exemplo as vezes até podemos recorrer a coisas que tenham acontecido na escola não é? Eu pergunto mas, como foi o dia hoje? O que é que aconteceu durante a semana? E trazemos a experiencia deles para depois também tentar ir, ver por exemplo que Jesus também podia viver as mesmas coisas.



Pronto utilizamos o dia-a-dia para tentar identificar com as coisas da catequese. Depois temos jogos, apresentações em PowerPoint, músicas... tento sempre trazer coisas práticas e coisas que eles também façam no dia-a-dia por exemplo eles recorrem muito a internet se calhar também podemos ir buscar coisas a internet, também podemos utilizar revistas fazer recortes portanto tudo aquilo que eles podem experimentar não sou muito de dar teoria ou seja, estarmos aqui a falar, falar e eles apenas estarem a ouvir. Pronto como toda a gente sabe nós aprendemos muito mais aquilo que fazemos do que propriamente aquilo que o outro está a transmitir.

E nas preparações das sessões de catequese que prepara para o seu grupo costuma preparar em conjunto com outras catequistas? Como é que isso funciona?

Nós temos um catequista para cada grupo e aquilo que diz respeito a preparação de cada grupo é só da catequista. Aquilo que nós fazemos é uma proposta, uma dinâmica para o ano inteiro. E essa proposta é comum, o que é que significa para além das nossas catequese, uma vez por mês nos fazemos com o grupo uma catequese para todos e isso esta dentro de uma proposta anual, normalmente essa catequese coincide com o dia da missa das crianças e portanto nesse dia não há catequese individual, todos os grupos trabalham em conjunto e aí sim não é uma catequista só a preparar mas, são as catequistas todas a preparar essa sessão.

Como é que procura envolver os pais na formação cristã que leva a cabo?

Isso é... (risos) é... seria ótimo que os pais participassem mais... pronto então nós tentamos que essa catequese que é de grupo nós, tentamos sempre que os pais participem, às vezes nas lições de catequese e sempre na catequese em grupo. E como é que nos fazemos isso? Nós procuramos fazer em cada uma das missas das crianças entre aspas um tema, então por exemplo no sábado vamos trabalhar o “escutar Deus”, podemos trabalhar um dos membros da nossa família, por exemplo a mãe como é importante nos escutarmos a nossa mãe e a missa desse dia é dedicada a todas as mães e pode ser a outros membros da família por exemplo os avós, pode ser os padrinhos, pode ser... pronto tentamos através das crianças envolver os pais.

E tem tido alguns resultados nesse sentido?

Às vezes só vão aquelas pessoas que eles convidam (risos) mas não faz mal.



As vezes, vem só os avós mas é giro eles trazerem os avós a missa. É giro eles trazerem os padrinhos, eu acho que quando as crianças convidam os pais, os membros da família aderem. Eu lembro-me de uma vez nós fazermos para os irmãos e foi muito giro eles puderem convidar os irmãos mais velhos ou mais novos virem participarem numa celebração pronto...

Depois nos inícios dos anos fazemos uma reunião de pás distribuímos o tal programa e onde realçamos a importância de os pais participarem pelo menos daquela vez e nos notamos que os pais vêem tentamos envolver o senhor padre que vem e fala com os pais... eu acho que isso é muito valido até porque os pais que vêm, as vezes se calhar só vem aquela reunião mas, pelo menos levam para casa o folheto, uma coisa que eles metem no frigorífico onde está lá todas as atividades que vão haver durante o ano pelo menos percebem que a catequese não pode ser da responsabilidade só da catequese que a catequese parte da família. Pronto tentamos fazer alguma reflexão e o ideal era poder fazer mais vezes durante o ano mas, se for assim já é um princípio.

E os pais aderem a essa reunião?

Sim, normalmente vão todos.

Certamente que já frequentou ações de formação dirigidas para catequistas. Eu gostava de saber a sua opinião em relação ao conteúdo, aos métodos das formações para catequistas. Que avaliação faz neste momento das formações que são disponibilizadas para catequistas

Eu já fiz aquela formação inicial de catequistas, algumas formações que a paróquia propôs para os catequistas porque eu acho que também não há assim muita aderência. As vezes até se propõem as coisas e as pessoas não vão. Porque eu também... não sinto que se procure muito. Eu acredito que até haja algumas propostas mas, não vejo as catequistas a procurarem muita formação até vejo por mim. Acho que é pena porque nós podíamos recorrer a outros métodos, fazer... tomar a catequese mais viva, haver disponível outras ferramentas que não fosse aquelas que normalmente estão disponíveis. Por exemplo eu sinto e já fiz catequese preparada por outros sítios. E partilhei com os outros catequistas... e aquilo que eu sinto é que podia-se por exemplo aproveitar coisas que os outros catequistas estão a fazer e partilhar com outros, porque eu acho que os miúdos precisam de coisas completamente diferentes e se não se começa a acompanhar aquilo que as crianças precisam, estamos a ficar desatualizados a catequese tem de ser muito mais



desafiante do que aquilo que é hoje e portanto é preciso estar mais atento, eu não sei se posso dizer mais atento, porque por exemplo, existem os portais da catequese na internet que tem propostas muito interessantes mas, eu não sei até que ponto as pessoas consultam e utilizam esses portais, até porque não é nada obrigatório. Faz parte de cada catequista ir atrás daquilo que existe não é?

Gostaria de frequentar ações de formação para catequistas?

Eu acho que seria fundamental. E vários temas como por exemplo mesmo a parte da pedagogia, mesmo a parte de conhecer o crescimento das crianças, perceber o que as crianças estão recetivas a trabalhar... mesmo na parte mais comportamental também como envolver os pais na catequese, partilhar estratégias umas com as outras... e podemos reforçar a parte teórica. Vou dar um exemplo, há dois anos inscrevi-me para fazer a licenciatura em Ciências Religiosas e tentei fazer, aquilo é puxadíssimo havia imensa coisa que eu pensei como catequista eu sei, mas não (risos), nem imaginas, eu até fiquei assustada com a quantidade de matéria que era preciso saber e eu acho que nós não temos acesso a essa formação, eu acho que nós catequistas é difícil termos tempo para fazer uma licenciatura como é lógico mas, se calhar há determinados conteúdos que poderiam ser trabalhados... sei lá por exemplo só a parte da bíblia, eu tinha uma disciplina para a interpretação e leitura da bíblia só isso é a contextualização das partes, porque é que determinadas coisas aconteceram naquele momento, havia tanta coisa que tive que aprender que como catequista nunca tive portanto eu acho como catequistas ficamos muito pela rama, temos um manual mas é o manual tudo o que está por trás nos nunca chegamos a conhecer se só trabalharmos o manual não é? Portanto eu acho que há muita coisa que devíamos aprender. Agora sendo catequistas voluntários e as pessoas tem as suas coisas não sei até que ponto há tempo, há disponibilidade para se aprender mais. Agora acho que temos uma enorme responsabilidade e as vezes isso que eu tomo consciência é se assumimos essa responsabilidade de dar catequese também temos de ter responsabilidade de estarmos preparados para dar essa catequese. E para fazê-lo da forma eu estiver correta. E cada vez torna-se ainda mais exigente quando queremos envolver os pais porque envolver os pais é muito bonito mas temos de estar preparados para aquilo que partilhamos com eles. Pronto é isso que sinto.



Que tipo de metodologia é que considera importante numa formação dirigida para catequistas?

Eu acho que tem de ser coisas muito práticas, trazer mesmo dinâmicas ou seja, por exemplo trazer mesmo propostas como é que eu dou uma catequese? Trazer várias propostas, os catequistas prepararem uma catequese e mostrarem aos outros como fazem não é? Que tipo de jogos que utilizam, que tipo de histórias é que trazem... como é que podem fazer as tais dinâmicas não é... pronto e mostrar como é que se faz a parte mais do dinamismo da catequese e depois ter algumas ações que nos ajudem a apreender as coisas mais serias, entre aspas porque as outras também são serias. Mas, coisas sobre a bíblia, por exemplo eu sei que uma vez em Sº J. já houve uma formação como trabalhar o antigo testamento, o novo testamento acho que se fazia uma vez todas as sextas feiras. Mas, provavelmente, nós não temos tempo, eu por exemplo muitas das sextas não posso ir a todas. Mas, se calhar fazer algumas sessões e as pessoas puderem ir ou inscreverem em sessões que sentissem que fossem mais importantes. Nós não somos professoras mas, por exemplo como é que se está com crianças, como é que se pode ensinar as crianças, o que é que nos temos de estar atentos para que o grupo por exemplo esteja com atenção. E depois não é tanto para a formação mas que é super importante tem a ver com aquilo que as catequistas podem viver umas com as outras por exemplo rezarem em conjunto, haver sessões para que... isso não é a parte curricular mas é por exemplo tudo aquilo que nos também podemos aprender para sermos depois melhor exemplo. E isso passa por formas diferentes de rezar porque nós precisamos de vivenciar outras coisas para de pois estarmos melhor preparados para trabalharmos com o nosso grupo catequese. Há um outro desafio que é trabalharmos com os adolescentes e jovens, uma coisa é trabalhar com as crianças e outra é trabalharmos com os adolescentes e jovens não é?

Porque eles precisam de ir á catequese, de estar num espaço, numa sala mas também precisam de fazer coisas, coisas práticas. Porque era a forma de agir de Jesus, Ele de vez enquanto juntava o grupo dele e flava com ele, mas fazia imenso, era através daquilo que ele fazia que as pessoas que o seguiam também faziam, também viviam aquela experiência e aprendiam. É também isso que se deve fazer com o grupo dos mais crescidos, adolescentes e jovens, eles precisam de ter essa referência de fazer... pronto então, como é que podemos fazer isto para fora da catequese com os mais crescidos.



Eu sei que o centro de catequese da A. tem uma página no Facebook, quer falar um pouquinho sobre isso? Como surgiu essa ideia, que tipas de dinâmicas são feitas nesse grupo?

O principal foi chegar informação aos pais e a comunidade. O que nós sentimos foi que era importante nós termos um veículo de informação tanto que o grupo é fechado só está no grupo quem nós aceitamos. Mas o principal objetivo foi chegar aos pais e foi dar informação do que se estava a passar na catequese e o que poderia acontecer e então acabamos por ir colocando lá algumas notícias, algumas coisas para reflexão um bocadinho sempre baseado naquela proposta que temos para o ano, aquela sessão que temos todos os mês é uma forma de irmos divulgando, partilhando aquilo que esta a acontecer.

E que resultados tem tido essa estratégia?

Sim, alguns, alguns pais que andam mais no Facebook (risos)... eles não vão lá diretamente só para ver alguma coisa que nos publicamos portanto eu acho que é só mesmo quem já esta habituado a ir ao Facebook. A forma como nos comunicamos com os pais é mesmo através de SMS e ai é muito dizer no próximo sábado vai haver isto... E o que eu acho é que se nós não andarmos muito em cima, dificilmente os pais vem ou estão e então é preciso a enviarmos o SMS pronto é preciso ainda muito isso. O que eu também tenho sentido em relação aos pais se nos dissermos que há uma atividade e levamos os filhos tudo bem se nos dissermos que há uma atividade e que os pais têm de ir com os filhos já aderência não é tão grande. Portanto eu acho que o os pais entregam muito os filhos á catequese mas depois nem sempre estão disponíveis para fazerem a mesma caminhada que os filhos. Pronto então eu acho que nos precisamos de ser aqui muito dinâmicos para também envolver os pais para determinadas coisas portanto isso significa ter também coisas para os pais.

Obrigada pela sua entrevista.



5. Entrevista ao catequista C5

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma insere-se no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização. Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a prática educativa dos catequistas, aspetos referentes à sua formação e obtenção da opinião e sugestões dos catequistas em relação à formação. Importa ainda referir que a confidencialidade das informações ministradas será garantida.

Entrevista

Como é que se tornou catequista?

Foi assim: a minha catequista era a S. e nos tínhamos um grupo muito grande e na altura como é costume havia falta de catequistas. Então quando cheguei ao décimo ano a S. perguntou quem é que estava interessado em ser catequista e pronto na altura fui eu e a M. que chegamos a frente e achamos que era interessante. Começamos por acompanhar a S., entretanto a S. tava grávida e teve a M. não é...

Começamos nós as duas a dar catequese e depois pronto no entretanto frequentamos o curso de catequistas.

Como é que prepara as suas sessões de catequese em relação aos métodos, aos conteúdos, etc.?

Eu tenho um grupo pequeno portanto eu sigo o guia do patriarcado mas, depois aquilo que está no guião nem sempre se aplica ao meu grupo porque eles são poucos ou eu vejo que a dinâmica que lá está não é apropriada para o meu grupo, então eu tento adaptar como posso. Por exemplo, as vezes há histórias contadas e eu tento por exemplo tirar do YouTube ou de outros sítios, outros recursos da internet para tornar mais apelativo, porque eu acho que o guião nem sempre é bom para o tema.

Já falou que usa os meios multimédia, utiliza mais alguma estratégia, jogos, etc.? Que outras dinâmicas utiliza nas suas sessões de catequese?

Sim, nós costumamos fazer trabalhos manuais, por exemplo já fiz com eles bandas desenhadas. Por exemplo, nós vimos um filme sobre Moisés e eu arranjo uns



desenhos e eles tentam fazer uma banda desenhada e escrevem a história por baixo. Isto faz com que eles decorem e percebam melhor a história. Numa sessão vimos o filme e na seguinte fazemos a banda desenhada isso faz com que fique mais na cabeça que eles não se esqueçam.

Como é que envolve os pais na formação cristã que leva a cabo?

É assim ultimamente não tenho feito muito isso, não tenho pedido a nenhum pai para vir dar catequese. Fiz isso no ano da primeira comunhão deles, havia um livrinho na altura, acho que foi o P. N. que deu, e pedi a cada pai para preparar a catequese. Era um livrinho que tinha várias aulas, eu dizia aos pais: olhe hoje é você que prepara a catequese. Claro que eles não preparavam mas, eles vinham e partilhavam a sua experiência.

E isso foi importante para as crianças?

Acho que sim porque permitiu que eles vissem que os pais também passaram por isto, que a catequese tem algum significado para eles. Que não é só virem para aqui ao fim-de-semana e passarem aqui uma horinha.

E os pais? Acha que eles apreenderam alguma coisa e se envolveram mais?

Os meus pais não são muito desligados da Igreja pelo menos os que tenho até a agora. Só uma mãe é que não costuma vir a missa porque os outros costumam vir não é por aí.

Então agora vamos passar a parte da formação, já referiu que frequentou um curso de formação á pouco, querer falar um pouco sobre essa formação?

Só frequentei uma que foi logo ao início e acho que essa formação era mais virada para os primeiros anos de catequese, para crianças mais pequenas e era mesmo tipo uma introdução para quem não sabia nada sobre catequese, tipo tentaram explicar por exemplo aquelas dúvidas que as crianças têm qual era a melhor forma de nós explicarmos certos assuntos, pronto foi interessante. Eu acho que devia haver mais formações bíblicas acho que faz falta.



Então a avaliação que faz desta formação é positiva? E o método, a forma como foi feita a dinâmica da formação, o que é que acha?

Sim foi positiva. Basicamente foi: quem tinha dúvidas expunha as dúvidas e depois discutíamos o tema.

Então agora vamos passar á última questão que já respondeu de certa forma, consideras importante haver formações para catequistas num nível mais local?

Sim, sim esta formação que eu fui foi na paróquia. Sim acho importante porque eu acho que desde dessa formação na paróquia nunca mais houve nenhuma para ai há uns cinco anos. Sim claro que eu acho que é importante.

E que temas é que acha que devia haver nessas formações?

Formação bíblica, um bocadinho mais sobre a liturgia, a missa, a Eucaristia esse assunto é um bocadinho delicado acho que devia haver mais formações sobre isso. E métodos que possamos utilizar na catequese, outras dinâmicas...

Então considera que a dinâmica que foi utilizada na formação que participou é uma boa forma ou considera que pode ser efetuada com outros métodos?

Sim, questões sim ... mas, também acho que podia haver outro tipo de avaliação ou não sei... que nos envolvesse mais por exemplo um trabalho de grupo que nos obrigasse por exemplo a desenvolver uma dinâmica diferente de catequese ou qualquer coisa que nos aproximasse mais sem ser só estar a colocar uma dúvida e ter uma resposta.

Obrigada pela sua disponibilidade.



6. Entrevista ao pároco

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma insere-se no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização: Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a visão do pároco acerca da formação de catequistas e suas expectativas em relação a catequese paroquial.

É de mencionar que a confidencialidade das informações ministradas será garantida. Importa ainda referir que esta entrevista foi realizada por correio eletrónico.

Entrevista

Como se organiza a catequese paroquial?

A CP está dividida em seis centros Catequéticos (S. João; Sta. Susana; S. Miguel de Odrinhas; Assafora; Magoito e Fontanelas). Seguimos os manuais propostos pela Diocese e empenhamo-nos nas iniciativas pastorais que o Departamento da Catequese lança para uma vivência melhor de cada tempo litúrgico. Os responsáveis por cada centro de Catequese reúnem-se trimestralmente com o Prior para definir calendário e programar as várias atividades de cada volume.

Que expectativas têm em relação à catequese na paróquia?

Felizmente a organização da catequese proporciona às crianças uma razoável formação humana e cristã. Evidentemente, ainda há muito a fazer a nível da participação litúrgica e comunitária. Falta ainda uma maior sensibilização da participação ativa tanto das crianças como dos pais na vida diária da comunidade.

Qual a oferta formativa existente para os catequistas?

Para além das ações de formação Diocesana, há, também os encontros formativos promovidos pela Vigararia de Sintra. Pena é que muitos catequistas, alegando falta de tempo, não participem tanto numas como noutras. A nível Paroquial temos desenvolvido os encontros de oração e reflexão com o Prior (Advento e Quaresma).



Como avalia essa oferta formativa?

É de nível bastante bom! São encontros bastante bem preparados, com conteúdo e de uma atualidade enquadrada no tempo e na ação.

Quais as áreas de formação que considera importantes para a formação de um catequista?

Tudo começa com uma boa formação humana e cristã. Mas, parece-me que não é suficiente. O tempo em que vivemos é de uma evolução alucinante o que carece que estes agentes de Educação Cristã façam também uma formação teológica e espiritual de base. Teologia e Espiritualidade parecem-me duas dimensões em falta. Talvez a Escola de Leigos possa ser uma solução viável.

Na sua opinião como deveria ser organizada a formação deste grupo de catequistas?

Como referia no ponto anterior penso que a frequência dos módulos da Escola de Leigos poderia ser um contributo formativo de muito interesse.

Obrigada pela sua disponibilidade.



7. Entrevista ao formador F1

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma insere-se no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização: Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a prática educativa dos catequistas Formador, aspetos relacionados com a sua formação e a com a formação dos catequistas. É ainda objetivo desta entrevista compreender como se organiza as formações existentes para catequistas. É mencionar que a confidencialidade das informações ministradas será garantida. Importa ainda referir que esta entrevista foi realizada por correio eletrónico.

Entrevista

Porque é que se tornou formadora? Quando e onde?

Ser formadora de catequistas veio numa sequência natural de me terem pedido para ajudar outros catequistas a prepararem as sessões e ainda me terem pedido para ser a responsável paroquial e depois também vicarial. Tudo foi acontecendo com naturalidade e sem nunca ter pensado em nada disso fui apenas respondendo aos pedidos de colaboração e como a minha área profissional já estava ligada à formação, sentia-me bem nesses trabalhos. Já lá vão uns anos, pois sou catequista há 40 anos e sempre em formação.

Como é que prepara as formações que dinamiza? (conteúdos, métodos pedagógicos, avaliação, tempos e locais)

Na formação de catequistas está tudo contido nos próprios instrumentos de trabalho que nós temos (manuais e guião do formador). Claro que a minha preparação passa também por toda a formação que vou adquirindo nas diferentes vertentes: Doutrinal (Biblicoteológica), Psicologia, pedagogia e catequética.

Como formador é avaliado em relação a sua prática de que forma?

A avaliação passa muito pelo feedback dos catequistas participantes.



Frequentou alguma formação para se tornar formador?

Tenho frequentado todas as formações que me têm sido proporcionadas por formadores mais antigos e com mais competências nas diferentes áreas e procuro sempre estar em formação contínua.

São convidadas pessoas (catequistas) para frequentarem os cursos organizados quer na Diocese quer a nível nacional.

Como se organiza essa formação de formadores? (conteúdos, métodos e avaliação...)

Parece-me bem organizada e agrada-me que seja muito baseada na prática, para não haver o risco de cair numa formação teórica. Parece-me que está bem organizada.

Que avaliação faz dessa formação (conteúdos, métodos pedagógicos, avaliação, tempos e locais de formação)?

Na minha opinião e pela minha experiência, penso que o mais importante na formação dos catequistas formadores é mesmo a vivência pessoal como cristãos e como catequistas e a aquisição sistemática e contínua de conhecimentos nas diferentes vertentes da formação. Para Evangelizar é preciso ser primeiro evangelizado. Ninguém pode ser formador de catequistas se não sentir essa vocação bem viva dentro de si mesmo e não sentir o fogo da evangelização que nos leva a dizer como S. Paulo: Ai de mim se não evangelizar". Para ser formador de catequistas é preciso sentir-se catequista de corpo inteiro e sê-lo na prática.

Tendo em conta a sua experiência como catequista e formadora, qual a melhor forma para se organizar uma formação dirigida a catequistas= (quanto aos métodos pedagógicos, conteúdos, espaços, tempos e locais)

A formação de catequistas não está uniformizada nas diferentes dioceses do nosso país. Ainda agora participei num encontro de formadores e pude constatar modelos diferentes do que temos na nossa diocese e que parecem interessantes mas não aplicáveis cá.

Na nossa diocese chegou-se a um modelo por módulos que parece ser o que melhor se adapta à nossa realidade.



Propomos que comecem pelo curso de iniciação e depois oferecemos um percurso em módulos com conteúdos de Doutrina, psicologia, pedagogia e catequética. Os conteúdos procuram preencher algumas lacunas que possam existir e ajudar a que possam procurar continuar e aprofundar a formação.

Procuramos que o método siga os passos de uma sessão de catequese para que seja uma formação teórico-prática.

Os tempos e locais deixamos a critério de cada vigararia e procuramos adaptarmo-nos às necessidades e possibilidades de cada comunidade.

Obrigada pela sua disponibilidade.



8. Entrevista ao formador F2

A entrevista que se segue é essencial para a aferição de alguns conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto de formação dirigida a catequistas. A mesma insere-se no desenvolvimento de um trabalho de projeto no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização: Educação de adultos e tem como objetivo principal recolher informações relacionadas com a prática educativa dos catequistas Formador, aspetos relacionados com a sua formação e a com a formação dos catequistas. É ainda objetivo desta entrevista compreender como se organiza as formações existentes para catequistas. É mencionar que a confidencialidade das informações ministradas será garantida. Importa ainda referir que esta entrevista foi realizada por correio eletrónico.

Entrevista

Porque é que se tornou formadora? Quando e onde?

Sempre senti que ser catequista é uma das missões mais importantes no seio da igreja, pois considero a catequese como um dos principais pilares da Igreja católica. Para além da responsabilidade que é de transmitir uma palavra que não é a nossa, o catequista tem que se fazer um instrumento, nas mãos de Deus, para fazer chegar essa palavra tão importante aos mais novos.

Para isso é preciso ter algum conhecimento e formação para podermos perceber como o transmitir, e o que transmitir. Apesar de saber muito pouco, achei que o pouco que sabia, poderia ajudar outros catequistas.

Foi daí que pensei que a minha contribuição seria muito importante, para ajudar outros cristãos a serem catequistas. Surgiu então a oportunidade de poder participar num curso de formador de catequistas, que teve lugar em Lisboa e teve uma duração de um ano, organizado pelo Secretariado Diocesano da Catequese, onde tive o privilégio de poder ter formação em diversos módulos com a Dra. Teresa Messias, a meu ver, uma excelente formadora, não só na forma como nos ajudou a perceber melhor a nossa missão, não só de catequistas, como também de futuros formadores.

Como é que prepara as formações que dinamiza?

As formações têm essencialmente um período de duração de 16H00 e são preparadas em grupo, com os outros formadores da Vigararia de Sintra, estes são propostos, nas



reuniões de responsáveis de catequistas de cada Paróquia. Os temas são trabalhados em conjunto, em que cada um coloca a sua experiência e a sua formação pessoal, cada formador fica responsável por apresentar e desenvolver um módulo, apesar de haver sempre o apoio e a colaboração dos outros elementos.

A formação inicial de catequistas geralmente é dada na Paróquia que solicita a formação, ou então na Paróquia que tem mais catequistas inscritos, os formadores deslocam-se a essas Paróquias.

Nestas formações achamos sempre útil a presença e o apoio de um psicólogo essencialmente no módulo onde se aborda o conhecimento da criança, uma vez que achamos importante também os catequistas terem um pouco de formação na área da psicologia da criança, no intuito de dar a conhecer e de alertar também os catequistas para ajudar as crianças, não só na área espiritual como também ajudar a criança na sua vida concreta do dia-a-dia. Neste momento a igreja tem que estar preparada para dar respostas às crianças que estão a passar por séries dificuldades no seu crescimento devido à destruturação das famílias, muitas delas têm tantos pais que não conseguem ter a referência de um pai concreto ou de uma mãe, porque a família neste momento deixou de ser o “berço” da FÉ Cristã, neste momento, a catequese tem um papel muito importante na formação interior da criança, e aqui o catequista não pode simplesmente “ditar palavras” tem que viver essas palavras, para conseguir transformar o coração destas crianças e jovens

Em algumas formações, temos também pedido apoio a alguns padres e diáconos, consoante a disponibilidade de cada um, para que possam abordar, essencialmente nestas formações, o tema: “Que anúncio faz hoje a igreja da Palavra de Deus”, uma vez que consideramos serem pessoas com uma formação muito superior à nossa, nessa área, e achamos importante possibilitar aos catequista um olhar mais profundo sobre a Palavra de Deus, sendo esta palavra aquela que os catequistas vão transmitir às crianças e jovens.

Como formador é avaliado em relação a sua prática de que forma?

Penso que não há melhores avaliadores do que aqueles que recebem a formação, e efetivamente são os formandos que nos avaliam, em várias vertentes por escrito, e essa avaliação é enviada para o Secretariado Diocesano da Catequese, que por sua vez dá conhecimento e a discute com os Párocos.



Frequentou alguma formação para se tornar formador?

Sim como já disse anteriormente, frequentei uma formação ministrada por alguns membros que constituem o Secretariado Diocesano da Catequese, com duração de um ano, que achei efetivamente importante, não só pelo teor da formação, como também pela maneira como foi ministrada.

Como se organiza a formação de formadores?

Esta formação foi ministrada por alguns elementos do Secretariado como disse anteriormente, cada um desenvolvendo o tema da sua área específica, os temas que foram apresentados, foram essencialmente os que são ministrados nas formações dos cursos de iniciação, mas nesta formação, estes, foram apresentados e estudados de uma forma muito mais profunda. As avaliações eram sempre feitas mensalmente em que tínhamos que apresentar um trabalho sobre o tema apresentado e era corrigido e era-lhe atribuído uma classificação.

Que avaliação faz dessa formação?

Esta formação foi bastante importante, porque me ajudou a ter mais conhecimentos em algumas matérias, conhecimentos esses que me ajudaram a estar mais bem preparada para poder ajudar os catequistas, que procuram esta formação. Claro que esta formação, apesar de ter sido importante, não foi suficiente para começarmos a dar formação, foi necessário um trabalho pessoal, feito em casa, de pesquisa de reflexão para aprofundar tudo o que foi transmitido nessa formação.

Na sua opinião como é que acha que se deve organizar a formação de catequistas?

Antes de mais devo dizer que primeiramente devemos fazer perceber aos catequistas da importância e da responsabilidade que é ser catequista, levá-los a perceber que a responsabilidade de existir ou não cristãos é dos catequistas e não dos padres ou freiras, como temos muitas vezes isso em mente, pois o catequista é antes de mais o pilar da igreja, pois é ele que está mais perto das crianças e jovens e é ele que tem que tem a possibilidade de “trabalhar” o coração das crianças e tem a responsabilidade de lhes dar a conhecer este magnífico Homem que é Jesus.

Fazer perceber aos catequistas que ser catequista não dura apenas 1 hora por semana, mas que ser catequista é sê-lo 24 horas, sobre 24 horas, ou seja sempre, em



todo o lugar, uma vez que é importante não dar catequese só com as palavras, mas sim com a vida. S. Paulo diz numa das suas cartas que nos primeiros tempos da Igreja as pessoas aderiam ao cristianismo pelo imenso amor que sentiam que existia entre os primeiros cristãos. “Vede como eles se amam”, infelizmente neste momento existe a necessidade de fazer entender aos catequistas, que só se é um verdadeiro catequista quando vivemos o que ensinamos, quando mostramos, na nossa própria vida o efeito do amor de Deus em nós, vivemos neste momento uma imensa crise de fé, como S. Tomé, as nossas crianças e jovens, só acreditam não naquilo que se lhe diz, mas sim naquilo que vêem.

O catequista que pretende ser catequista não pode pensar que dá só catequese às crianças e Jovens, mas tem que estar preparado também para, acolher e ajudar os pais. Neste momento sou capaz de dizer que os pais são os mais necessitados de catequese, do que propriamente as crianças, uma vez que a vida que cada um leva, de stress, desarmonia consigo mesmo, desarmonia com os outros, uma falta de esperança e uma falta de fé imensa. Com isto quero dizer que a formação de catequistas tem que preparar também os novos catequistas, para poderem responder também às necessidades das famílias, preparar também os catequistas para lidar com uma realidade, que já é tão frequente neste momento, que é a de crianças e jovens de pais separados.

Relativamente à organização destas formações, penso que antes de mais devemos saber, em traços gerais, que grupo está inscrito e que características têm para podermos ir ao encontro dos catequistas, claro que isso não é fácil! Porque muitas vezes não temos conhecimento de quem está inscrito, só no dia é que temos um pouco o conhecimento do grupo que iremos ter durante aquela formação. Em relação ao tempo de formação penso que em 16 horas, ninguém consegue sair formado de nada, só consegue ter alguns conceitos sobre o que é ser catequista, do que é a catequese, para quem se dá a catequese, dar a conhecer algumas formas de dar catequese, tudo muito no geral, uma vez que o tempo é curto. Se me perguntarem se deve aumentar o tempo de formação presencial, eu direi que será um pouco difícil, uma vez que os catequistas, sentem também alguma dificuldade em se deslocar durante uma série de noites e fins-de-semana, uma vez que a família é um ponto importante nas suas vidas, mas penso que seria ideal aumentando o tempo de formação, com algumas sessões presenciais e outras sessões, utilizando uma plataforma informática, que ligaria o formador e todos os formados entre si, onde também poderiam enviar os trabalhos, colocar questões. Seria uma maneira de poder



ter um leque de formandos muito maior, e talvez esta formação fosse dada de uma maneira mais profunda e com mais resultados.

Esta formação de catequistas, sendo a de iniciação, deveria ter também um ponto onde o catequista pudesse refletir e perceber a razão que o levou a ser catequista, um tempo que o levasse a responder a uma pergunta concreta. Porquê é que quis catequista? Porque estou a fazer esta formação?

Se o catequista chegar à conclusão que é catequista porque apenas gosta muito de crianças, então será bom repensar o que anda a fazer porque o catequista, para além de gostar de crianças e jovens, o coração tem que “arder”, tem que estar cheio do imenso amor de Deus e da maravilhosa palavra de Deus.

Não resisto em ler uma pequena carta que foi escrita por um catequizando à sua catequista, e que todos os catequistas deveriam lê-la, porque esta faz-nos pensar e refletir, se efetivamente estamos a ser professores de doutrina cristã ou se estamos a ser raios de luz que ilumina, orienta e conduz as crianças e jovens até Jesus.

Obrigada pela sua disponibilidade.



9. Folheto informativo sobre a formação geral

FORMAÇÃO FUNDAMENTAL

Destina-se a catequistas que já tenham o Curso de Iniciação e estejam a exercer actividade catequética.

Objectivos:

Aprofundar a formação inicial e proporcionar aos catequistas uma preparação geral para o exercício do seu ministério.

Ajudar os catequistas no seguimento mais empenhado de Jesus Cristo e no compromisso mais esclarecido com a Igreja.

Formação Teórica

1º ANO

- * Doutrina
- * Psicologia
- * Pedagogia

2º ANO

- * Doutrina
- * Catequética

4. Função catequética da família
5. A pedagogia catecumenal

❑ Curso Geral Módulo I Doutrina no Turcifal

Local: Centro Diocesano de Espiritualidade do Turcifal

Datas: 12, 19 e 26 de janeiro de 2013

Horário: 9h30 às 17h30

❑ Curso Geral Módulo I Doutrina em Sintra

Local: Paróquia de Santa Maria e São Miguel de Sintra

Datas: 12, 19 e 26 de janeiro de 2013

Horário: 9h30 às 17h30

- Inscrição 8 € (não inclui almoço).
- Deverá fazer a sua inscrição no Departamento da Catequese, por e-mail, fax, ou telefone.

Formação Teórica:

Conteúdos:

1º ANO

MÓDULO I - Doutrina

Doutrina

- I - A Aliança de Deus com a humanidade
 1. História da Salvação
 2. O mistério de Jesus Cristo
 3. Jesus revela-nos um Deus - Comunhão (A Santíssima Trindade)
- II - A Profissão de Fé dos Cristãos
 1. O tempo do Espírito
 2. O mistério da Igreja

MÓDULO II - Psicopedagogia

Psicologia

1. O dom da vida: especificidade do ser humano
2. A criança dos 0-3 anos e dos 3-7 anos
3. A criança dos 7-9 anos e dos 9-11 anos
4. Pré-adolescência e adolescência
5. Reflexões sobre educação da sexualidade

Pedagogia

- O número de participantes não poderá exceder os 50.

1. A catequese ao serviço do diálogo entre Deus e a criança
2. O grupo de catequese
3. Uma catequese audiovisual
4. Uma catequese activa
5. Actividades em catequese

2º ANO

MÓDULO III - Doutrina

Doutrina

- III - Celebração da Fé
 1. Sagrada Liturgia
 2. Os Sacramentos
 3. A Oração da Igreja
- IV - A Vida Cristã
 1. O Projecto de Deus
 2. A Lei da Aliança
 3. Seguimento de Cristo

MÓDULO IV - Catequética

Catequética

1. Lugar da catequese na pastoral da Igreja
2. A responsabilidade da catequese pertence a toda a comunidade
3. Fidelidade a Deus e ao Homem - O Processo de Catequese dos 6 aos 16 anos



Departamento da Catequese de Lisboa

FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

CURSO GERAL

Patriarcado de Lisboa
Departamento da Catequese
Mosteiro São Vicente de Fora - Campo Santa Clara
1100-472 LISBOA
Telef. 21 881 05 33 Fax 21 881 05 29
catequese@patriarcado-lisboa.pt

MATERIAL NECESSÁRIO

Curso Geral por Módulos

- Bíblia
- Livros, Fichas de Trabalho ou apontamentos (a adquirir no local do curso)
- Directório Geral de Catequese
- Guia do catequista e Catecismo (cada um leva aqueles com que trabalha)



10. Notas de campo I

Data: 12 de Janeiro de 2013

Local: Paróquia de São Miguel e Santa Maria de Sintra

Horário: 9:30 às 17h

No dia 12 de Janeiro iniciou-se o curso de formação geral para catequistas, Modulo I Doutrina na paróquia de São Miguel e Santa Maria de Sintra.

Pelas 9:30 minutos começaram a chegar os participantes do curso e a formadora.

O acolhimento e as sessões de formação tiveram lugar no salão paroquial da paróquia de Sintra.

À medida que os participantes iam chegando a formadora ia identificando na lista de inscritos que tinha e entregava uma ficha de inscrição e um manual para o curso. O valor da inscrição e do manual é de 8 euros por pessoa.

Após a chegada de todos os participantes inscritos o formador iniciou a sessão de formação com uma breve apresentação e solicitou aos participantes que se apresentassem dizendo a quanto tempo davam catequese; de que paróquia vinham; se já tinham frequentado alguma formação dirigida a catequistas.

É de referir que da parte da manha estavam 9 pessoas, sendo 8 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Estes catequistas eram oriundos 3 da paróquia de São João das Lampas, 1 da Paróquia de Colares, 1 da Paróquia de Cascais e os restantes pertenciam á unidade pastoral de Sintra (é um conjunto de 3 paróquias). Importa ainda referir que embora um dos requisitos para poder participar no curso era já ter frequentando o curso de iniciação de catequistas existe um elemento que ainda não tinha frequentado esse curso.

Após apresentação dos participantes seguiu-se a apresentação do curso nomeadamente do módulo I. Para este momento a formadora recorreu a uma apresentação em *PowerPoint* e para isso utilizou um computador e o material de reprodução.

O curso sofreu alterações no que diz respeito á sua organização não estando organizado como se apresenta no folheto informativo do mesmo (Anexo B6). Assim sendo este curso estava organizado em dois anos tendo em cada ano a duração de seis sábados seguidos. O departamento de catequese do Patriarcado de Lisboa verificou que havia dificuldades e pouca participação devido extensão do curso



optando este ano por efetuar num primeiro momento o Modulo I que se desenvolverá em três sábados. Haverá o Modulo II caso os participantes estejam interessados. No final do primeiro módulo os participantes terão de realizar um exame a fim de obter um certificado de participação. É ainda de referir que existe uma folha de presença que tem de ser assinada em cada dia de formação de manhã e à tarde para efeitos de contagem da carga horária, uma vez que é considerado como um fator importante para efeitos de certificação.

A formadora dividiu os participantes em três grupos de três, depois referiu para termos atenção ao que ela fazia no decorrer do curso pois ia dar exemplos como se podia dinamizar uma sessão de catequese. Disse ainda que os grupos que se tinham formado se mantinham durante toda a formação.

Depois de apresentar o curso e ter explicado a sua organização pediu aos participantes para abrir o manual na página 17 para começarmos com uma oração. Antes de iniciar a oração acendeu uma vela e chamou a atenção mais uma vez para termos em atenção pois iria dinamizar a sessão de acordo como se fosse um encontro de catequese.

A oração foi feita em grupo, cada pessoa lia uma frase e depois todos respondíamos.

A seguir a oração o formador mencionou que íamos iniciar a parte I “A Aliança de Deus com a Humanidade” sendo o tema 1 “A história da Salvação”. E iniciamos com o subtema A “O que é a Bíblia”. Para isso solicitou para nos juntarmos em grupos e respondermos as perguntas da página 24. Antes de nos reunirmos em grupos a formadora fez questão de ler as perguntas que tínhamos de responder. Para a realização da ficha de trabalho 1 que está relacionada com a experiência humana foi dado aos grupos cerca de 40 minutos (das 10:20min às 11horas). Pediu aos grupos para nomearem um porta-voz para depois apresentar as respostas de cada grupo ao grande grupo.

Os grupos dividiram-se pelos diversos espaços e estiveram a responder as questões indo buscar exemplos das suas experiências. Visto ser um pouco isso que se pretendia com as questões que foram colocadas.

Às 11 horas estavam todos os participantes no salão e o formador solicitou a cada grupo para dar a resposta a primeira questão. À medida que os grupos iam respondendo a formadora ia escrevendo as respostas num quadro. Depois quando todas as respostas foram apresentadas foi ver ao seu guião as respostas que lá tinha e acrescentou as que faltavam. Fez o mesmo com as restantes questões, no fim disse



ao grupo para abrir o manual na página 29 pois nessa página apresenta-se uma síntese do subtema e ainda disse para depois em casa lermos os anexos que eram muito importantes para o exame.

Os participantes limitavam-se a responder as questões que a formadora colocava sem fazerem grandes comentários e mantinham-se em silêncio. Notava-se que em pequenos grupos havia uma maior interação.

Às 11:30 solicitou novamente aos grupos para se reunirem e lerem os textos e responderem as questões que estavam na página 25 e 26 do manual que diz respeito a “A palavra de Deus com experiência humana” para este trabalho foi-nos dado cerca de trinta minutos.

Ao meio dia voltámos a reunir em grupo e a expor as respostas que cada grupo tinha elaborado para cada questão. Novamente a formadora ia intervindo no sentido de acrescentar mais algum elemento às respostas e sempre tendo como seu suporte o guião do formador. Referindo que para dar este curso teve de o fazer como formanda.

Mais uma vez o formador disse para irmos a página 29 e pediu para uma pessoa ler a síntese que lá se encontra sobre o subtema A. Referiu novamente para lermos os seis anexos que se referem a este tema com o intuito de aprofundar mais os temas trabalhados nas sessões.

Questionou o grupo sobre o tempo que necessitava para o almoço se concordava ser até às 14 horas, uma hora para almoçar. Um dos participantes que conhece as instalações deu a sugestão de o grupo ir para uma sala mais pequena pois o salão é muito grande e tornava-se desagradável. A formadora e o restante grupo concordou e da parte da tarde o encontro foi numa sala do andar de cima.

Às 14 horas o grupo reuniu-se tal como combinado numa sala que normalmente é sala de catequese e na qual existe duas mesas redondas, diversas cadeiras, placares com trabalhos das crianças e ainda um armário com material de escritório e afins. Nessa sala foi montado o retroprojektor e o computador novamente. Quando entramos na sala uma das mesas tinha algumas folhas e a formadora estava a colocar uma barra cronologia numa das paredes da sala.

Da parte da tarde estava um elemento novo e faltaram duas pessoas que estavam da parte da manhã por isso estiverem presentes 8 formandos e a formadora. Esta solicitou que todos assinassem a folha de presenças. Depois pediu para abrirmos o manual na página 27 e atribuiu um texto a cada participante como e havia 7 textos e



éramos 8 participantes houve um grupo de dois elementos. A atividade chamava-se Jogo bíblico e foi pedido as pessoas para completarem o texto com o nome que faltava e identificarem o nome do livro e a passagem bíblica a que pertencia esse texto.

Posteriormente cada pessoa leu o seu texto e disse qual a passagem bíblica a que correspondia. Houve pessoas que não conseguiram identificar o livro bíblico e a formadora ajudou-as dizendo-lhe a passagem bíblica. Conforme cada pessoa ia expondo a personagem que lhe tinha calhado e a passagem bíblica, era pedindo para ir a mesa onde estavam a folha e procurar a imagem referente a personagem e o século que correspondia. Depois ia a outra mesa onde a formadora estava sentada buscar *post-it* para colocar na barra cronológica que estava afixada na parede.

No final estava representada toda a história da Salvação na barra cronológica e a formadora fez duas ou três observações relacionadas com a temática.

Os participantes neste momento interagiam entre si ajudando se mutuamente a descobrir as imagens e datas referentes a cada personagem.

Disse ainda que em cada subtema íamos encontrar questões para auto-avaliação e das quatro perguntas deste subtema no exame ia sair ou a questão numero 2 ou a 4. Explicou ainda que o exame iria ter cinco questões, seria realizado num dia a marcar havíamos de combinar em grupo e demoraria cerca de duas horas. Para o exame podemos levar todos os livros que quisermos. Os anexos encontram-se da página 30 a 42.

Por volta das 15 horas iniciamos o subtema B “Mistério de Jesus, a Encarnação”, para a concretização da ficha de trabalho 2 (página 44 e 45) o formador pediu para que alguém lesse o texto em voz alta para o grande grupo. De seguida leu as questões dessa ficha para que todos as compreendessem e disse para nos juntarmos em duplas para respondermos a primeira questão em conjunto. Depois as duas questões seguintes as respostas eram individuais e tivemos de escrever numa folha que depois entregamos ao formador. O formador referiu que essas folhas seriam utilizadas no último dia aquando da celebração que íamos fazer.

Para esta tarefa o grupo manteve-se todo na sala e demorou cerca de vinte minutos a concluir a tarefa toda. A formadora recolheu os papéis com as respostas individuais e pediu para levarem os papéis para os elementos que estavam a faltar. Mais uma vez chamou a atenção para quem ainda não tinha assinado a folha de presença.



Eram cerca das 16 horas quando iniciamos a atividade seguinte “A palavra de Deus como experiência humana” que se encontra na página 46 e 47. Para este exercício solicitou ao grupo para voltarem aos grupos da manhã e o novo elemento escolhia um grupo para se integrar. Assim sendo faltando dois elementos passaram a existir dois grupos de dois elementos e um de três elementos. Houve um grupo que ficou na sala, neste caso em concreto foi o grupo a qual pertencia e o qual tinha três elementos.

O formador manteve-se na sala, ficou a arrumar o material utilizado na atividade anterior e a ver o seu material. Por volta das 16:30 min. Os restantes grupos voltaram a sala para a partilha e discussão do tema.

Como tem vindo sido habito a formadora chama a atenção para a síntese do subtema que se encontra na página 49.

Para concluir o dia de formação fizemos uma oração coletiva que se encontra referida na página 46 e 47. Disse ainda que as questões possíveis de sair no exame seriam a questão 1 ou 2.

O primeiro dia terminou pelas 17 horas e ficou combinado que no próximo sábado dia 19 de Janeiro a sessão começaria as 9 horas e terminaria pelas 17horas.



11. Notas de campo II

Data: 26 de Janeiro de 2013

Local: Paróquia de São Miguel e Santa Maria de Sintra

Horário: 9:30 às 17h

Após a sessão do dia 19 de Janeiro ter sido cancelada devido as condições meteorológicas, no dia 26 de Janeiro deu-se continuidade as sessões de formação. O início dos trabalhos estava programado para às nove horas contudo as instalações não estavam abertas nesse horário. Posto isto, foi necessário contatar os elementos do grupo responsáveis pelas chaves e o pároco.

O grupo de participantes ficou a espera durante cerca de 40 minutos até que viessem abrir a porta. Quando chegou uma formanda com as chaves encaminharam o grupo para o segundo andar onde existe uma sala de catequistas, uma sala de reuniões usada usualmente para atividades do grupo de jovens e outra sala de reuniões. Para esta formação ocupou-se a sala que é utilizada pelos jovens. Nessa sala existem diversas cadeiras e duas mesas, material de escritório, uma cafeteira para aquecer água, pacotes de chá e bolachas que foram colocadas a disposição dos participantes.

Depois de nos instalarmos, a formadora solicitou a todos os formandos para verificarem se tinham preenchido a ficha de inscrição na sua totalidade e tratou de questões de logística. Entretanto a formadora colocou numa das mesas um leitoril com uma bíblia aberta e acendeu uma vela.

Após a conclusão dos assuntos de cariz mais logísticos, a formadora pediu ao grupo para abrir o livro na página 17 para efetuarmos a oração. A seguir a formadora fez uma síntese dos temas abordados na sessão anterior e dizendo que íamos passar ao subtema 3, “A revelação de Jesus”, solicitou ao grupo para abrirem o manual na página 70 afirmando que íamos começar pela expressão humana e que na ficha de trabalho existia três textos dividiu um texto por grupo e leu duas questões que em grupo os participantes tinham de responder. Questionou se não era possível colocar o computador para passar umas imagens na parede e pediu também a barra cronológica que tinha deixado na sala de catequese onde tínhamos estado na sessão anterior. Os grupos de trabalho dividiram-se pelas salas (sala de catequistas a sala do grupo de jovens e pela outra sala) para concretizarem o trabalho tiveram cerca de 30 minutos.

Às 10h30m os grupos voltaram-se a encontrar para o plenário. A formadora pediu a cada grupo para ler o respetivo texto. Depois das leituras cada grupo foi respondendo



as questões e a formadora fez um apanhado das respostas e quando necessário acrescentava alguns elementos. Para concluir o plenário a formadora lançou uma questão aos participantes para refletirem durante cinco minutos e caso quisessem podiam partilhar a sua resposta. Importa referir que nenhum participante quis expor a sua resposta e a formadora fez uma partilha. Depois disse que íamos passar á parte da expressão de fé para isso voltamos a reunir em pequenos grupos durante 30 minutos e depois ao meio dia voltamos a reunir em grande grupo.

Ao meio dia o grupo reuniu-se novamente para partilhar as respostas e conclusões a que cada grupo chegou. Neste plenário foram levantadas por parte de alguns participantes algumas dúvidas e questões que levaram a uma discussão mais profunda do tema em estudo. O plenário foi concluído pelas 13h30m, hora em que fomos almoçar.

É de referir que da parte da manha estiveram presentes nove elementos, os mesmos que na sessão anterior, embora um dos elementos na parte inicial da manha esteve durante alguns momentos ausente.

Pelas 14h:30m deu-se início sessão da tarde, nesta parte estavam presentes apenas oito elementos. Neste momento foi agendada o próximo dia de formação para o dia 16 de Fevereiro e o exame marcado para o dia 23 de Fevereiro pelas nove horas.

Para concluir o subtema 3, o formador fez uma síntese do que tinha sido falado na parte da manha e reportou o grupo para a síntese da página 75, depois disse quais eram as questões que iam ser no exame referentes a este tema.

Convidou os participantes a reunirem em pequenos grupos a lerem um poema da página 86 e depois responderem as questões da página 87 para às 15h30m nos reunirmos em grande grupo. Desta forma deu-se início ao subtema 4, redenção e a ficha de trabalho do mesmo.

À hora marcada o grupo reuniu-se em plenário fez novamente a partilha e pelas 16h15m voltou aos grupos pequenos para concretizar a leitura de textos e responder a questões referentes a expressão de fé.

Às 16h45m o grupo voltou a reunir-se em plenário para concluir os trabalhos, houve de novo a partilha e terminou-se o encontro com uma oração.



12. Notas de campo III

Data: 16 de Fevereiro de 2013

Local: Paróquia de São Miguel e Santa Maria de Sintra

Horário: 9h às 17h

Tal como estava combinado a última sessão do Módulo I do curso de formação geral de catequistas decorreu no dia 16 de Fevereiro entre as 9h e às 17h.

A sessão de formação decorreu no mesmo local da sessão anterior, na sala do grupo de jovens.

Neste dia faltou um elemento por isso o grupo de participantes passou a ser de oito elementos apesar de um desses elementos chegar atrasado.

Às nove horas a formadora estava na sala a acolher os catequistas formandos que iam chegando. Por volta das 9h15m já estavam presentes maior parte dos participantes e colocou-se a questão da data do exame pois a data marcada na semana passada não era possível para alguns dos formados. Assim sendo, o dia do exame alterou-se para o dia 2 de Março pelas 9h no mesmo local.

De seguida a formadora informou que íamos começar a sessão com uma oração que estava no manual na pág. 13. Após esse momento foi efetuado por parte do formador uma breve síntese do programa do módulo e indicado que iríamos começar um novo tema, o tema da Profissão de Fé.

Posto isto solicitou que abrissemos os manuais nas páginas 103 e 104 e pediu para nos reunirmos nos grupos de trabalho para lermos os textos e respondermos a questão.

Como de costume foi dado cerca de 30 minutos para se concretizar esse trabalho, por volta das 10h30m voltamos a reunir e a partilhar as respostas.

Depois da partilha de todos os grupos (3) e da síntese da formadora, foi-nos pedido para realizarmos a leitura da página 105 e respondermos á questão. Para esta atividade a formadora deu-nos cerca de 40 minutos dizendo para nos reunirmos novamente as 11h30m em grande grupo.

Alguns grupos concluíram a atividade mais cedo do que o tempo combinado e aproveitaram para ir ao café da Igreja.



Às 11h35m, os grupos reuniram em grande grupo e estiveram em partilha e discussão de ideias até a hora de almoço 13 horas.

Nesta partilha a formadora chamou-nos a atenção para uma formação á distância promovida pelo patriarcado, a qual funciona por módulos e pode ser realizada em grupo ou individualmente. Só temos de pedir o caderno referente ao módulo pagar cerca de 5 euros, juntamente com o caderno vem um exame para ser respondido e depois enviado para o patriarcado para ser corrigido. Depois da correção o exame é enviado com um novo caderno correspondente ao módulo seguinte.

Combinou-se que às 14 horas retomáramos a formação e assim foi. A parte da tarde foi iniciada com uma síntese do tema 5 que foi trabalhado da parte de manhã e prosseguiu-se com o último tema do módulo, o tema 6.

A formadora solicitou novamente para nos reunirmos em pequeno grupo e respondermos as questões da página 118 com base na leitura de 3 textos distribuídos aleatoriamente pelos grupos. Pediu que nos reuníssemos por volta das 15 horas para a partilha e reflexão em grande grupo.

Após essa reflexão em grande grupo, voltamos aos pequenos grupos para discutirmos e respondermos a ficha 6.2 e de novo tivemos cerca de 20 minutos para responder as questões.

Pelas 16 horas, encontramos-mos na sala do grupo de jovens para o plenário. Após a apresentação oral das respostas de todos os grupos a formadora fez uma síntese do tema. Indicou quais as respostas possíveis de sair no exame e concluímos a formação com uma oração.

O exame ficou agendado para o dia 2 de Março pelas 9 horas no mesmo local.





Anexo C – Análise dos dados recolhidos

O anexo C contém as análises às entrevistas realizadas, bem como às notas de campo, e encontra-se dividido da seguinte forma:

- Análise das entrevistas aos catequistas
- Análise da entrevista ao Pároco
- Análise das entrevistas aos formadores
- Análise das notas de campo



1. Análise das entrevistas aos catequistas

1.1 Bloco temático: Prática educativa dos catequistas

Categoria: Ser catequista

Motivos para ser catequista	
C1	<p>“...vem do facto de ter sido catequizando, de ter recebido alguma formação nesse sentido e vem também do facto de ter estado no seminário...”</p> <p>“...vi-me oferecer a quem estava a frente para ajudar e partilhar todo o conhecimento.”</p>
C2	<p>“...eu estava na catequese e não havia grupo e as irmãs na altura começaram a desmembrar as pessoas para auxiliares de catequese.”</p>
C3	<p>“...por falta de catequistas, comecei a dar catequese com outra catequista e depois acabei por ir ficando por levar os grupo...”</p>
C4	<p>“...foi porque a minha catequista me convidou a dar catequese. Porque na A. não havia muitas catequistas e então era preciso dar catequese.”</p>
C5	<p>“...na altura como é costume havia falta de catequistas (...) quando cheguei ao décimo ano a S. perguntou quem é que estava interessado em ser catequista (...) na altura fui eu e a M. que chegamos a frente e achamos que era interessante.”</p>

Tabela 20 Prática educativa dos catequistas – Ser catequista: Motivos para ser catequista

Momento em que se tornaram catequistas	
C1	—
C2	<p>“...eu tinha mais ou menos uns 15/16 anos...”</p>
C3	<p>“Olha eu tornei-me catequista quando estava na catequese, tinha uns 16/17 anos...”</p>
C4	<p>“Então eu comecei a dar catequese devia ter aí uns 15 anos...”</p>



C5	<i>“...quando cheguei ao décimo ano a S. perguntou quem é que estava interessado em ser catequista...”</i>
----	--

Tabela 21 Prática educativa dos catequistas – Ser catequista: Momento em que se tornaram catequistas

Categoria: Sessões da catequese

Conteúdos	
C1	<p><i>“...através do saber adquirido e nunca me baseei muito nos livros...”</i></p> <p><i>“É claro que me baseio na bíblia, é claro que me baseio na vida de Jesus, é claro que olho para o esquema que está no catecismo...”</i></p>
C2	<p><i>“...tenho sempre como base, o guia e o catecismo (...) muitas vezes vou buscar uma lição mais a frente ou atrás (...) pego no catecismo, no guia, estudo as lições...”</i></p> <p><i>“...há muitos temas que são mesmo de acordo com a vida social, vida familiar, com o trabalho.”</i></p>
C3	<i>“...utilizo sempre o guia (...) os guiões dizem muito mas, acabam na realidade por não dizer assim tanto ...”</i>
C4	<i>“...eu sigo o guia...”</i>
C5	<i>“...eu sigo o guia do patriarcado (...) o guião nem sempre é bom para o tema.”</i>

Tabela 22 Prática educativa dos catequistas – Sessões da catequese: Conteúdos

Métodos pedagógicos	
C1	<i>“...gosto de transmitir espontaneamente (...) gosto de dinamizar espontaneamente (...) ir buscar coisas do dia-a-dia (...) os jogos de grupo (...) músicas com as violas (...) fazer teatros espontâneos (...) vamos visitar o ano a seguir ou anterior e partilhamos qualquer coisa.”</i>

C2	<p><i>“Tem de se fazer pesquisa e construir PowerPoint, ou é teatros, poemas”</i></p> <p><i>“...tento enquadrar sempre a vida espiritual na vida diária, utilizo bastante a bíblia (...) com imagens, ou com o material didático multimédia (...) textos em que tem de trabalhar...”</i></p> <p><i>“Jogos escritos, sopas de letras, palavras cruzadas e mensagens ocultas...”</i></p>
C3	<p><i>“...leitura, jogos também, canções (...) e tendo como exemplo aquilo que eles fizeram.”</i></p>
C4	<p><i>“...sigo bastante as propostas que estão no guia.”</i></p> <p><i>“...utilizamos o dia-a-dia para tentar identificar com as coisas da catequese (...) jogos, apresentações em PowerPoint, músicas...”</i></p> <p><i>“...tento sempre trazer coisas práticas (...) buscar coisas à internet (...) fazer recortes...”</i></p>
C5	<p><i>“...histórias contadas e eu tento por exemplo tirar do YouTube (...) recursos.”</i></p> <p><i>“...trabalhos manuais (...) bandas desenhadas.”</i></p>

Tabela 23 Prática educativa dos catequistas – Sessões da catequese: Métodos pedagógicos

Tempos e locais das sessões de catequese	
C1	<p><i>“Embora estejam depois aqueles 45 minutos nas salas com o ano propriamente dito. Aqueles vinte minutos que estão antes, dá para se conhecerem uns aos outros...”</i></p> <p><i>“...jogos ali fora (...) a dinâmica dentro do salão (...) fazemos visita às salas...”</i></p>
C2	<p><i>“...temos pouco tempo em relação ao horário da catequese, ao sábado é muito mau. A catequese lá ao sábado é péssima, não funciona... num mês acaba por ser três ou quatro encontros e acaba por ser muito limitativo.”</i></p>



C3	<i>“Nós começamos às três da tarde (...) acabamos por começar um quarto de hora vinte minutos depois (...) o tempo útil acaba por ser quase trinta minutos. Acaba por ser pouco tempo (...) não temos outro horário para a catequese.”</i>
C4	<i>“...uma vez por mês nós fazemos com o grupo uma catequese para todos e isso está dentro de uma proposta anual, normalmente essa catequese coincide com o dia da missa das crianças...”</i>
C5	—

Tabela 24 Prática educativa dos catequistas – Sessões da catequese: Tempos e locais das sessões de catequese

Categoria: Relação com os outros

Relação com os outros catequistas	
C1	<i>“...nunca trabalhei sozinho.”</i> <i>“...damos catequese em conjunto normalmente nos tempos fortes...”</i> <i>“...catequese todos juntos aqui no salão...”</i>
C2	<i>“...preparo a catequese sozinha (...) cada grupo prepara o seu encontro...”</i> <i>“...fazemos catequese em grupo.”</i> <i>“...nós como grupo organizamos a catequese para todos.”</i> <i>“...nós partilhamos umas com as outras...”</i> <i>“...sessões de catequese são preparadas individualmente.”</i>
C3	<i>“...às vezes ter ideias e partilhar com as colegas...”</i>



C4	<p><i>“Nós temos um catequista para cada grupo ...”</i></p> <p><i>“...aquilo que diz respeito à preparação de cada grupo é só da catequista.”</i></p> <p><i>“...uma vez por mês nós fazemos com o grupo uma catequese para todos...”</i></p> <p><i>“...todos os grupos trabalham em conjunto (...) são as catequistas todas a preparar essa sessão.”</i></p>
C5	—

Tabela 25 Prática educativa dos catequistas – Relação com os outros: Relação com os outros catequistas

Relação com os pais	
C1	<p><i>“...quisemos fazer não tanto para cativar as crianças mas, para cativar os pais.”</i></p> <p><i>“...os pais vão gostando, aprendendo e vão ficando...”</i></p> <p><i>“...é uma dinâmica familiar...”</i></p> <p><i>“E em vez de chegar aqui e deixarem os filhos tipo depósito não, os pais ficam.”</i></p> <p><i>“...foi um dos pais que pediu para cantarmos.”</i></p> <p><i>“...não temos reuniões de pais (...) há outros pais que vem tipo obrigação...”</i></p> <p><i>“...não resulta estar só os pais...”</i></p> <p><i>“...envolvemos os pais nessa dinâmica de iniciação da catequese...”</i></p> <p><i>“...Mas também os aproveitamos quando há as festas...”</i></p> <p><i>“...os pais gostam muito de ajudar desde que não estejam aqui fechados a responder a perguntas, eles participam muito.”</i></p>

C2	<p>“...não tem havido muito envolvimento dos pais...”</p> <p>“...quando é preciso alguma coisa eles aparece (...) participam muito (...) acompanham os filhos.”</p> <p>“...os pais na sua maioria são muito participativos, eu tenho essa sorte.”</p> <p>“...os pais vão mesmo como se fosse um ATL...”</p> <p>“...Exigem...”</p> <p>“Onde é que tá a responsabilidade de pais?”</p>
C3	<p>“...há pais que são muito assíduos...”</p> <p>“...eu posso contar com eles mas...”</p> <p>“...pais que precisavam de catequese são aqueles que não vão aparecer.”</p>
C4	<p>“...seria ótimo que os pais participassem mais (...) nós, tentamos sempre que os pais participem, às vezes nas lições de catequese e sempre na catequese em grupo.”</p> <p>“...tentamos através das crianças envolver os pais (...) quando as crianças convidam os pais, os membros da família aderem.”</p> <p>“...nos inícios dos anos fazemos uma reunião de pais...”</p> <p>“Mas o principal objetivo foi chegar aos pais (...) alguns pais que andam mais no Facebook (...) A forma como nos comunicamos com os pais é mesmo através de SMS...”</p> <p>“...eu acho que os pais entregam muito os filhos a catequese...”</p> <p>“...nem sempre estão disponíveis para fazerem a mesma caminhada que os filhos.”</p>
C5	<p>“...não tenho pedido a nenhum pai para vir dar catequese. Fiz isso no ano da primeira comunhão (...) Claro que eles não preparavam mas, eles vinham e partilhavam a sua experiencia.”</p>

Tabela 26 Prática educativa dos catequistas – Relação com os outros: Relação com os pais



1.2 Bloco temático: Experiência formativa e interesses de formação

Categoria: Experiência formativa

Participação em ações de formação	
C1	<p>“...eu fiz algumas formações para catequistas...”</p> <p>“Frequentei algumas que o patriarcado nos proporcionou...”</p> <p>“...normalmente é ao fim de semana...”</p> <p>“...muitas vezes não é fácil conciliar...”</p> <p>“...nós temos uma vertente de formação-oração (...) que o padre A. denominou «os catequistas rezam com o prior»...”</p>
C2	<p>“Eu fiz o curso de iniciação de catequese, depois fiz o nível 1, nível 2, nível 3...”</p> <p>“Cheguei a ir a encontros a Fátima, a retiros na Quinta das Tílias, na Buraca...”</p>
C3	<p>“...fiz uma de iniciação...”</p>
C4	<p>“...eu já fiz aquela formação inicial de catequistas (...) algumas formações que a paróquia propôs...”</p> <p>“...inscrevi-me para fazer a licenciatura em Ciências Religiosas...”</p>
C5	<p>“...só frequentei uma que foi logo ao início...”</p>

Tabela 27 Experiência formativa e interesses de formação – Experiência formativa: Participação em ações de formação

Pontos de vista sobre a formação	
C1	<p>“...muita formação eu trago já na minha bagagem...”</p> <p>“...gosto menos ou gosto mais se eu me identifico mais ou menos com aquele tipo de formação...”</p> <p>“...há métodos com os quais eu me identifico e outros que não me identifico de todo...”</p> <p>“...acho que sim que o patriarcado tem vindo a melhorar a formação (...) tem havido muita oferta e diversificada (...) acho que se formou ali uma boa dinâmica...”</p> <p>“...formação devia ser mais participativa...”</p>
C2	<p>“...não gostei porque não tava preparada (...) e achei muito maçudo, não coincidia a formação com aquilo que tínhamos em mãos na altura...”</p> <p>“...em relação às outras que tive antes ajudaram-me bastante.”</p> <p>“...há muitas que são mais uma formação.”</p>
C3	<p>“... gostei muito (...) eu acho que eram pessoas muito experientes...”</p> <p>“...gostei muito e aprendi muito com eles (...) tive pena que não durasse mais tempo.”</p> <p>“...devemos frequentar formações...”</p>
C4	<p>“...eu acho que também não há assim muita aderência (...) até se propõem as coisas e as pessoas não vão.”</p> <p>“...não vejo as catequistas a procurarem muita formação...”</p> <p>“...como catequistas ficamos muito pela rama...”</p>
C5	<p>“...era mesmo tipo uma introdução...”</p> <p>“...foi interessante.”</p>

Tabela 28 Experiência formativa e interesses de formação – Experiência formativa: Pontos de vista sobre a formação



Categoria: Interesses e necessidades de formação

Conteúdos/Temáticas	
C1	<p>“...é dar a conhecer Jesus às pessoas.”</p> <p>“...seria muito giro até para adultos fazer essa formação de quem é Jesus.”</p>
C2	<p>“...fidelidade, respeito... por onde passa o respeito em relação aos pais e aos adolescentes porque às vezes as crianças sofrem por essa falta de respeito nas famílias, em relação ao amor... não o egoísmo, mas o amor, sei lá que mais...”</p>
C3	<p>“Catequese de adultos...”</p> <p>“...como lidar com as crianças...”</p> <p>“...uma questão pedagógica (...) a parte humana, a parte psicológica, didática...”</p> <p>“...às vezes faz-nos falta saber comunicar com eles...”</p>
C4	<p>“... pedagogia (...) a parte de conhecer o crescimento das crianças, a parte mais comportamental (...) como envolver os pais na catequese (...) partilhar estratégias...”</p> <p>“...podemos reforçar a parte teórica.”</p> <p>“...como é que se pode ensinar as crianças...”</p> <p>“...tem haver com aquilo que as catequistas podem viver umas com as outras...”</p> <p>“...formas diferentes de rezar...”</p> <p>“...coisas sobre a bíblia...”</p>
C5	<p>“Formação bíblica (...) sobre a liturgia (...) métodos que possamos utilizar.”</p> <p>“...outras dinâmicas...”</p>

Tabela 29 Experiência formativa e interesses de formação – Interesses e necessidades de formação: Conteúdos/Temáticas

Métodos pedagógicos	
C1	<p>“...devemos participar ativamente...”</p> <p>“...há pontos de vista que nós podemos partilhar...”</p> <p>“...dar-nos oportunidade para questionar.”</p>
C2	—
C3	—
C4	<p>“...nós podíamos recorrer a outros métodos (...) podia-se por exemplo aproveitar coisas que os outros catequistas estão a fazer e partilhar...”</p> <p>“...tem de ser coisas muito práticas...”</p>
C5	“...trabalho de grupo...”

Tabela 30 Experiência formativa e interesses de formação – Interesses e necessidades de formação: Métodos pedagógicos

Tempos e locais para a formação	
C1	<p>“...se puderem ser locais, melhor...”</p> <p>“Porque nos dá mais facilidade para tirarmos uma ou duas horas, sem termos de tirar o dia todo.”</p> <p>“...não só a paróquia mas, duas, três paróquias, são zonas muito mais perto, seria muito mais fácil...”</p> <p>“...para os catequistas se conhecerem e estarem mais à vontade para se questionarem.”</p> <p>“...é identificativo com a zona onde moramos...”</p>
C2	“...devia haver formações aqui na paróquia com pessoas que conseguissem cativar...”
C3	—
C4	“...eu, por exemplo, muitas sextas não posso ir todas. Mas, se calhar, fazer algumas sessões e as pessoas puderem ir ou inscreverem-se em sessões que sentissem que fossem mais importantes.”
C5	—

Tabela 31 Experiência formativa e interesses de formação – Interesses e necessidades de formação: Tempos e locais para a formação



2. Análise da entrevista ao pároco

2.1 Bloco temático: Organização da catequese paroquial

Actual organização da catequese paroquial	
Pároco	<i>“A CP está dividida em seis centros Catequéticos (...). Seguimos os manuais propostos pela Diocese e empenhamo-nos nas iniciativas pastorais que o Departamento da Catequese lança (...). Os responsáveis por cada centro de Catequese reúnem-se trimestralmente com o Prior para definir calendário e programar as várias atividades de cada volume.”</i>

Tabela 32 Organização da catequese paroquial – Actual organização da catequese paroquial

Expectativas em relação à catequese paroquial	
Pároco	<i>“Evidentemente, ainda há muito a fazer a nível da participação litúrgica e comunitária. Falta ainda uma maior sensibilização da participação ativa tanto das crianças como dos pais na vida diária da comunidade.”</i>

Tabela 33 Organização da catequese paroquial – Expectativas em relação à catequese paroquial



2.2 Bloco temático: Visão sobre a formação de catequistas

Oferta formativa	
Pároco	<i>“Para além das ações de formação Diocesana, há, também os encontros formativos promovidos pela Vigararia de S. (...). A nível Paroquial temos desenvolvido os encontros de oração e reflexão com o Prior (Advento e Quaresma).”</i>

Tabela 34 Visão sobre a formação de catequistas – Oferta formativa

Avaliação sobre a oferta formativa	
Pároco	<i>“É de nível bastante bom! São encontros bastante bem preparados, com conteúdo e de uma atualidade enquadrada no tempo e na ação.”</i>

Tabela 35 Visão sobre a formação de catequistas – Avaliação sobre a oferta formativa

Áreas de formação importantes na formação de catequistas	
Pároco	<i>“Tudo começa com uma boa formação humana e cristã. (...) Teologia e Espiritualidade parecem-me duas dimensões em falta.”</i>

Tabela 36 Visão sobre a formação de catequistas – Áreas de formação importantes na formação de catequistas

Organização da formação para os catequistas da paróquia	
Pároco	<i>“...penso que a frequência dos módulos da Escola de Leigos poderia ser um contributo formativo de muito interesse.”</i>

Tabela 37 Visão sobre a formação de catequistas – Organização da formação para os catequistas da paróquia

3. Análise das entrevistas aos formadores

3.1 Bloco temático: Prática educativa

Motivos para ser formador	
F1	<p><i>“...me terem pedido para ajudar outros catequistas a prepararem as sessões e ainda me terem pedido para ser a responsável paroquial e depois também vicarial.”</i></p> <p><i>“...a minha área profissional já estava ligada à formação, sentia-me bem nesses trabalhos.”</i></p>
F2	<p><i>“...pensei que a minha contribuição seria muito importante, para ajudar outros cristãos a serem catequistas. Surgiu então a oportunidade de poder participar num curso de formador de catequistas...”</i></p>

Tabela 38 Prática educativa – Motivos para ser formador

Preparação das sessões de formação	
F1	<p><i>“...está tudo contido nos próprios instrumentos de trabalho que nós temos (manuais e guião do formador).”</i></p> <p><i>“Claro que a minha preparação passa também por toda a formação que vou adquirindo.”</i></p> <p><i>“Propomos que comecem pelo curso de iniciação e depois oferecemos um percurso em módulos com conteúdos de Doutrina, psicologia, pedagogia e catequética.”</i></p> <p><i>“Procuramos que o método siga os passos de uma sessão de catequese para que seja uma formação teórico-prática.”</i></p> <p><i>“Os tempos e locais deixamos a critério de cada vigararia e procuramos adaptarmo-nos às necessidades e possibilidades de cada comunidade.”</i></p>



F2	<p><i>“As formações têm essencialmente um período de duração de 16H00 e são preparadas em grupo, com os outros formadores da vigararia...”</i></p> <p><i>“...os temas são trabalhados em conjunto, em que cada um coloca a sua experiência e a sua formação pessoal, cada formador fica responsável por apresentar e desenvolver um módulo, apesar de haver sempre o apoio e a colaboração dos outros elementos.”</i></p>
----	---

Tabela 39 Prática educativa – Preparação das sessões de formação

Avaliação da prática formativa	
F1	<p><i>“A avaliação passa muito pelo feedback dos catequistas participantes.”</i></p>
F2	<p><i>“...são os formandos que nos avaliam, em várias vertentes por escrito, e essa avaliação é enviada para o Secretariado Diocesano da Catequese, que por sua vez dá conhecimento e a discute com os Párocos.”</i></p>

Tabela 40 Prática educativa – Avaliação da prática formativa



3.2 Bloco temático: Experiência formativa

Frequência em formações para formadores	
F1	<i>“...todas as formações que me tem sido proporcionadas foram por formadores mais antigos e com mais competências nas diferentes áreas e procuro sempre estar em formação contínua...”</i>
F2	<i>“Frequentei uma formação ministrada por alguns membros que constituem o Secretariado Diocesano da Catequese...”</i>

Tabela 41 Experiência formativa – Frequência em formações para formadores

Organização da formação	
F1	<i>“Parece-me bem organizada e agrada-me que seja muito baseada na prática, para não haver o risco de cair numa formação teórica. Parece-me que está bem organizada.”</i> <i>“Na nossa diocese chegou-se a um modelo por módulos que parece ser o que melhor se adapta à nossa realidade.”</i>
F2	<i>“Teve lugar em Lisboa e teve uma duração de um ano, organizado pelo Secretariado Diocesano da Catequese, onde tive o privilégio de poder ter formação em diversos módulos (...) foi ministrada por alguns elemento do Secretariado (...), cada um desenvolvendo o tema da sua área específica, os temas que foram apresentados, foram essencialmente os que são ministrados nas formações dos cursos de iniciação, mas nesta formação, estes, foram apresentados e estudados de uma forma muito mais profunda. As avaliações eram sempre feitas mensalmente em que tínhamos que apresentar um trabalho sobre o tema apresentado e era corrigido e era-lhe atribuído uma classificação.”</i>

Tabela 42 Experiência formativa – Organização da formação

Avaliação acerca da formação frequentada	
F1	<i>“...pela minha experiência, penso que o mais importante na formação dos catequistas formadores é mesmo a vivência pessoal como cristãos e como catequistas e a aquisição sistemática e continua de conhecimentos nas diferentes vertentes da formação...”</i>

F2	<i>“Esta formação foi bastante importante, porque me ajudou a ter mais conhecimentos em algumas matérias, conhecimentos esses que me ajudaram a estar mais bem preparada para poder ajudar os catequistas, que procuram esta formação. Claro que esta formação, apesar de ter sido importante, não foi suficiente para começarmos a dar formação, foi necessário um trabalho pessoal...”</i>
----	--

Tabela 43 Experiência formativa – Avaliação acerca da formação frequentada

Melhor forma de organizar formações de catequistas	
F1	<i>“A formação de catequistas não está uniformizada nas diferentes dioceses do nosso país. Ainda agora participei num encontro de formadores e pude constatar modelos diferentes do que temos na nossa diocese e que parecem interessantes mas não aplicáveis cá.”</i>
F2	<p><i>“...a formação de catequistas tem que preparar também os novos catequistas, para poderem responder também às necessidades das famílias, preparar também os catequistas para lidar com uma realidade, que já é tão frequente neste momento, que é a de crianças e jovens de pais separados.”</i></p> <p><i>“Relativamente à organização destas formações, penso que antes de mais devemos saber, em traços gerais, que grupo está inscrito e que características tem para podermos ir ao encontro dos catequistas...”</i></p> <p><i>“...porque muitas vezes não temos conhecimento de quem está inscrito, só no dia é que temos um pouco o conhecimento do grupo que iremos ter durante aquela formação.”</i></p> <p><i>“Em relação ao tempo de formação penso que em 16 horas, ninguém consegue sair formado de nada, só consegue ter alguns conceitos sobre o que é ser catequista, do que é a catequese, para quem se dá a catequese, dar a conhecer alguma forma de dar catequese, tudo muito no geral...”</i></p> <p><i>“...mas penso que seria ideal aumentando o tempo de formação, com algumas sessões presenciais e outras sessões, utilizando uma plataforma informática, que ligaria o formador e todos os formados entre si...”</i></p>

Tabela 44 Experiência formativa – Melhor forma de organizar formações de catequistas



4. Análise das notas de campo

4.1 Bloco temático: Organização e gestão da formação

Material utilizado	
N1	<p><i>“Para este momento a formadora recorreu a uma apresentação em PowerPoint e para isso utilizou um computador e o material de reprodução.”</i></p> <p><i>“Nessa sala foi montado o retroprojeter e o computador novamente. Quando entramos na sala uma das mesas tinha algumas folhas e a formadora estava a colocar uma barra cronológica numa das paredes da sala.”</i></p>
N2	<p><i>“Questionou se não era possível colocar o computador para passar umas imagens na parede e pediu também a barra cronológica que tinha deixado na sala de catequese onde tínhamos estado na sessão anterior.”</i></p>
N3	—

Tabela 45 Organização e gestão da formação – Material utilizado na formação

Espaços utilizados	
N1	<p><i>“O acolhimento e as sessões de formação tiveram lugar no salão paroquial da paróquia de Sintra.”</i></p> <p><i>“Os grupos dividiram-se pelos diversos espaços...”</i></p> <p><i>“Às 14 horas o grupo reuniu-se tal como combinado numa sala que normalmente é sala de catequese...”</i></p>
N2	<p><i>“Quando chegou uma formanda com as chaves encaminharam o grupo para o segundo andar onde existe uma sala de catequistas, uma sala de reuniões usada usualmente para atividades do grupo de jovens e outra sala de reuniões. Para esta formação ocupou-se a sala que é utilizada pelos jovens.”</i></p> <p><i>“Os grupos de trabalho dividiram-se pelas salas...”</i></p>
N3	<p><i>“A sessão de formação decorreu no mesmo local da sessão anterior, na sala do grupo de jovens.”</i></p>

Tabela 46 Organização e gestão da formação – Espaços utilizados

Tempo	
N1	<p><i>“No dia 12 de Janeiro iniciou-se o curso de formação geral para catequistas, Modulo I Doutrina na paróquia de São Miguel e Santa Maria de Sintra.”</i></p> <p><i>“Para a realização da ficha de trabalho 1 (...) foi dado aos grupos cerca de 40 minutos...”</i></p> <p><i>“Questionou o grupo sobre o tempo que necessitava para o almoço se concordava ser até às 14horas, uma hora para almoçar.”</i></p> <p><i>“O primeiro dia terminou pelas 17 horas e ficou combinado que no próximo sábado dia 19 de Janeiro a sessão começaria as 9horas e terminaria pelas 17horas.”</i></p>
N2	<p><i>“Após a sessão do dia 19 de Janeiro ter sido cancelada (...) no dia 26 de Janeiro deu-se continuidade as sessões de formação. O início dos trabalhos estava programado para às nove horas contudo as instalações não estavam abertas nesse horário.”</i></p> <p><i>“Às 10:30 minutos os grupos voltaram-se a encontrar para o plenário.”</i></p> <p><i>“...neste momento foi agendada o próximo dia de formação para o dia 16 de Fevereiro e o exame marcado para o dia 23 de Fevereiro pelas nove horas.”</i></p>
N3	<p><i>“Tal como estava combinado a ultima sessão do Modulo I do curso de formação geral de catequistas decorreu no dia 16 de Fevereiro entre as 9h e às 17h.”</i></p> <p><i>“Às nove horas a formadora estava na sala a acolher os catequistas formandos que iam chegando.”</i></p> <p><i>“Como de costume foi dado cerca de 30minutos para se concretizar esse trabalho...”</i></p> <p><i>“ Para esta atividade a formadora deu-nos cerca de 40 minutos...”</i></p> <p><i>“Combinou-se que às 14 horas retomáramos a formação e assim foi.”</i></p>

Tabela 47 Organização e gestão da formação – Tempo

Participantes	
N1	<p><i>“É de referir que da parte da manhã estavam 9 pessoas, sendo 8 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Estes catequistas eram oriundos 3 da paróquia de São João das Lampas, 1 da Paróquia de Colares, 1 da Paróquia de Cascais e os restantes pertenciam á unidade pastoral de Sintra (é um conjunto de 3 paróquias). Importa ainda referir que embora um dos requisitos para poder participar no curso era já ter frequentando o curso de iniciação de catequistas existe um elemento que ainda não tinha frequentado esse curso.”</i></p> <p><i>“Os participantes limitavam-se a responder as questões que a formador colocava sem fazerem grandes comentários e mantinham-se em silêncio. Notava-se que em pequenos grupos havia uma maior interação.”</i></p> <p><i>“Da parte da tarde estava um elemento novo e faltaram duas pessoas que estavam da parte da manhã.”</i></p>
N2	<p><i>“É de referir que da parte da manhã estiveram presentes nove elementos, os mesmos que na sessão anterior, embora um dos elementos na parte inicial da manhã esteve durante alguns momentos ausente.”</i></p> <p><i>“...nesta parte estavam presentes apenas oito elementos.”</i></p>
N3	<p><i>“Neste dia faltou um elemento por isso o grupo de participantes passaram a ser de oito elementos apesar de um desses elementos chegar atrasado.”</i></p>

Tabela 48 Organização e gestão da formação – Participantes



4.2 Bloco temático: Metodologias utilizadas

Conteúdos programáticos	
N1	<p>“... o formador mencionou que íamos iniciar a parte I «A Aliança de Deus com a Humanidade» sendo o tema 1 «A história da Salvação». E iniciamos com o subtema A «O que é a Bíblia».”</p> <p>“... desta forma deu-se início ao subtema 4, redenção...”</p>
N2	—
N3	—

Tabela 49 Metodologias utilizadas – Conteúdos programáticos

Métodos pedagógicos	
N1	<p>“...o formador iniciou a sessão de formação com uma breve apresentação e solicitou aos participantes que se apresentassem dizendo a quanto tempo davam catequese; de que paróquia vinham; se já tinham frequentado alguma formação dirigida a catequistas.”</p> <p>“Após apresentação dos participantes seguiu-se a apresentação do curso nomeadamente do módulo I.”</p> <p>“A formadora dividiu os participantes em três grupos de três, depois referiu para termos atenção ao que ela fazia no decorrer do curso pois ia dar exemplos como se podia dinamizar uma sessão de catequese. Disse ainda que os grupos que se tinham formado se mantinham durante toda a formação.”</p> <p>“A oração foi feita em grupo, cada pessoa lia uma frase e depois todos respondíamos.”</p> <p>“Para isso solicitou para nos juntarmos em grupos e respondermos as perguntas da página 24. Antes de nos reunirmos em grupos a formadora fez questão de ler as perguntas que tínhamos de responder.”</p> <p>“À medida que os grupos iam respondendo a formadora ia escrevendo as respostas num quadro.”</p> <p>“A atividade chamava-se Jogo bíblico e foi pedido as pessoas para completarem o texto com o nome que faltava e identificarem o nome do livro e a passagem bíblica a que pertencia esse texto.”</p>

Posteriormente cada pessoa leu o seu texto e disse qual a passagem bíblica a que correspondia. (...) Conforme cada pessoa ia expondo a personagem que lhe tinha calhado e a passagem bíblica, era pedindo para ir a mesa onde estavam a folha e procurar a imagem referente a personagem e o século que correspondia. Depois ia a outra mesa onde a formadora estava sentada buscar bostick para colocar na barra cronológica que estava afixada na parede.”

“Depois quando todas as respostas foram apresentadas foi ver ao seu guião as respostas que lá tinha e acrescentou as que faltavam. Fez o mesmo com as restantes questões, no fim disse ao grupo para abrir o manual na página 29 pois nessa página apresenta-se uma síntese do subtema e ainda disse para depois em casa lermos os anexos que eram muito importantes para o exame.”

“O formador pediu para que alguém lesse o texto em voz alta para o grande grupo. De seguida leu as questões dessa ficha para que todos as compreendessem e disse para nos juntarmos em duplas para respondermos a primeira questão em conjunto. Depois as duas questões seguintes as respostas eram individuais e tivemos de escrever numa folha que depois entregamos ao formador.”

“O formador referiu que essas folhas seriam utilizadas no último dia aquando da celebração que íamos fazer.”

“Para concluir o dia de formação fizemos uma oração coletiva que se encontra referida na página 46 e 47.”

“Após a conclusão dos assuntos de cariz mais logísticos, a formadora pediu ao grupo para abrir o livro na página 17 para efetuarmos a oração. A seguir a formadora fez uma síntese dos temas abordados na sessão anterior...”

“Solicitou ao grupo para abrirem o manual (...) na ficha de trabalho existia três textos dividiu um texto por grupo e leu duas questões que em grupo os participantes tinham de responder.”

N2	<p><i>“A formadora pediu a cada grupo para ler o respetivo texto. Depois das leituras cada grupo foi respondendo as questões e a formadora fez um apanhado das respostas e quando necessário acrescentava alguns elementos.”</i></p> <p><i>“Depois disse que íamos passar a parte da expressão de fé para isso voltamos a reunirmos em pequenos grupos durante 30 minutos e depois ao meio dia voltamos a reunir em grande grupo.”</i></p> <p><i>“Para concluir o subtema 3, o formador fez uma síntese do que tinha sido falado na parte da manhã e reportou o grupo para a síntese da página 75, depois disse quais eram as questões que iam sair no exame referentes a este tema.”</i></p> <p><i>“Convidou os participantes a reunirem em pequenos grupos a lerem um poema da página 86 e depois responderem as questões da página 87 para às 15:30 minutos nos reunirmos em grande grupo.”</i></p> <p><i>“À hora marcada o grupo reuniu-se em plenário fez novamente a partilha e pelas 16h15m voltou aos grupos pequenos para concretizar a leitura de textos e responder a questões referentes a expressão de fé.”</i></p> <p><i>“...terminou-se o encontro com uma oração.”</i></p>
N3	<p><i>“De seguida a formadora informou que íamos começar a sessão com uma oração que estava no manual na pág. 13. Após esse momento foi efetuado por parte do formador uma breve síntese do programa do módulo...”</i></p> <p><i>“Posto isto solicitou que abrísssemos os manuais página 103/104 e pediu para nos reunirmos nos grupos de trabalho para lermos os textos e respondermos a questão.”</i></p> <p><i>“Depois da partilha de todos os grupos (3) e da síntese da formadora, foi-nos pedido para realizarmos a leitura da página 105 e respondermos á questão.”</i></p> <p><i>“A parte da tarde foi iniciada com uma síntese do tema 5 que foi trabalhado da parte de manhã e prossegue-se com o ultimo tema do módulo, o tema 6.”</i></p> <p><i>“Após essa reflexão em grande grupo, voltamos aos pequenos grupos para discutirmos e respondermos a ficha 6.2 e de novo tivemos cerca de 20 minutos para responder as questões.”</i></p> <p><i>“Indicou quais as respostas possíveis de sair no exame e concluímos a formação com uma oração.”</i></p>

Tabela 50 Metodologias utilizadas – Métodos pedagógicos



Metodologia de avaliação	
N1	<p><i>“No final do primeiro módulo os participantes terão de realizar um exame a fim de obter um certificado de participação. É ainda de referir que existe uma folha de presença que tem de ser assinada em cada dia de formação de manhã e à tarde para efeitos de contagem da carga horária, uma vez que é considerado como um fator importante para efeitos de certificação.”</i></p> <p><i>“Disse ainda que em cada subtema íamos encontrar questões para auto-avaliação e das quatro perguntas deste subtema no exame ia sair ou a questão número 2 ou a 4. Explicou ainda que o exame iria ter cinco questões, seria realizado num dia a marcar havíamos de combinar em grupo e demoraria cerca de duas horas. Para o exame podemos levar todos os livros que quisermos.”</i></p>
N2	–
N3	<p><i>“O exame ficou agendado para o dia 2 de Março pelas 9 horas no mesmo local.”</i></p>

Tabela 51 Metodologias utilizadas – Metodologia de avaliação



Anexo D – Informação dos inquéritos

O presente anexo apresenta as informações recolhidas através dos inquéritos por questionário aplicados aos catequistas, estando dividido da seguinte forma:

- Dados Pessoais
- Formação
- Interesses e necessidades de formação
- Gestão e Organização da formação

1. Dados pessoais

Distribuição por Idade

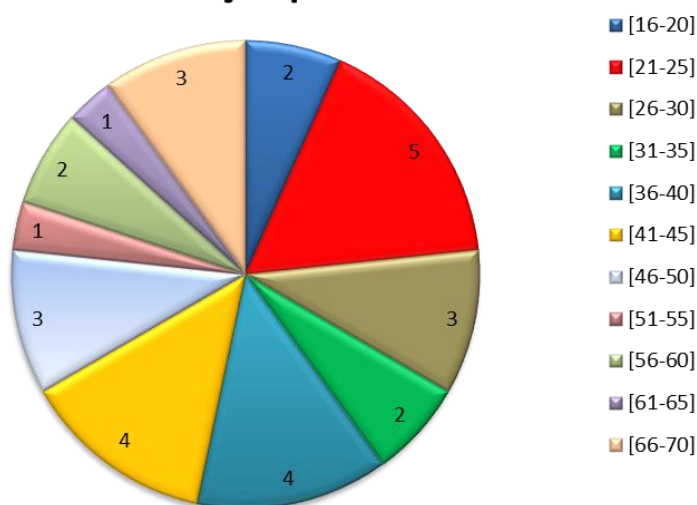


Gráfico 7 Dados Pessoais: Distribuição por idade

De acordo com o apresentado no Gráfico 7, verifica-se que cinco dos inquiridos encontram-se na faixa etária dos 21 aos 25 anos, sendo seguido pelos grupos etários dos 36 aos 40, e dos 41 aos 45 anos, ambos com quatro elementos. De seguida encontra-se os grupos dos 26 aos 30, 46 aos 50, e dos 66 aos 70 anos todos com três elementos cada.

Distribuição por Género

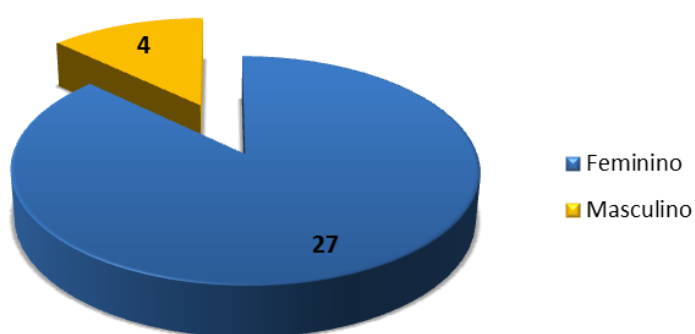


Gráfico 8 Dados Pessoais: Distribuição por género

No que diz respeito ao género, vinte e sete dos inquiridos são do sexo feminino, sendo os restantes quatro do sexo masculino.

Habilitações Literárias

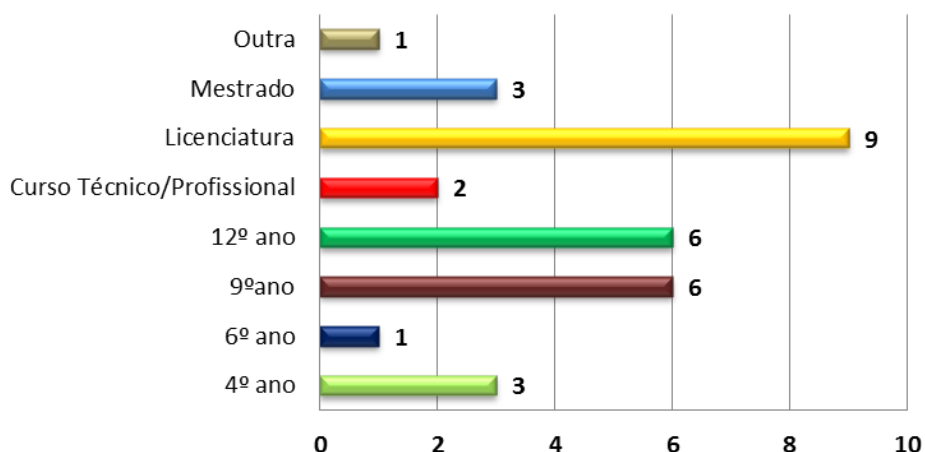


Gráfico 9 Dados Pessoais: Habilitações literárias

Quanto ao nível de habilitações observa-se que no total de trinta e um catequistas nove são licenciados, três têm o grau de mestre. Dos restantes inquiridos oito têm o ensino secundário completo, incluídos dois catequistas com o curso profissional equivalente. Os outros onze inquiridos têm habilitações iguais ou inferiores ao 9º ano.

Ocupação

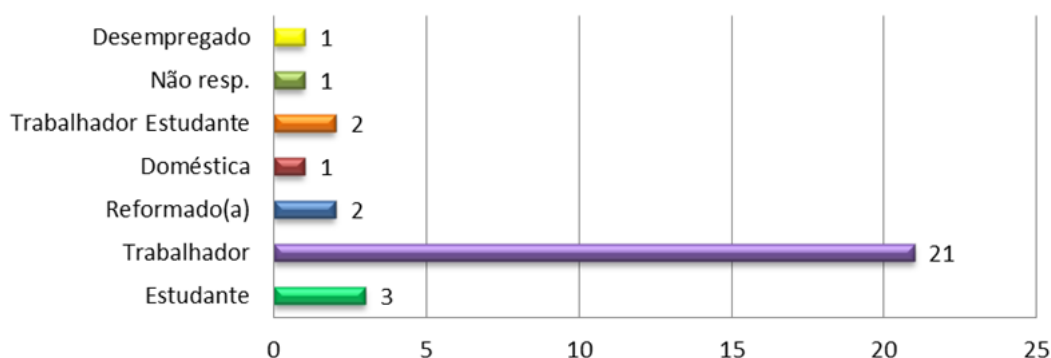


Gráfico 10 Dados Pessoais: Ocupação

Tal como podemos observar no Gráfico 10, vinte e um dos inquiridos tem uma ocupação profissional, três catequistas ainda se encontram a estudar, identificando-se dois elementos que são trabalhadores-estudantes. É de realçar que dois dos inquiridos são reformados, um está desempregado, um é doméstica e um elemento não responde.



Entre os que referem ter uma ocupação profissional identificaram-se as seguintes profissões:

- 5 Administrativos;
- 2 Contabilistas;
- 2 Professores;
- 1 Auxiliar de educação;
- 1 Bancária;
- 1 Controle de Qualidade;
- 1 Cozinheira;
- 1 Empregada Doméstica;
- 1 Engenheira Telecomunicações;
- 1 Esteticista;
- 1 Explicadora,
- 1 Gestora de Recursos Humanos;
- 1 Lojista;
- 1 Motorista;
- 1 Técnica Superior Educação Especial e Reabilitação.

2. Formação

Já frequentou alguma formação dirigida a catequistas?

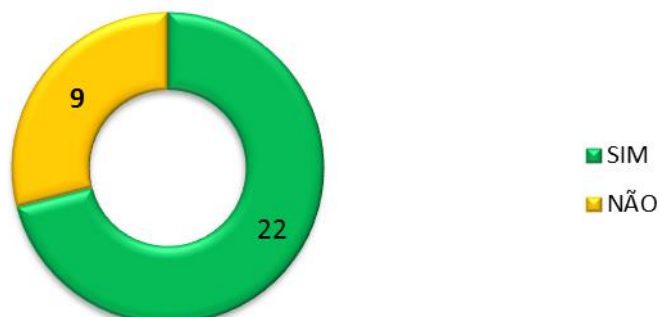


Gráfico 11 Formação: Participação em formações

No que se refere à participação em formação dirigidas a catequistas, compreende-se que vinte e dois dos inquiridos já frequentaram este tipo de formações.

Há quanto tempo?

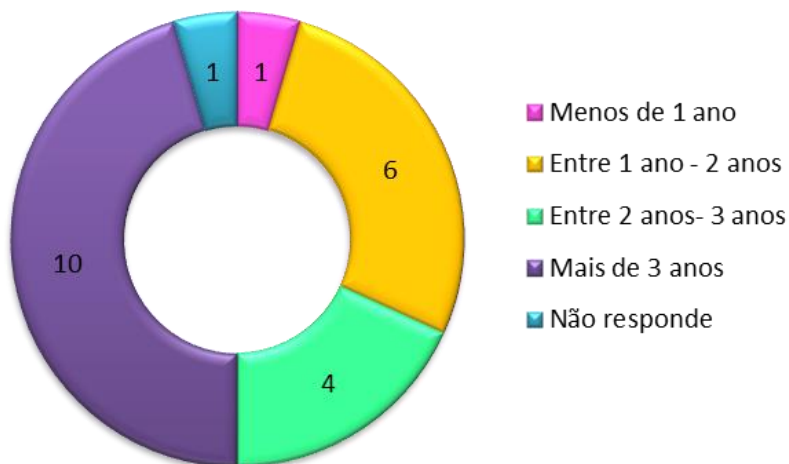


Gráfico 12 Formação: Tempo desde a última formação

No Gráfico 12 verifica-se que dez dos participantes não frequentam formação há mais de três anos. Os catequistas que não participam numa formação no intervalo de tempo de 1 a 2 anos simbolizam uma fatia de seis elementos. Observa-se que quatro dos indivíduos não participam numa formação entre os 2 e os 3 anos. Percebe-se que só um catequista participou numa formação há menos de 1 ano, e outro não responde.

Qual o(s) conteúdo(s) abordados?

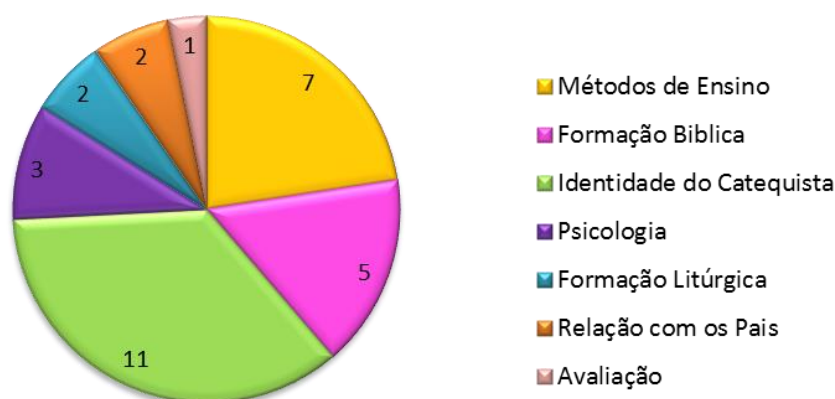


Gráfico 13 Formação: Conteúdos abordados

Onze inquiridos referem que as formações já frequentadas abordaram a identidade do catequista, sendo seguidos por os métodos de ensino referidos por sete elementos. Em 16% das formações assistidas um dos conteúdos abordados é a formação bíblica e três inquiridos assinalam a psicologia. Em 5º lugar apresentam-se a formação litúrgica e a relação com os pais. Apenas um elemento aponta como conteúdo a avaliação.

Quais os métodos utilizados?

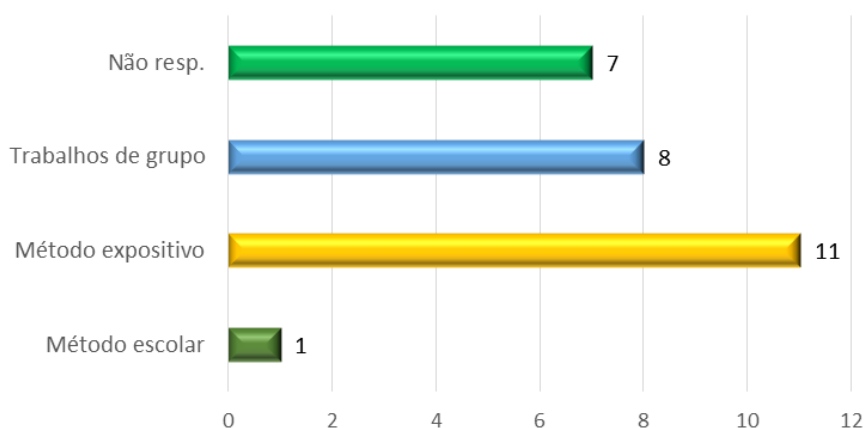


Gráfico 14 Formação: Métodos utilizados

Em relação aos métodos utilizados nas formações em que participaram, os catequistas revelam que em onze dos casos é o método expositivo e oito dos inquiridos afirmam que nas formações trabalharam em grupo. Importa referir que um



dos catequistas indica o método escolar na formação assistida e que sete dos inqueridos que dizem já ter participado em formações para catequistas não respondem a esta pergunta.

Qual foi a avaliação efetuada?

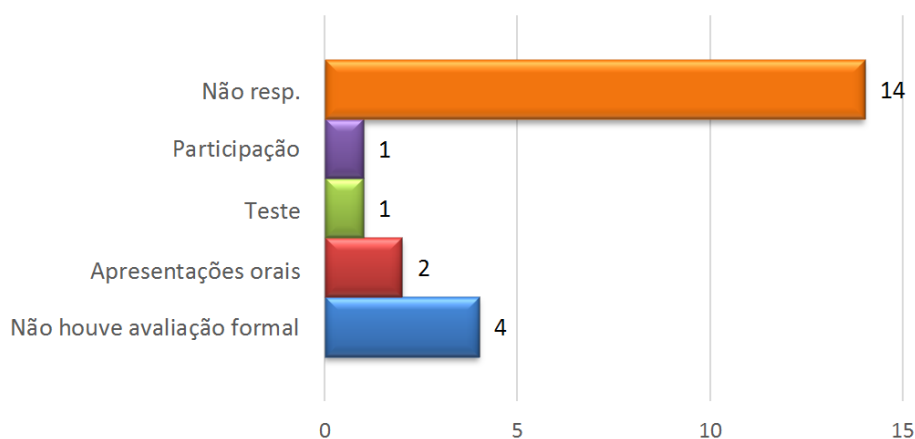


Gráfico 15 Formação: Avaliação efectuada

Em relação à questão de qual a avaliação efetuada, catorze dos catequistas não responderam, quatro referem que não houve avaliação formal. Com menores referências registam-se as apresentações orais com, a avaliação por participação e por fim os testes.

3. Interesses e necessidades de formação

Gostava de frequentar ação(ões) de Formação dirigidas a catequistas?

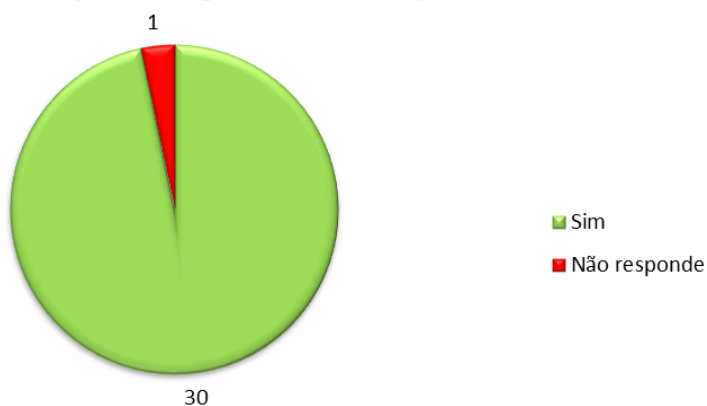


Gráfico 16 Interesses e necessidades de formação: Participação em formações futuras

Tal como observado no Gráfico 16, trinta dos catequistas gostariam de frequentar ações de formação, sendo que um não respondeu.

Conteúdos que gostaria de abordar

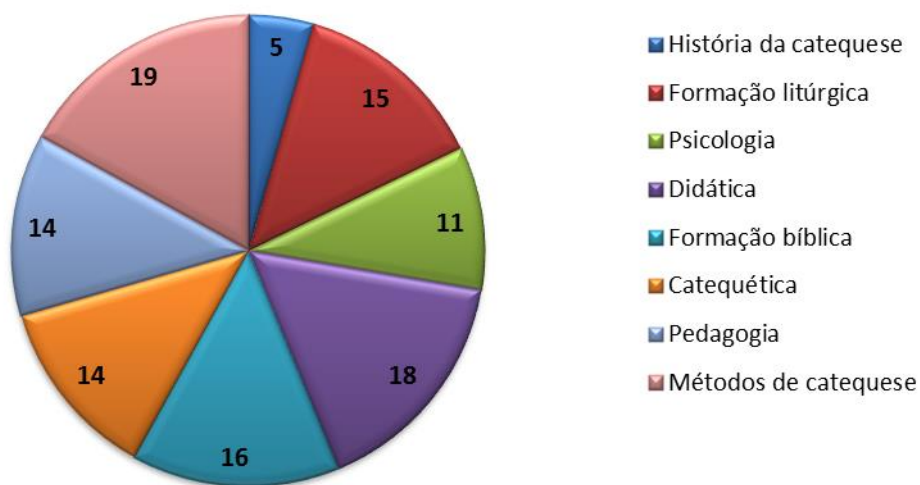


Gráfico 17 Interesses e necessidades de formação: Conteúdos de interesse

Os Inqueridos consideram que é importante abordar na formação os seguintes conteúdos: Métodos de Catequese (19); Didática (18); Formação Bíblica (16); Catequética (14); Formação litúrgica (14); Pedagogia (14); Psicologia (11); História da catequese (5).

Métodos/Dinâmicas indicados

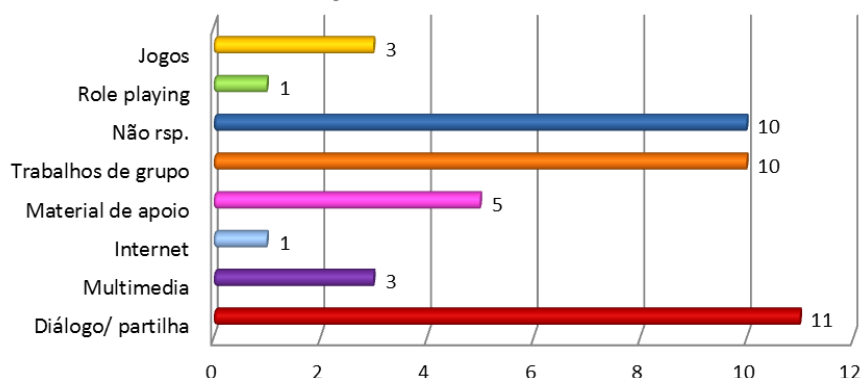


Gráfico 18 Interesses e necessidades de formação: Métodos/Dinâmicas

Dos métodos e dinâmicas indicados pelos catequistas inqueridos, podemos verificar que em primeiro lugar encontra-se o diálogo/partilha, seguido de trabalhos de grupo, em terceiro lugar está o material de apoio procedido pelos jogos e multimédia, por fim indicaram ainda *role playing* e internet. É de salientar que 10 dos catequistas não responderam.

Métodos de avaliação indicados

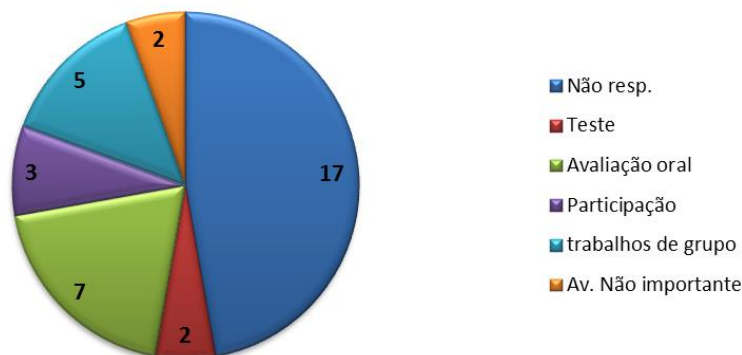


Gráfico 19 Interesses e necessidades de formação: Métodos de avaliação

No Gráfico 19 pode-se observar que dezassete dos participantes não referem qual o método de avaliação, e que dois consideram que a avaliação neste tipo de formação não é importante. No entanto, sete referem a avaliação oral como o método preferido, seguindo-se os trabalhos de grupo mencionados por cinco inquiridos. Por fim três consideram que a avaliação deve ser realizada consoante a participação e dois preferem serem avaliados por teste.

4. Gestão e organização da formação

Horários Favoritos

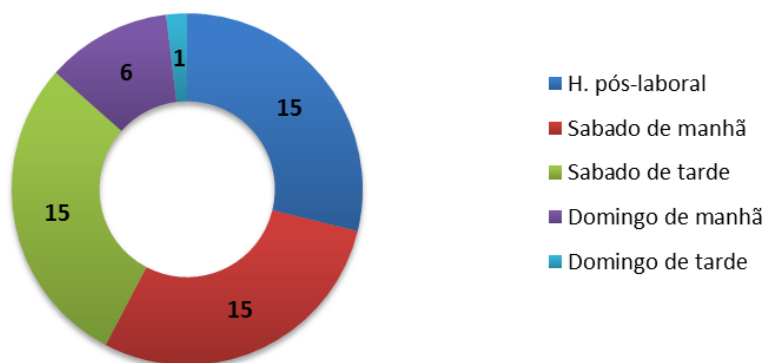


Gráfico 20 Gestão e organização da formação: Horários favoritos

Os catequistas indicam como os horários mais pertinentes para a formação o Sábado de manhã, Sábado de tarde e o horário pós-laboral. Indicam ainda seis elementos o Domingo de manhã e um elemento o Domingo de tarde.

Local Favorito

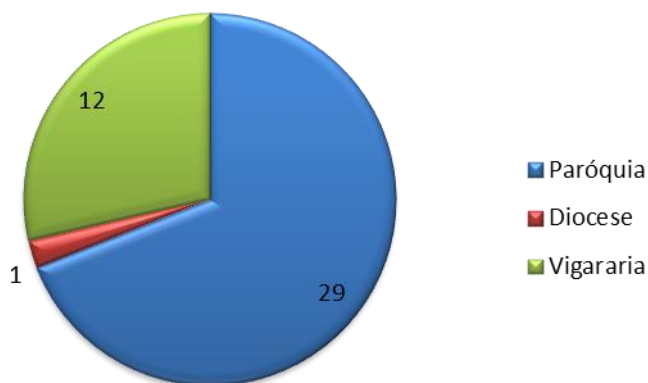


Gráfico 21 Gestão e organização da formação: Local favorito

Como local preferido para desenvolver uma formação de catequistas, vinte e nove dos inquiridos indicam a Paróquia, doze a Vigararia e apenas um indica a Diocese.

